

**REVISTA CIENTÍFICA COSMOS ACADÊMICO**  
**Volume 6, número 2 – Agosto a Dezembro de 2021**



C O S M O S  
ACADÊMICO 



**ISSN 2595-0304**

**REVISTA CIENTÍFICA COSMOS ACADÊMICO**  
**Volume 6, número 2**

**Cariacica**

**2021**

**EXPEDIENTE**

**Publicação Semestral**

**ISSN 2595-0304**

**Revisão Português**

**Andressa Borsoi Ignêz**

**Capa**

***Marketing Faculdade Multivix Cariacica***

*Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, os pensamentos dos editores.*

**Correspondências**

**Coordenação de Pesquisa e Extensão Faculdade Multivix Cariacica**

Rua 13 de Maio, 40, São Geraldo, Cariacica/ES | 29146-672

E-mail: [cosmosacademico@multivix.edu.br](mailto:cosmosacademico@multivix.edu.br)

**FACULDADE SÃO GERALDO MULTIVIX-CARIACICA**

**DIRETOR EXECUTIVO**

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

**DIRETORA ACADÊMICA**

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

**DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**

Fernando Bom Costalonga

**DIRETOR GERAL**

André Ferreira da Silva

**COORDENADOR ACADÊMICO**

Krisley Ferraresi Conceição Silva

**COMISSÃO EDITORIAL**

Alexandra Barbosa Oliveira

Krisley Ferraresi Conceição Silva

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

Cecília Montibeller Oliveira

**ASSESSORIA EDITORIAL**

Alexandra Barbosa Oliveira

Krisley Ferraresi Conceição Silva

**BIBLIOTECÁRIA**

Alexandra Barbosa Oliveira

**COORDENADORES DE CURSO**

Cecília Montibeller Oliveira

Flávia Pereira

Lucas Kaiser Costa

Marcella Gomes de Oliveira Lellis

Mary Zanandreia dos Santos Gambarini

Rafael Valencio

Rayane Cristina Faria de Souza

Tatiane Alves Ferreira

Revista Científica Cosmos Acadêmico / Faculdade Multivix  
Cariacica Ensino, Pesquisa e Extensão Ltda – v. 6. n. 2,  
2021 – Cariacica: MULTIVIX, 2021

Semestral  
ISSN 2595-0304

1. Produção Científica - Periódicos. I. Faculdade Multivix  
Cariacica.

*CDD. 005*

## APRESENTAÇÃO

Criada em 2016 e aprovada com registro ISSN: 2595-0304, a Revista Científica Cosmos Acadêmico visa à formação continuada dos professores e à iniciação à pesquisa dos estudantes de graduação da Faculdade Multivix Cariacica, abrindo espaço para colaboradores desejosos de compartilhar o conhecimento, constituindo-se em importante veículo de socialização e divulgação das produções entre docentes e discentes.

Através dessa Revista disponibilizamos à comunidade acadêmica trabalhos de diversos temas relacionados aos cursos ministrados na instituição de ensino, além de divulgar a produção intelectual da IES no cenário nacional e internacional, principalmente, na publicação de resenhas críticas e artigos científicos.

Após aprovação do Conselho Editorial, formado por docentes da Faculdade Multivix Cariacica, a revista objetiva publicações em período semestral, tempo que favorece a consistência e pertinência de bons trabalhos científicos em múltiplas áreas do saber. Sendo assim, nosso objetivo é de que através da revista, de publicação semestral, possamos articular pesquisa, extensão e ensino, abrangendo produção de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e artigos, proporcionando uma intervenção social, que visa à produção de conhecimento e sua aplicação nos âmbitos relacionados

Estamos abertos para contribuições diversas, críticas, que muito nos ajudarão na melhoria do trabalho acadêmico.

Que tenhamos todos uma boa leitura.

## SUMÁRIO

- IMPACTOS DA FALTA DE CICLOVIAS NA SEGURANÇA E BEM-ESTAR DOS CICLISTAS: ESTUDO DE CASO DO TRECHO DA RODOVIA BR-262 QUE LIGA ALTO LAJE A JARDIM AMÉRICA – CARIACICA/ES.....7**  
Amós Aparecido da Silva Hortelan, Ranimy Lara Lovatt, Sthefanny Sabrinny Porto Guimarães, Cecília Montibeller Oliveira
- VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: ANÁLISE DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO.....30**  
Amanda Rodrigues Pego Fernandes, Hanna Hellen Rodrigues, Jéssica Therezinha Vieira Poli, Sátina Priscila Marcondes Pimenta
- DEPRESSÃO INFANTIL E DEPRESSÃO MATERNA E SUAS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....53**  
Lara Lyandra Fernandes Ramos, Rafaela Sarte Magnago, Raiany Brunelia Alves Costa, Naiara Maria Batista
- A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NO PROCESSO DE INTERNAÇÃO EM MOMENTO DE PANDEMIA.....73**  
Aline da Silva Oliveira, Geiselle de Paula Borges, João Pedro Gomes, Larissa Bessert Pagung
- INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E GESTALT-TERAPIA: A INSERÇÃO DO JOVEM RECÉM-FORMADO NO MERCADO DE TRABALHO.....89**  
Gabriela Tongo de Moura, Karolina Lopes de Souza Salino, Livia Emanuelle Rodrigues de Souza Barros, Tatiana Santos Luchi Peçanha
- A MÚSICA COMO RECURSO NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DE ANSIEDADE.....110**  
Fabiane Silva Moraes Arpini, Fernanda Neitzel Cypreste, Vanda Nolasco Sepulcro, Naiara Maria de Oliveira Batista



## **IMPACTOS DA FALTA DE CICLOVIAS NA SEGURANÇA E BEM-ESTAR DOS CICLISTAS: ESTUDO DE CASO DO TRECHO DA RODOVIA BR-262 QUE LIGA ALTO LAJE A JARDIM AMÉRICA – CARIACICA/ES**

Amós Aparecido da Silva Hortelan<sup>1</sup>; Ranimy Lara Lovatti<sup>1</sup>; Sthefanny Sabrinny Porto Guimarães<sup>1</sup>; Cecília Montibeller Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduandos em Engenharia Civil pela Multivix Cariacica.

<sup>2</sup>Engenheira Civil (Multivix Vitória), Mestre em Engenharia Urbana e Ambiental (PUC-RIO), Professora Multivix Cariacica.

### **RESUMO**

Uma série de aspectos voltados a sustentabilidade, segurança e bem-estar foram abordados nesta pesquisa, com a intenção de nos levar a resposta do problema mencionado, neste contexto em que a falta de ciclovias impacta de forma extremamente negativa no dia a dia dos ciclistas que circulam na BR-262, no trecho que liga Alto Laje a Jardim América. A bicicleta ao longo dos anos vem ganhando notoriedade aos meios urbanos, mas a falta de infraestrutura prejudica na sua utilização de forma segura. A localidade não apresenta uma estrutura para os ciclistas circularem de forma segura, a falta de ciclovia acaba não promovendo um ambiente democrático e deixa de dispor de uma via reservada ao ciclista para sua proteção. O estudo analisou as respostas do questionário que foi elaborado, e os resultados revelaram que uma percentagem alta de pessoas não utiliza a bicicleta por insegurança, pela falta de investimento dos governantes na infraestrutura no que se refere ao ciclismo. Por fim, a escassez de ciclovias influencia diretamente na utilização de bicicletas nos meios urbanos, sendo a bicicleta deixada em segundo plano devido à falta de segurança nas vias urbanas.

**Palavra-Chave:** Sustentabilidade, ciclovias, bicicleta, segurança.

## ABSTRACT

A series of aspects related to sustainability, safety and well-being were addressed in this research, with the intention of leading us to the answer to the mentioned problem, in this context in which the lack of bike lanes has an extremely negative impact on the daily lives of cyclists who circulate on BR-262, on the stretch that connects Alto Laje to Jardim América. The bicycle over the years has been gaining notoriety in urban areas, but the lack of infrastructure hinders its safe use. The locality does not have a structure for cyclists to circulate safely, the lack of a bike path ends up not promoting a democratic environment and no longer has a lane reserved for cyclists for their protection. The study analyzed the answers to the questionnaire that was prepared, and the results revealed that a high percentage of people do not use the bicycle due to insecurity, due to the lack of investment by governments in infrastructure with regard to cycling. Finally, the scarcity of cycle paths directly influences the use of bicycles in urban areas, with the bicycle being left in the background due to the lack of safety on urban roads.

**Keywords:** Sustainability, bike paths, bicycle, safety.

## 1. INTRODUÇÃO

Ergueu-se na década de 90 um debate sobre melhorias ambientais, ou seja, qualidades sustentáveis que os uso das bicicletas acarretariam, levando em consideração o aumento de gases poluentes transmitidos para atmosfera por automóveis e também o tempo perdido para percorrer grandes distâncias nas metrópoles, pois o grande fluxo de veículos forma engarrafamentos nas grandes vias. (BINATTI, 2016)

Falando em números, o Brasil tem cerca de 70 milhões de bicicletas, mas quase não possui ciclovias ou ciclo faixas. O especialista em mobilidade Alexandre Delijaicov, da Universidade de São Paulo, entrevistado pelo site G1 em 2014, afirmou que um terço de todas as viagens são feitas a pé, por pessoas que não possuem condições de ter um carro, o que para ele caracteriza um problema de falta de priorização dos ciclistas.

A aplicação de verbas públicas priorizando a mobilidade dos ciclistas, não significa renúncia aos demais modais de transporte e sim agregar a estes mais um meio de locomoção, o que beneficiará a todos pedestres, ciclistas e condutores de automóveis. Araújo (2014) ressalta que é possível ciclistas e veículos automotores compartilhem as vias urbanas, destacando a relação direta da infraestrutura com a segurança de todos.

Neste contexto em que as cidades crescem desordenadamente, a população que habita nelas tem optado por veículos motorizados, desta forma, o foco do crescimento quando se fala em mobilidade todos os investimentos são direcionados para os modais baseados em automotores, ficando em segundo plano a criação de seguros para os cidadãos que utilizam o ciclismo como forma de locomoção. (ARAÚJO, 2014)

A falta de ciclovias no município de Cariacica é um mal que atinge a todos os ciclistas que utilizam as ruas da cidade, seja por esporte ou por meio de transporte. Essa falta viabilizou uma pesquisa que visa resultados relativos à melhoria do estilo de vida, sustentabilidade e segurança dos usuários. É importante ressaltar que os motivos que levaram os autores a abordar este tema, foram os diversos relatos de indivíduos conhecidos e pessoas que utilizam a via estudada, a respeito dos desafios enfrentados por eles no dia a dia com a bicicleta.

Os desafios encontrados diariamente nas ruas por falta de ciclovias e ciclo faixas, falta de um espaço para pedalar, faz com que os ciclistas se arrisquem. A falta de estrutura junto a falta de respeito em meio ao trânsito, traz muitos riscos a quem se expõe.

Sendo assim, o foco desta pesquisa é tratar sobre a falta de ciclovias que interligam Alto Laje e Jardim América, Cariacica – ES, através de um questionário para analisar a situação dos ciclistas que utilizam a via, buscando entender através das opiniões de ciclistas, pedestres e condutores de automóveis o quanto satisfaz a estes os seguintes pontos: infraestrutura, segurança, sustentabilidade e o bem estar no trecho estudado e ainda como poderiam impactar de forma positiva a estes mesmos fatores se houvesse um investimento para criação de ciclovias ou ciclo faixas.

Explorar os motivos pelos quais as criações de novas ciclovias melhorariam a segurança dos ciclistas e o quanto agregariam a sustentabilidade de maneira a influir

também no bem-estar dos usuários são partes que constituem o objetivo desta pesquisa, o que possibilitará uma construção de camadas para chegar aos resultados de forma embasada em quem mais entende dos desafios enfrentados por este público, os usuários das vias do município em questão.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 MODAL NA MOBILIDADE URBANA**

Por muitos anos não se obteve uma grande estratégia de investimento em relação aos transportes públicos, que ocasionou em aumento no volume de automotivos individuais, moldando a forma como nos locomovemos. Por este motivo, essa discussão vem ganhando mais ênfase nos meios estudantis e até mesmo políticos. As manifestações que ocorreram em junho de 2013, que foi chamada de “Jornada de Junho”, ajudaram a dar visibilidade a essa questão, colocando no centro dos temas abordados de como seria a mobilidade do futuro no Brasil. (ANDRADE et al, 2016)

As cidades enfrentam a cada dia questões mais difíceis e desafiadoras relacionadas à circulação de veículos e pessoas, que vêm comprometendo a qualidade de vida urbana. De acordo com o entendimento de Silva (2013), o planejamento urbano é um poderoso instrumento que auxilia os gestores municipais e tem como maior objetivo, fornece diretrizes e ações necessárias para a melhoria da mobilidade urbana e regulamentar a distribuição espacial da cidade.

A motocicleta age como um facilitador em questões relacionadas à mobilidade nos grandes centros urbanos, pela facilidade de escapar dos congestionamentos. Entretanto, há de se considerar que ela também contribui com emissão de poluentes e principalmente vem aumentando de forma considerável as estatísticas de acidentes de trânsito. (SANTOS, 2018)

Quando se fala em mobilidade é indispensável compreender como funciona a dinâmica das redes de circulação, elas são delimitadas basicamente pelo sistema viário e pelo planejamento, implantação e operação dos serviços de transporte público

coletivo, transporte aquaviário de passageiros, fretamento, transporte escolar, táxi, moto táxi e transporte urbano de carga. (SANTOS, 2018)

## **2.2 CENÁRIO DAS CICLOVIAS**

No Brasil, caracterizado pelo transporte rodoviário, as rodovias funcionam como vetores de crescimento das cidades por onde passa, fomentando o crescimento urbano no entorno dessas vias, porém, somente em raras exceções, estão preparadas para receber o tráfego de ciclistas. Dentre uma escolha de vida, mais saudável e sustentável ou por falta de acesso aos demais meios de transporte, a bicicleta, em alguns lugares do país desempenha um papel importante sendo o veículo de transporte essencial às pessoas em seu cotidiano. (MORAES, 2017)

Com a urbanização e fugindo dos engarrafamentos a bicicleta vem ganhando mais adeptos e usuários, nesse atual contexto, os ciclistas entram na disputa por espaço no caótico sistema de transporte urbano. Sem a presença de ciclovias ou ciclo faixas o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) postula que é permitido ao pedestre e ao ciclista transitar pelo acostamento das rodovias, assim como ao ciclista transitar no sentido da via de rolamento próximo ao meio fio, estando visível para que o veículo ao ultrapassá-lo mantenha distância segura do ciclista. (MORAES, 2017)

Os gestores públicos no Brasil necessitam enfrentar o desafio de apresentar soluções para o tráfego de 3,5 milhões de novos veículos que, a cada ano, passam a circular pelas vias urbanas do país, além da frota atual de 75 milhões. Em janeiro de 2012 foi sancionada pela Presidente da República a Lei 12.587/12, e desta forma foram instituídas as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana, conhecida como Lei da Mobilidade Urbana. Com isso, passou a exigir-se que os municípios com população acima de 20 mil habitantes, elaborem e apresentem plano de mobilidade urbana, com a intenção de planejar o crescimento das cidades de forma ordenada. Desta maneira, a citada Lei determina que estes planos priorizem o modo de transporte não motorizado e os serviços de transporte público coletivo. Quanto à situação da infraestrutura de ciclovias no Brasil, de acordo com um levantamento feito em 2014 junto às prefeituras das 26 capitais do Brasil, possuíam 1.118 km de ciclovias

– o que representou apenas 1% do total da malha viária das cidades – do total de 97.979 km de ruas. (MATIAS, 2017)

No ano de 2019, fez-se um comparativo entre o número de acidentes com ciclistas em relação ao ano de 2018 e foi constatado segundo o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) um aumento de 44% de um ano para o outro, sabendo que os dados foram colhidos entre janeiro e setembro de 2019. A FESC (Federação Espírito Santense de Ciclismo) relatou que o número de ciclistas no estado tem crescido, com um foco maior na região de Vitória, estando em cerca 4000 usuários transitando todos os dias. (G1 ES, 2019)

Em Vídeo conferência com a Defensoria Pública do Estado do ES, um grupo de ciclo ativistas se reuniu com as partes que compõe a Defensoria, sendo elas, NUDAM (Núcleo de Defesa Agrária e Moradia) e a GMOB (Grupo de Trabalho de Mobilidade Urbana) e discutiu sobre os problemas relacionados a mobilidade urbana e ciclovias na Grande Vitória. Na reunião foram apontados como os principais problemas causadores de acidentes relacionados a alta velocidade em vias públicas, a falta de ciclovias e a precariedade das estruturas já existentes. (ASCOM/DPE-ES, 2020)

André Cerqueira representante do Movimento Salva-Vidas no Trânsito aponta que a parte correspondente a mais de 50% dos óbitos no trânsito são motociclistas, pedestres e ciclistas. Em matéria publicada em 05 de setembro de 2019, o G1 citou vários exemplos de morte de ciclistas no trânsito incluindo a morte do Mecânico Luiz Fernando de Almeida, 22 anos, que morreu atropelado na BR 262 em Cariacica, atingido por um Caminhão; André Cerqueira cita os dados referentes aos óbitos descritos acima, da seguinte maneira: “Os vulneráveis no trânsito, a gente entende que são os motociclistas, pedestres e ciclistas, correspondem a mais de 50% dos óbitos, precisam ter mais educação no trânsito”. (G1 ES 2019)

No município de Cariacica, andar de bicicleta representa um grande risco, apesar de todo incentivo à saúde e o grande número de usuários de bicicleta, ainda existe uma carência de ciclovias no município, o que faz com que os ciclistas arrisquem suas vidas em um trânsito onde a única alternativa é dividir espaço com ônibus, caminhões e carros de passeio. Como exemplo desse déficit podemos citar a BR 262, objeto de

estudo neste trabalho, situação que se agrava com a falta de calçadas em grande parte da rodovia. (AGENDA, 2012)

Valdecir Bazilho é morador de Cariacica, ciclista e integra um grupo de ciclistas que se mobiliza em prol de uma ciclovia na BR 262, segundo Valdecir a cidade de Cariacica está muito atrasada em comparação a outros municípios. De fato, o total de ciclovias na cidade somam ao todo 12 KM, o que podemos entender da reivindicação do grupo ao qual Valdecir faz parte, é que eles buscam uma melhor ligação entre toda região metropolitana. (SÉCULO DIÁRIO, 2015)

### **2.3 OS EFEITOS DA FALTA DE CICLOVIAS PARA SEGURANÇA DOS CICLISTAS**

Segundo Cruz (2018), a construção de ciclovias é sinônimo de preservação de vidas, pois as bicicletas possuem grande fragilidade frente ao tamanho e velocidade de veículos automotores. O autor também preceitua que grande parte da população só adotará a bicicleta a partir do momento em que for oferecida a segurança necessária para o trânsito de ciclistas. Dados coletados apontam que 56% das pessoas que responderam à pesquisa só passariam a ter bicicletas e usá-las sendo ofertadas melhores condições, e desses 56%, 27% entendem a falta de ciclovias como falta de segurança.

Para Filho (2013), as bicicletas são um meio de locomoção que vem ganhando espaço nos últimos tempos, é utilizado como forma de lazer, como esporte e também como um simples meio de transporte. Entretanto a vida das pessoas que optam pela bicicleta não tem sido fácil, pelo fato de sofrerem tanto com a falta de espaço e desrespeito. As ciclovias são as vias que possibilitam passagem segura para os ciclistas, o que mantém os veículos longe das bicicletas, fazendo com que os condutores compartilhem espaço de maneira correta com as bicicletas. “É nas ciclovias que as bicicletas devem transitar e não dividindo pista com carros, caminhões e ônibus. Ciclovias salvam vidas!” (FILHO, 2013).

O Sistema único de Saúde (SUS) tem gastado mais de R\$ 15.000.000 (quinze milhões de reais) por ano, nos últimos dez anos só em tratamento de ciclistas feridos em acidentes com um aumento significativo no período de 57% entre os anos de 2010 e 2019; em 2010 o número era de 1024, subindo para 1610 no ano de 2019. Os dados

coletados ainda revelam que cerca de treze mil ciclistas vieram a óbito após acidentes nos últimos dez anos, sendo que 60% desses óbitos foram por atropelamento(MOBILIDADE, 2020).

No ano de 2020, até o mês de junho ocorreram registros de pelo menos 690 internações no SUS por acidentes com bicicletas, esses dados foram coletados SIH – sistema de informações hospitalares e pelo SIM – sistema de informação de Mortalidade, todos os dois do Ministério da Saúde, o que sinaliza a extrema urgência de medidas que tragam segurança para quem usa a bicicleta como meio de transporte(MOBILIDADE, 2020).

Para Antônio Meira Júnior, presidente da ABRAMET (Associação brasileira de medicina de tráfego), os principais causadores para este crescimento dos acidentes com bicicletas são a falta de infraestrutura e de conscientização. Mas reconhece que com o passar dos anos ocorreram melhorias nessas estruturas e ressalta que essas melhorias não conseguiram acompanhar a quantidade de pessoas que tem passado a usar este meio de transporte (JUNIOR, 2020).

#### **2.4 COMO CICLOVIAS AGREGAM BEM-ESTAR E SUSTENTABILIDADE**

Pedalar hoje é uma ótima e diferente opção para enfrentar o dia a dia caótico das cidades que mexem com o psicológico dos habitantes dela. Desta forma, o bem-estar físico traz benefícios a nosso organismo e psicológico, o corpo é um dos mais privilegiados, pois pedalar além de lazer também é esporte e faz com que o corpo esteja sempre em movimento. (WERNECK, 2019)

Como outros exercícios, andar de bicicleta melhora o condicionamento físico do ciclista, melhorando a capacidade pulmonar, cardiovascular, e dentre outros benefícios, favorece a liberação do hormônio endorfina, também conhecido como hormônio do prazer, traz a sensação de satisfação e bem-estar, isso faz total diferença quando o objetivo é eliminar o estresse do dia a dia e ter um boa noite de sono. (ALMEIDA et al, 2016)

A poluição e o trânsito de veículos têm impulsionado campanhas de apoio ao uso de bicicletas em todo país, pois ela é um considerada uma forma de mobilidade



sustentável, o que faz com que se crie interesse em integrá-la aos demais modais. (SILVEIRA, 2010)

Para uma boa qualidade de vida é importante que se adote medidas que garantam uma mobilidade que atue de modo efetivo para melhoria das condições ambientais, reduzindo a poluição e combatendo as mortes no trânsito, criando espaços de qualidade, bem como a redução do desperdício de energia, ampliando também a solidariedade social. (RUA VIVA, 2005)

Mobilidade sustentável é algo que deve ser ensinado através de iniciativas governamentais e estudantis, com a criação de áreas de vivência onde as crianças e adolescentes possam ter acesso a simulação de espaços que tenham corredores de ônibus, calçadas acessíveis e largas, ciclovias, e formas de integração intermodal. (RUA VIVA, 2005)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ser ativo é ser adepto de atividades físicas, sendo esses quaisquer movimentos do corpo que faça os músculos trabalharem e que precise de gastos de energia para desenvolvê-los. A constância na prática de exercícios pode tratar e curar doenças. (SUOTA, 2020)

O plano de ação global para atividades físicas elaborado pela OMS diz, “o mundo está a tornar-se menos ativo. À medida que os países se desenvolvem do ponto de vista econômico, os níveis de inatividade aumentam. Em alguns países, podem atingir os 70%, devido às mudanças nos meios de transporte utilizados, aumento do uso de tecnologias, valores culturais e urbanização”. (SUOTA, 2020)

### **3. METODOLOGIA E MÉTODO DA PESQUISA**

A metodologia utilizada nessa pesquisa científica foi o método hipotético dedutivo, que propriamente é um método que utiliza de um sistema de raciocínio dedutivo, onde são testadas e substituídas quando necessário. Esse é um método que de forma geral se inicia com um problema científico ou algum vazio que precise ser preenchido e passa por uma formulação de hipóteses que posteriormente são testadas (GIL, 2019).

A pesquisa aplicada foi uma das metodologias utilizadas nesta análise e de acordo com Gil (2019), a mesma é considerada um meio de produzir conhecimento a respeito

de determinado assunto, de modo a guiar a solução para perguntas que façam parte dos objetivos já pré-definidos anteriormente e que façam com que sua aplicação seja prática.

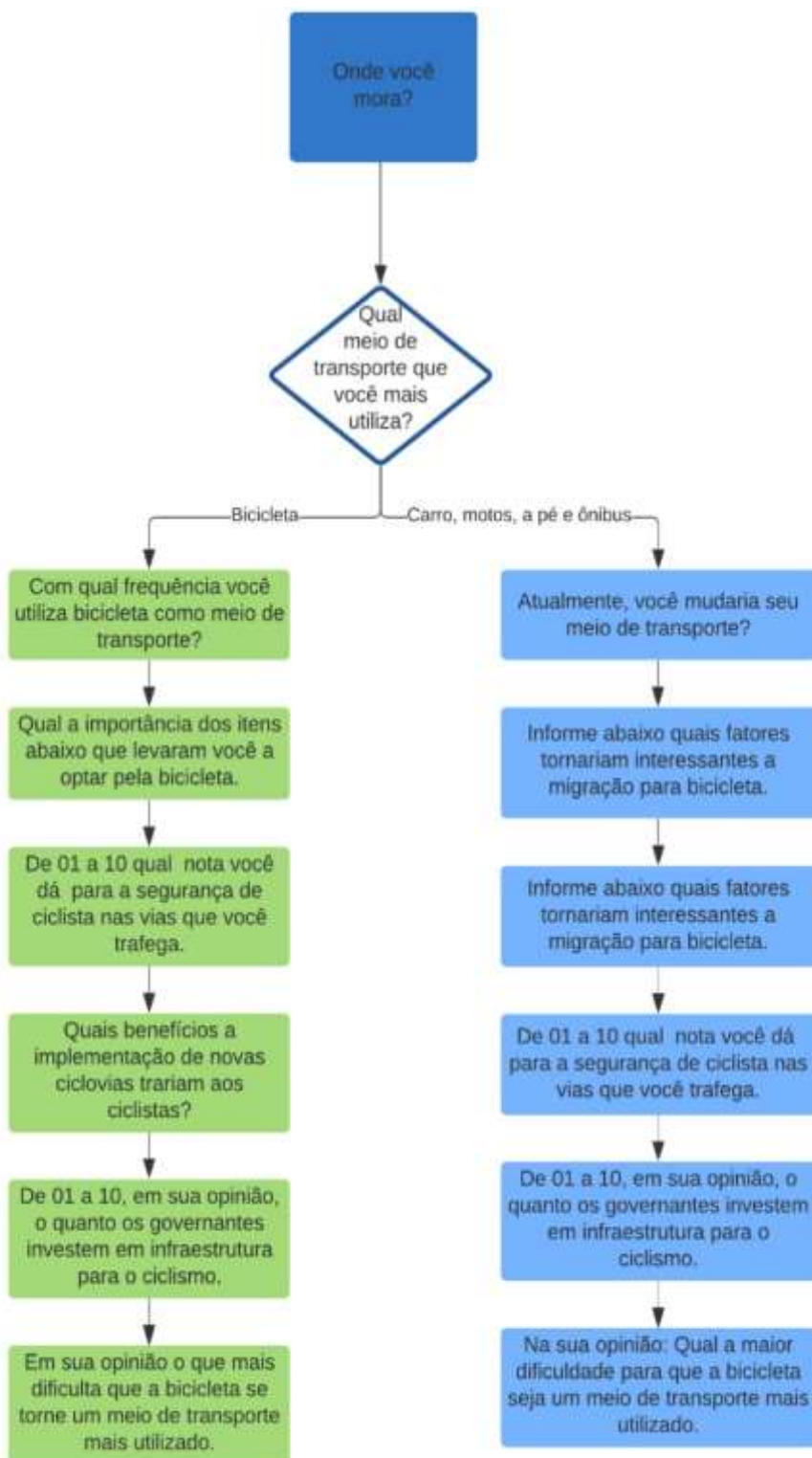
De acordo com os objetivos, essa é uma pesquisa exploratória descritiva, por utilizar de um estudo de caso sobre o impacto das ciclovias na segurança e bem-estar dos ciclistas assim como o fato dos objetivos fazerem com que o referencial teórico aborde diretamente o tema da mesma maneira. Segundo Gil (2019), as pesquisas exploratórias têm a tendência de serem flexíveis em seu planejamento, pois objetivam entender todos os pontos cruciais estudados pelo pesquisador. O autor ainda relata que este modelo traz uma série de hipóteses para que outras pesquisas avaliem. As pesquisas descritivas são de caráter quantitativo e buscam aprofundar os pontos já estudados, buscando características que melhor descrevam.

A coleta de opiniões para a pesquisa foi feita por um questionário de campo, além de coletar dados para pesquisa utilizando o referencial teórico que segundo Gil (2019), é a forma de resumir os assuntos tratados por diversos autores, que serve como base e articulação para pesquisas científicas e acadêmicas.

Para que a pesquisa fosse realizada, utilizou-se de três métodos: o estudo de caso, pesquisa de satisfação e entrevistas. Segundo Gil (2019), o estudo de caso funciona com uma metodologia estratégica pois trata de casos no contexto da vida real respondendo perguntas com “Por que” e “Como”, além de ser considerado um meio de investigação por experiência ou observação com coleta e análise de dados. Embora colete dados o estudo de caso é um estudo qualitativo que consiste em abordagens específicas de coleta de dados e análise dos mesmos.

Para coleta de dados, foi desenvolvido um questionário na plataforma Google Forms que se divide em duas vertentes. Ao observar o fluxograma da Figura 01, temos vertente para os usuários de Bicicletas e para os demais meios de transporte, sendo eles carro, motos, a pé e ônibus.

Figura 01: Fluxograma vertente para os usuários de Bicicletas e para os demais meios de transporte.



Fonte: Os Autores.

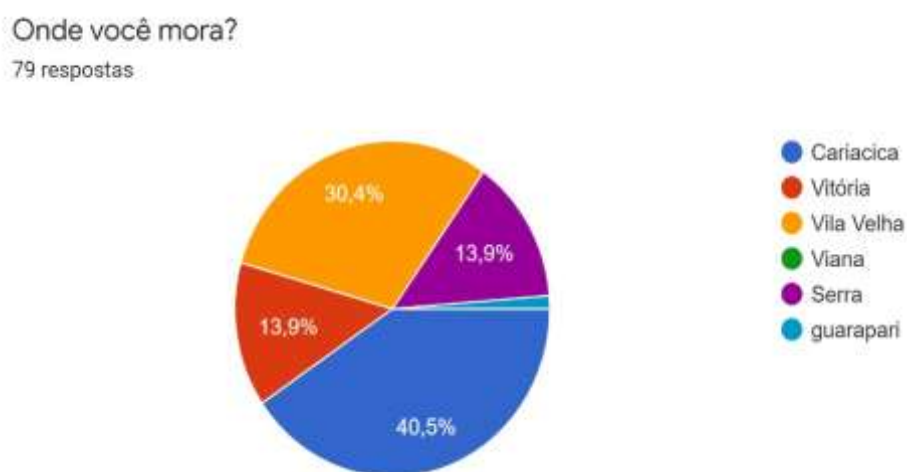
As questões eram fechadas, com exceção das que solicitavam a opinião do entrevistado, estas eram abertas podendo ser respondida em forma de texto ou não respondida.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Difundido através das redes sociais, foram obtidas um total de 79 repostas, o que possibilitará uma análise do ponto de vista dos ciclistas e demais modais no que tange a segurança e bem-estar dos ciclistas que trafegam pela metrópole capixaba.

Na figura 02 observamos a abrangência do questionário, sendo do município de Cariacica o maior número de participantes, totalizando 40,5%.

Figura 02: Abrangência do questionário.



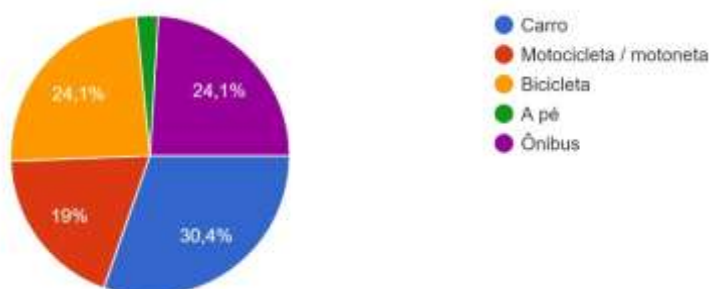
Fonte: Os Autores.

Quanto ao meio de transporte que os participantes relataram que utilizam com mais frequência a bicicleta obteve 19 repostas que relataram utilizar, destacou-se o Carro como principal meio totalizando 30,4%, seguido por Bicicleta e ônibus ambos com 24,1%.

Figura 03: Qual meio de transporte mais utilizado.

Qual meio de transporte que você mais utiliza?

79 respostas



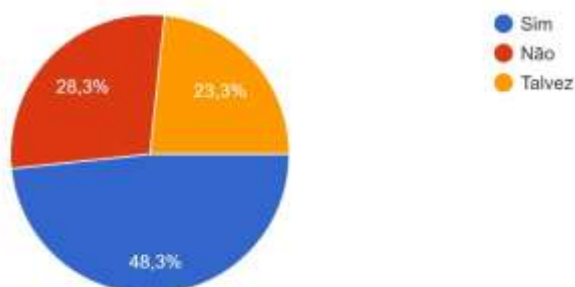
Fonte: Os Autores.

Adentrando a parte do questionário destinado aos que se deslocam através dos demais meios de transporte, que totalizou 60 respostas, 28,3% relataram que não possuem interesse em migrar para a bicicleta como meio de transporte.

Figura 04: Opções de troca de meio de transporte.

Atualmente, você mudaria seu meio de transporte?

60 respostas

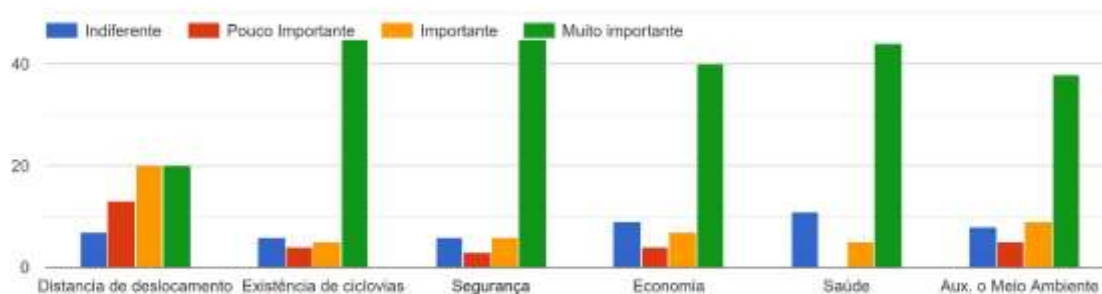


Fonte: Os Autores.

Sobre os fatores que influenciariam uma possível migração para a bicicleta, apenas o fator distancia de deslocamento foi um ponto de dispersão de respostas, para os itens segurança, existência de ciclovias, economia, saúde e auxílio ao meio ambiente foram apontados como de muita importância para uma possível migração.

Figura 05: Fatores relevantes para escolha da bicicleta como modal principal.

Informe abaixo quais fatores tornariam interessantes a migração para bicicleta.

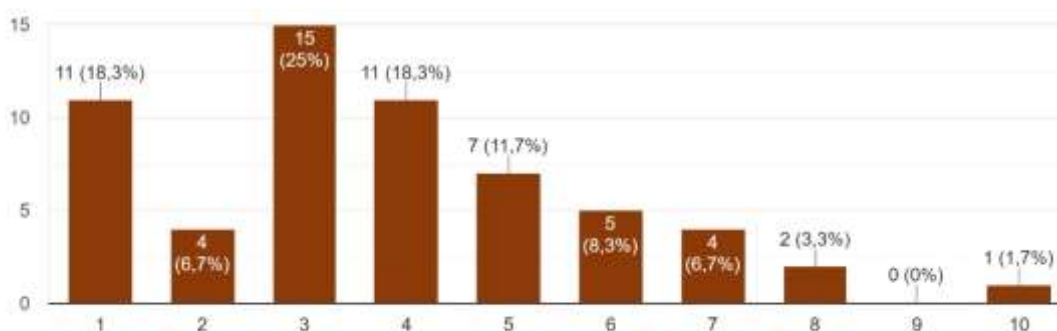


Fonte: Os Autores.

Uma atribuição de notas de 01 (inseguro) a 10 (seguro) para o quesito segurança de ciclistas nas vias que o questionado trafega, demonstra a sensação de insegurança para o ciclista do ponto de vista dos demais meios de transporte, figura 06, obtendo uma média de apenas 3,62 pontos.

Figura 06: Segurança do ciclista em vias de tráfego.

De 01 a 10 qual nota você dá para a segurança de ciclista nas vias que você trafega.  
60 respostas:



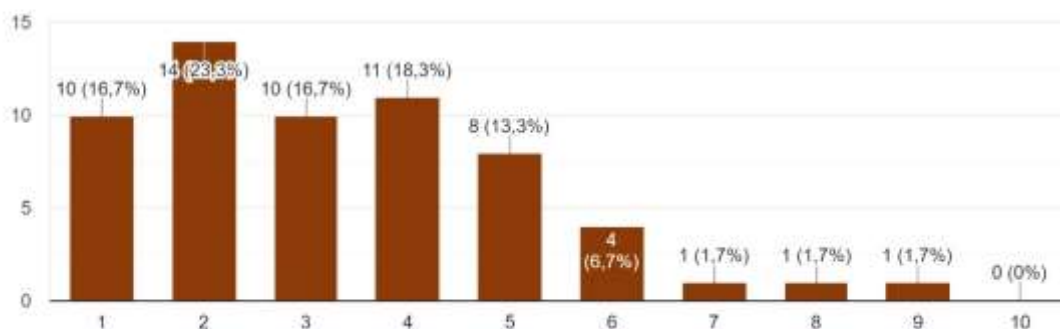
Fonte: Os Autores.

No mesmo direcionamento, foi questionado sobre o investimento dos governantes na infraestrutura para o ciclismo, figura 07, foram atribuídas notas de 01 (pouco investimento) a 10 (muito investimento). Sob a ótica dos participantes, novamente destaca-se a nota média de apenas 3,33.

Figura 07: Opinião referente aos investimentos no ciclismo.

De 01 a 10, em sua opinião, o quanto os governantes investem em infraestrutura para o ciclismo.

60 respostas



Fonte: Os Autores.

Propondo uma discussão aberta sobre qual seria a maior dificuldade para que a bicicleta se tornasse um meio de transporte mais utilizado, um total de 49 entrevistados relataram a falta de ciclovias e ou segurança como sendo o principal desafio, na opinião de um dos entrevistados demonstra bem a situação do município de Cariacica quando diz: “Na região de Cariacica onde eu moro e trabalho sem dúvida é a falta de sinalização, ciclovias e segurança. Eu utilizava a bicicleta para me locomover aqui antes, porém depois de ser assaltada e sofrer um acidente abandonei.”, resposta 05, tabela 01.

Em se tratando do bem-estar do ciclista, outro entrevistado destaca “Atualmente acredito que seja a falta das ciclovias, alguns pontos têm outros não e temos que arriscar... isso traz insegurança o medo de um acidente fatal.”, resposta 30, tabela 01.

Em outra opinião, a resposta 57, tabela 01, sintetiza o desafio desta forma: “A falta de segurança, devido à falta de ciclovias.”

Tabela 01 - Na sua opinião: Qual a maior dificuldade para que a bicicleta seja um meio de transporte mais utilizado.

1	Falta de ciclovias.
2	Acesso ao valor e educação para uso.
3	Na cidade de Cariacica não existem ciclovias nos principais centros e tráfegos de pessoas.
4	Constante insegurança.
5	Na região de Cariacica onde eu moro e trabalho sem dúvida é a falta de sinalização, ciclovias e segurança. Eu utilizava a bicicleta para me locomover aqui antes, porém depois de ser assaltada e sofrer um acidente abandonei.
6	Falta ciclovias.
7	Falta de ciclovias.
8	A falta da segurança pública e também investimento em vias.

9	Falta de infraestrutura e segurança.
10	Preguiça da população.
11	Falta de ciclovias.
12	A ausência de ciclovias é uma das maiores dificuldades. A falta de conscientização por parte dos motoristas também dificulta o processo.
13	A Distância de Deslocamento ao Trabalho.
14	Ciclovias.
15	Falta de ciclovias.
16	Falta de ciclovias e falta de segurança.
17	Pouco seguro e leis frágeis.
18	Principalmente a falta de ciclovias, porém também há um peso considerável da falta de hábito de praticar exercícios físicos.
19	Infraestrutura.
20	Segurança.
21	Além do investimento em ciclovias o imposto sobre a mesma é super alto deixando os valores abusivos.
22	A falta de interesse para boas vias nas metrópoles e manutenção.
23	Sem dúvida o medo e os riscos.
24	Economia e interesse social. Além disso, a cultura de uso a carros e ônibus por meio mais prático e confortável, impede que as pessoas pensem em meios mais saudáveis e sustentáveis como a bike. Você acha mais viável e rápido um carro, uma bike você pensa em algo mais cansativo e demorado. Obviamente isso é uma pauta fundamental necessária, andar de bicicleta te proporciona uma qualidade de vida melhor e um meio sustentável para evitar poluição do ar e afins. Referente a economia, uma bicicleta é cara (ou a bicicleta é menos cara ou mais, não conheço nenhuma barata) então até onde vai a acessibilidade do civil?
25	Ciclovias.
26	Falta de segurança e infraestrutura.
27	Ciclovias e segurança.
28	Pouca quantidade de ciclovias.
29	Distância.
30	Atualmente acredito que seja a falta das ciclovias, alguns pontos têm outros não e temos que arriscar... isso traz insegurança o medo de um acidente fatal.
31	Falta de investimento público.
32	Incentivo, acessibilidade e segurança.
33	.....
34	Segurança pública.
35	Ciclovias e educação no trânsito.
36	Faltas de ciclovias e segurança pública.
37	Falta de ciclovias e motorista imprudente...
38	Falta de conectividade entre as ciclovias existentes, falta de sinalização e falta de segurança.
39	Falta de ciclovias.
40	Incentivo.
41	Ciclovias estruturadas. As maiores possuem obstáculos como postes e árvores.
42	O nosso clima, insegurança e poucas ciclovias.
43	Insegurança e ausência de infraestrutura adequada nas vias, principalmente coletoras e locais.
44	Segurança em todas as esferas e vias adequadas.



45	Alguns bairros ainda são carentes de ciclovias. E a falta de bases para o ciclista colocar e andar com sua bicicleta em segurança.
46	Ciclovias para segurança.
47	Falta de segurança.
48	Segurança nas vias, pois as ciclovias acabam quando se distanciam de praias e bairros nobres, os ciclistas dividem espaços com pedestres, carros, motos, caminhões e ônibus, tornando o trajeto muito propício à um acidente de trânsito.
49	Infraestrutura das vias.
50	Insegurança.
51	A falta de ciclovias, a sinalização, inibe não só uso de bicicleta como também a vida do pedestre que ficam à mercê da insegurança no trânsito. Que o respeito e a contribuição mútua sejam para o bem, para o belo, e justo para todos.
52	Segurança, preço, acolhimento por parte do empregador, adequando as empresas com bicicletários e principalmente banheiros e vestiários.
53	Sedentarismo, distâncias percorridas, custo de uma boa bicicleta, além do fato de poderem roubar minha boa bicicleta.
54	Todas.
55	1º) Segurança, seja no trânsito ou de assaltos. 2º) Tem que haver uma mudança de cultura e mais incentivos.
56	Segurança.
57	A falta de segurança, devido à falta de ciclovias.
58	Devido altos índices de insegurança por ser um meio de transporte fácil de ser furtado. Exemplo eu vou trabalhar coloco o cadeado e quando volto para ir embora não está mais lá, acredito se tivesse placas de registro ajudaria a achar o dono mais fácil.
59	Disputar a via com carros e motos.
60	Ciclovias interligadas.

Fonte: Os Autores.

Adentrando a parte do questionário destinado aos que se deslocam utilizando a bicicleta, das 19 respostas obtidas, 89,5% relataram que utiliza o veículo três ou mais dias por semana.

Figura 08: Frequência de utilização de bicicleta como meio de transporte.  
Com qual frequência você utiliza bicicleta como meio de transporte?

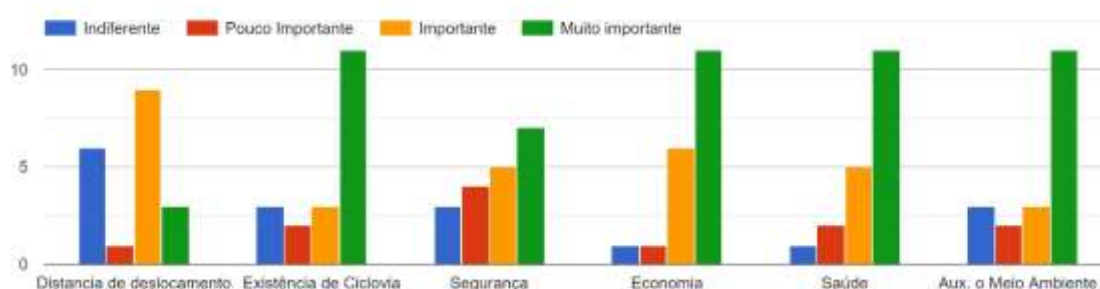
19 respostas.



Fonte: Os Autores.

Elencando em níveis de importância os itens que levaram os entrevistados a utilizarem a bicicleta, ficaram em destaque como sendo de muita importância para a maioria itens como existência de ciclovia, economia, saúde e auxílio ao meio ambiente. O item segurança teve um resultado disperso, porém a maioria ainda o apontou como muito importante.

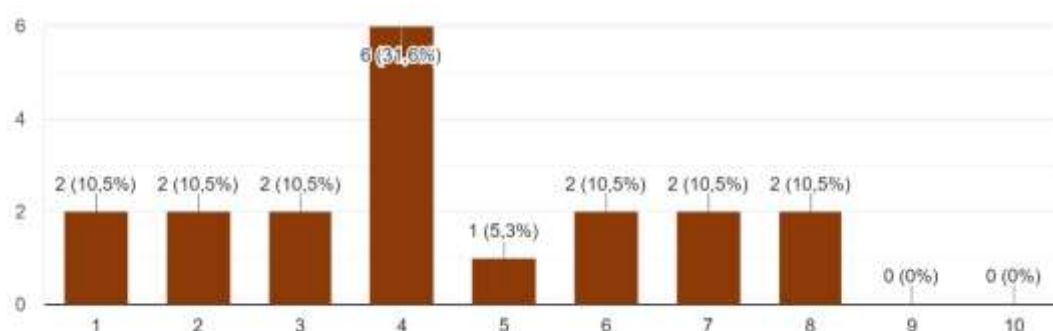
Figura 09: Fatores de escolha da bicicleta como meio de transporte  
Qual a importância dos itens abaixo que levaram você a optar pela bicicleta.



Fonte: Os Autores.

Buscando analisar a sensação de segurança, foi proposto aos ciclistas que atribuíssem notas de 01 (inseguro) a 10 (muito seguro) para as vias pelas quais trafegam cotidianamente. Tendo como média 04,37 a sensação de estar seguro trafegando pela metrópole.

Figura 10: Nota dos entrevistados para as vias de tráfego com bicicletas.  
De 01 a 10 qual nota você dá para a segurança de ciclista nas vias que você trafega.  
19 respostas

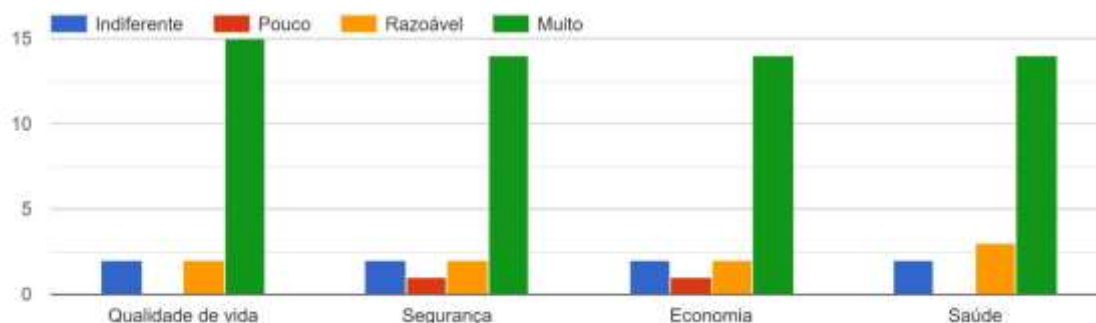


Fonte: Os Autores.

Correlacionando a existência de ciclovias a sensação de bem-estar, a pergunta de quais benefícios trariam ao ciclista a existência de ciclovias, notoriamente os entrevistados responderam que trariam muitos benefícios para todos os itens abordados, qualidade de vida, segurança, economia e saúde.

Figura 11: Benefícios de novas ciclovias.

Quais benefícios a implementação de novas ciclovias trariam aos ciclistas?



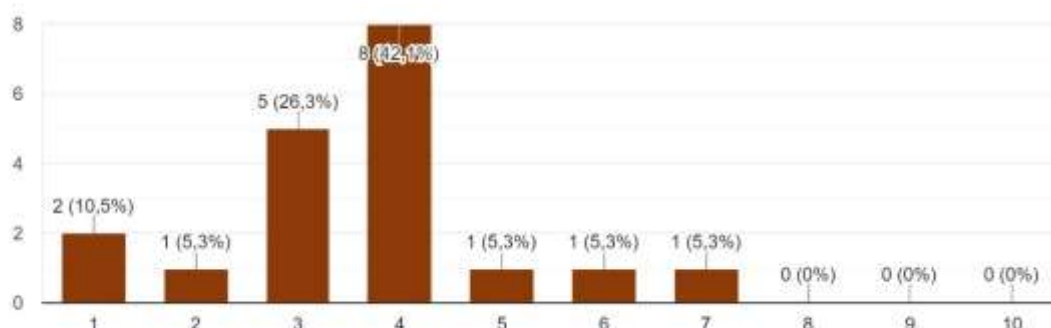
Fonte: Os Autores

Pela visão dos ciclistas sobre o investimento em infraestrutura pelos governantes, sendo nota 01 (pouco investimento) a 10 (muito investimento), tal questão obteve média 03,63 retratando que pela ótica dos entrevistados que há pouco investimento por parte dos governantes.

Figura 12: Opinião dos entrevistados sobre o investimento em infraestrutura para ciclismo.

De 01 a 10, em sua opinião, o quanto os governantes investem em infraestrutura para o ciclismo.

19 respostas



Fonte: Os Autores

Em pergunta aberta os ciclistas demonstraram a mesma visão observada pelos demais entrevistados, que a falta de ciclovias e segurança são os itens cruciais para que a bicicleta se torne um meio de transporte mais utilizado. Destaca-se, nesse sentido, a opinião da resposta 02, tabela 02, “Tempo de deslocamento e falta de ciclovia em vários pontos da cidade, fazendo com que você tenha que dividir espaço com os carros, se tornando perigoso”, o ciclista além do ponto já abordado que correlaciona ciclovia e segurança, inclui o item tempo de deslocamento no foco, fazendo um vínculo entre existência de ciclovias e tempo de deslocamento.

Tabela 02 - Em sua opinião o que mais dificulta que a bicicleta se torne um meio de transporte mais utilizado.

1	Falta de respeito pelos motoristas e falta de ciclovia seguras.
2	Tempo de deslocamento e falta de ciclovia em vários pontos da cidade, fazendo com que você tenha que dividir espaço com os carros, se tornando perigoso.
3	Falta de ciclovia.
4	Pouco investimento em ciclovias e segurança para os usuários desse meio de transporte.
5	Ciclovias, sinalização, iluminação e infraestrutura
6	A economia.
7	Falta de infraestrutura.
8	Segurança e falta de incentivos políticos.
9	A falta de segurança, tanto na via pública e o medo de ser assaltado.
10	Segurança nas vias e também ciclovias que ligam os municípios, além de campanhas educativas de respeito aos ciclistas. Também vejo que as auto escola quando formam os motoristas falam muito pouco do assunto ciclistas.
11	Segurança, falta de ciclovia.
12	A falta de infraestrutura e segurança, falte de educação dos motoristas.
13	Falta de ciclovias e falta de respeito dos motoristas com relação aos ciclistas.
14	Em Cariacica, falta mais ciclo faixas são ciclovias. Apesar do plano de mobilidade prevê, mas nunca é feito nada.
15	Não traz ganho a roubalheira do governo. Politicagem.
16	Falta de ciclovia respeito ao ciclista.

Fonte: Os Autores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a mobilidade dos ciclistas no trecho da BR 262, que liga do trevo no bairro Alto Laje ao bairro Jardim América em Cariacica/ES. Porém, com a aplicação do formulário, foram obtidas respostas de moradores dos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Viana, Serra e Guarapari, todos pertencentes a metrópole capixaba. As respostas revelaram que toda a metrópole carece de ciclovias municipais e intermunicipais, sendo que, como grande obstáculo para utilização da bicicleta, foi apontada a insegurança em virtude da falta de ciclovias.

Grande parte dos entrevistados apontaram, como um problema a ser avaliado, a falta de investimento dos poderes públicos na infraestrutura viária, de modo que comporte os demais modais viários. A falta de ciclovias faz com que os adeptos do ciclismo compartilhem o espaço com o fluxo de veículos na rodovia, o que potencializa o risco de acidentes.

A pesquisa também abordou conceitos como a qualidade de vida, e de que maneira a bicicleta pode trazer uma vida mais saudável. Como esperado, obteve-se a validação dos entrevistados concernente ao potencial benéfico da bicicleta, sendo esta apontada pela maioria como fomentadora de resultados benéficos a saúde e ao meio ambiente.

Sobre a parcela dos entrevistados que informaram não utilizar a bicicleta, contatou-se que a maioria tem interesse de utilizar o modal ciclístico como meio de transporte, porém com a escassez de infraestrutura para tal, os potenciais ciclistas se sentem inseguros em usar esse modal como veículo.

Portanto, frente as averiguações das inúmeras informações obtidas nessa pesquisa, para trabalhos futuros recomenda-se um estudo de implementação de infraestrutura, não só no trecho estudado, mas em toda a metrópole. Em relação ao trecho específico objeto desta pesquisa, é de extrema importância, em projetos futuros, a implementação de uma ciclovia em seu canteiro central, trazendo uma solução para o trecho estudado e possivelmente para os demais trechos da referida rodovia.

## REFERÊNCIAS

AGENDA Cariacica, Cariacica, 2012. Planejamento Sustentável da Cidade - Área: Mobilidade, Sistema Viário, Trânsito e Transporte. Disponível em: [https://www.cariacica.es.gov.br/wpcontent/uploads//2014/05/Agenda\\_Mobilidade.pdf](https://www.cariacica.es.gov.br/wpcontent/uploads//2014/05/Agenda_Mobilidade.pdf).

Acesso em: 20 set. 2021.

ALMEIDA, Luís M.; PEREIRA, Helena P.; FERNANDES, Helder M. Efeitos de diferentes tipos de prática desportiva no bem-estar psicológico de jovens estudantes do ensino profissional.

**Revista**

**Ibero-americana de Psicologia del Ejercicio y el Deporte**, España, v. 13, n. 1, p. 15-21, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3111/311153534001.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ANDRADE, Victor (Org) *et al.* **Mobilidade por bicicleta no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2016. Disponível em: <http://ta.org.br/educativos/docs/mbb.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

ARAÚJO, Fabíola Guedes. **A Influência da Infraestrutura Cicloviária no Comportamento de Viagens por Bicicleta**. 116 p Dissertação (Departamento de Engenharia Civil e Ambiental) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15607>. Acesso em: 4 nov. 2021.

ASCOM/DPE-ES. **ES: Defensoria e cicloativistas debatem sobre a mobilidade urbana e o sistema cicloviário capixaba**. ANADEP. Espírito Santo, 2020. Disponível em: <https://anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=45624>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BINATTI, Gabriela. **Mobilidade e Cultura de Bicicleta no Rio de Janeiro**. Transporte Ativo, 2016. Disponível em: [http://ta.org.br/educativos/docs/cmb\\_rio.pdf](http://ta.org.br/educativos/docs/cmb_rio.pdf). Acesso em: 9 ago. 2021.

CRUZ, Willian. **19 razões para apoiar a implantação de ciclovias**. Vadebike. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://vadebike.org/2014/08/por-que-apoiar-ciclovias/>. Acesso em: 22 set. 2021.

DELIJAICOV, Alexandre. **Ciclovias representam apenas 1% da malha viária das capitais no país**. G1. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/03/cicloviasrepresentam-apenas-1-da-malha-viaria-das-capitais-no-pais.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

EPTV. **Moradores reclamam de falta de ciclovias e ciclo faixas em Piracicaba**. G1. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2020/07/09/moradoresreclamam-de-falta-de-ciclovias-e-ciclofaixas-em-piracicaba.ghtml>. Acesso em: 9 jun. 2021.

FIA. **O QUE SÃO, COMO FAZER E EXEMPLOS PARA TCC**, 2020. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/estudos-de-caso/>. Acesso em: 19 de junho de 2021

FILHO, Sílvio Furtado de Mendonça. **Ciclovias salvam vidas**. Só Notícias. Mato Grosso, 2013. Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/opiniaociclovias-salvam-vidas/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

G1 ES. **Número de acidentes com ciclistas aumenta 44% no ES em 2019**. G1. Espírito Santo, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/09/05/número-de-acidentes-com-ciclistas-aumenta-44percent-no-es-em-2019.ghtml>. Acesso em: 27 set. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 eds. Atlas. São Paulo. 2019  
JUNIOR, Antônio Meira. **Número de ciclistas atropelados aumenta e SUS gasta R\$ 15 milhões por ano com traumatizados**. ABRAMET. 2020. Disponível em: <https://www.abramet.com.br/noticias/numero-de-ciclistas-atropelados-aumenta-e-gasta-15-milhoespor-ano-com-traumatizados/>. Acesso em: 21 out. 2021.

LANDO. FELIPE, **Pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa**, Disponível em: <https://www.academicapesquisa.com.br/post/pesquisa-exploratoria-descritiva-explicativa>. Acesso em: 19 de junho de 2021

MATIAS, Eduardo Henrique do Vale. **Política de Mobilidade Urbana Sustentável: Os impactos das ciclovias na qualidade de vida dos habitantes de Boa Vista, Brasil**. Dissertação (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: [https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14260/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_%20Impacto%20das%20Ciclovias%20em%20Boa%20Vista.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14260/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_%20Impacto%20das%20Ciclovias%20em%20Boa%20Vista.pdf). Acesso em: 26 ago. 2021.

METODOLOGIA CIENTIFICA. **Método hipotético-dedutivo**, 2021. Disponível em:

<https://www.metodologiaincientifica.org/metodos-de-abordagem/metodo-hipotetico-dedutivo/>. Acesso em: 19 de junho de 2021

MENEZES, PEDRO. **O que é um Referencial teórico**, 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/referencial-teorico/>. Acesso em: 19 de junho de 2021

MOBILIDADE. **SUS gastou R\$ 15 milhões por ano em acidentes com ciclistas**. Mobilidade. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidadecom-%20seguranca/sus-gastou-r-15-milhoes-por-ano-em-acidentes-com-ciclistas/amp/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MORAES, Bruno Barbiero. **Viabilidade da implantação de ciclovias em rodovias federais no Brasil**: estudo de caso rodovia BR – 259/ES Monografia (Engenharia Civil) - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178575>. Acesso em: 12 out. 2021.

OLIVEIRA, EMANUELLY. **Estudos de caso**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>. Acesso em: 19 de junho de 2021

RUA VIVA. **Mobilidade Sustentável**. Rua Viva. Disponível em: <http://www.ruaviva.org.br/mobilidade-sustentavel.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SANTOS, Tatiane do Nascimento. **Mobilidade urbana e qualidade de vida**: Uma análise do crescimento (des) ordenado do modal motociclo em Aracajú (SE) Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) - Universidade Federal de Sergipe (ufs), Sergipe, 2018. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10240/2/Tatiane\\_Nascimento\\_Santos.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10240/2/Tatiane_Nascimento_Santos.pdf). Acesso em: 6 set. 2021.

SILVEIRA, Mariana Oliveira da. **Mobilidade Sustentável**: A bicicleta como um meio de transporte integrado Dissertação (Engenharia de Transportes) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe\\_m/MarianaOliveiraDaSilveira.pdf](http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_m/MarianaOliveiraDaSilveira.pdf). Acesso em: 20 jun. 2021.

SUOTA, Camila. **10 motivos para começar a pedalar**. MXBIKES. 2020. Disponível em: <https://mxbikes.com.br/blog/10-motivos-para-comecar-pedalar>. Acesso em: 20 set. 2021.

SÉCULO DIÁRIO. **Ciclistas de Cariacica se mobilizam por ciclovia na BR-262**. Século Diário. Espírito Santo, 2015. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cidades/ciclistas-decariacica-se-mobilizam-por-ciclovia-na-br-262>. Acesso em: 23 set. 2021.

WERNECK, Carolina. **Pedalar: como a bicicleta pode melhorar seu bem-estar e sua saúde**. Dicas de mulher. Disponível em: <https://www.dicasdemulher.com.br/pedalar-como-a-bicicletapode-melhorar-seu-bem-estar-e-sua-saude/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

## **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: ANÁLISE DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO**

Amanda Rodrigues Pego Fernandes<sup>1</sup>; Hanna Hellen Rodrigues<sup>1</sup>; Jéssica Therezinha Vieira Poli<sup>1</sup>; Sátina Priscila Marcondes Pimenta<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Multivix de Cariacica - ES.

<sup>2</sup> Orientadora: Mestre em Administração com ênfase em Gestão de Pessoas e Professora na Faculdade Multivix de Cariacica - ES.

### **RESUMO**

O presente estudo visa compreender se o gênero musical sertanejo universitário fomenta a legitimação e perpetuação da violência simbólica contra a mulher a partir do processo de objetificação do corpo feminino como algo a ser dominado. O trabalho baseia-se em revisão de literatura onde utiliza-se artigos e outras publicações consideradas úteis, compiladas em portais eletrônicos, revistas e outros semelhantes, bem como materiais relacionados ao tema que apresentassem relevância para o estudo, propiciando a análise de tal evento. A relevância do tema é elencada na problemática de que as violências estão presentes na sociedade, principalmente as que não deixam marcas físicas. Assim, infere-se que estas podem ser banalizadas a partir da introjeção na cultura de forma quase imperceptível, e reproduzidas, sendo necessário compreender seus mecanismos e possibilitar intervenções pautadas na cientificidade junto à sociedade. Assim, busca-se fazer essa pesquisa com intuito de pensar a violência sob outra perspectiva propiciando um pensamento crítico reflexivo.

**Palavras-Chaves:** Violência simbólica, objetificação, mulher, gênero, músicas.

### **ABSTRACT**

The present study aims to understand if the university sertanejo musical genre promotes the legitimation and perpetuation of symbolic violence against women from the process of objectification of the female body as something to be dominated. The



work is based on a literature review using articles and other publications considered useful, compiled in electronic portals, magazines and similar ones, as well as materials related to the topic that were relevant to the study, providing the analysis of such event. The relevance of the theme is listed in the problem that violence is present in society, especially those that do not leave physical marks. Thus, it is inferred that these can be trivialized from the introjection into the culture in an almost imperceptible way, and reproduced, being necessary to understand their mechanisms and enable interventions based on scientificity with society. Thus, we seek to do this research in order to think about violence from another perspective, providing a reflective critical thinking.

**Keywords:** Symbolic violence, objectification, woman, gender, music.

## 1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência é algo presente no cotidiano e silenciado no percurso da história, notando-se maneiras diferenciadas para sua manifestação como em forma de opressão, crueldade e dominação. Seu resultado provoca danos físicos, sexuais, patrimoniais, morais e psicológicos vistos na sociedade e estampado nas páginas dos jornais todos os dias.

Desta maneira, com base no entendimento de que a violência está presente na sociedade e da possibilidade de algumas modalidades dessas agressividades, principalmente as que não deixam marcas físicas, serem banalizadas por terem sido introjetadas e reproduzidas na cultura em várias camadas da sociedade, de forma quase imperceptível, o atual projeto pretende articular sobre a problemática da possível naturalização da violência simbólica contra mulher, bem como a objetificação do corpo feminino como algo a ser possuído através das músicas sertanejas universitárias.

Assim, este artigo tem por objetivo geral analisar, se as músicas sertanejas reforçam a violência simbólica através do discurso de objetificação da mulher, para a partir de uma possível consciência dessa situação, possibilitar maneiras de agir contra este tipo de violência e outros, as quais possam ser cometidas contra a mulher.

Para isso, faz-se necessário compreender as forças que agem sobre a violência simbólica e os impactos da naturalização dessa violência contra a mulher, buscando articular com as ideias de dominação masculina sobre os corpos femininos através do sentimento de posse. Posteriormente, é importante descrever a importância do gênero sertanejo universitário para a cultura brasileira e conseqüentemente sua relação com a objetificação da mulher.

O trabalho justifica-se no sentido de inferir a falta de entendimento das pessoas em geral de que através de um estilo musical a violência pode ser disseminada sutilmente e introjetada no cotidiano como algo natural. Com isso, busca-se fazer essa pesquisa exploratória como um possível meio de levantar essa questão sem deixá-la somente no meio acadêmico, mas ser uma via para articulação de estratégias, a fim de levar a população e propiciar um pensamento crítico reflexivo.

Buscando cumprir as metas propostas e alcançar o objetivo geral da pesquisa, propõe-se utilizar metodologias específicas. Enquanto sua natureza, será básica a partir da intenção de gerar e ampliar conhecimento a respeito do tema. Quanto à classificação, sobre a natureza, a metodologia escolhida é de classificação exploratória, tratando-se de uma revisão integrativa de bibliografias. Para o levantamento de informações no modo bibliográfico, optou-se por fontes primárias como: livro e artigos científicos buscados em plataformas como google acadêmico, matérias online e outros do mesmo segmento. Além de fonte secundária que forneçam dados complementares.

Sendo assim, o presente artigo não pretende fazer juízo de valor a respeito das músicas trazidas ao contexto, todavia trazer possíveis reflexões de como a violência simbólica está arraigada na cultura brasileira e conseqüentemente no cotidiano, além de como esta é naturalizada e banalizada. Ademais, permitiu verificar a presença da reprodução desta, principalmente através de um gênero musical amplamente aderido ao público como o sertanejo universitário.

## **2. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

Possivelmente há muitas interpretações sobre as quais o fenômeno da violência pode ser observado. Entende-se que se trata de algo multidimensional presente na nossa sociedade, pode ser usado como instrumento de dominação estruturando-se de várias

formas em todas as camadas sociais, e foge de qualquer conceito dito como único e universal (MINAYO, 2007).

Nessa perspectiva, entendendo não haver uma verdade única sobre o que é a violência e inferindo a possibilidade desta ser estruturada de várias formas, apresenta-se uma das modalidades, a violência simbólica. Contudo, se faz necessário compreender quais são os meios que fomentam esse tipo de violência ocorrido no campo simbólico e como isso se configura. Assim, para elucidar acerca desse tema, utiliza-se como chave os conceitos trazidos por Pierre Bourdieu em seus escritos.

Primeiramente é relevante compreender que Bourdieu (1989) descreve que as relações são demarcadas no campo de sistemas simbólicos permeados pelo poder simbólico, podendo ser entendido como base para a construção da realidade assim como instrumento de dominação. Dessa maneira, existem sistemas simbólicos que agem como estruturas estruturantes permeadas pelo dinamismo e hierarquia, ou seja, são estruturas sociais constituídas a partir do conjunto dos encadeamentos históricos. Pensa-se aqui a arte, a religião e a própria língua, permeadas pelo simbolismo, bem como os processos individuais dos sujeitos e os processos relacionados ao meio, constituídos pelos próprios sujeitos.

Logo, entende-se que os indivíduos são produtos da classificação hierárquica dos grupos, sucedida a partir da divisão social como classe, gêneros, capital, entre outras divisões, a saber. Mediante a isso, os indivíduos envolvidos interiorizam essas estruturas sem trazê-las para o campo do debate, sem muitos questionamentos pois são admitidas por quem domina devido serem entendidas como corretas, passando a ser aceita pelo indivíduo dominado como algo legitimado (THIRY-CHERQUES, 2006).

De acordo com Santana (2012), analisando a obra de Bourdieu (2005), a violência simbólica está embutida no cotidiano, fazendo com que a submissão aconteça de forma natural mesmo sem o indivíduo concordar. Pois esse, mesmo sendo contrariado, consente a essa dominação, resultado da violência simbólica. Assim, essa dominação normalizada é chamada por Bourdieu de habitus.

Conforme Bourdieu (1996), o conceito de habitus, se dá através da incorporação de estruturas da sociedade, seja de forma individual ou em grupo e que permitem ao

indivíduo elaborar pensamentos sobre os diversos aspectos do coletivo. Isto é, através da racionalização das regras e comportamentos, constrói-se em cada sujeito uma posição orientadora da realidade.

Assim sendo, o habitus é assimilado desde o princípio, construído na infância, se reproduz primeiramente no ambiente familiar e perpassa pelas demais estruturas, estabelecendo noções norteadoras e dinâmicas mediante a relação de sujeito e sociedade, além de sofrer modificações de acordo com as experimentações vivenciadas pelo indivíduo (SOUZA, 2014).

Sob a mesma perspectiva, ressalta-se o campo onde essas interações ocorrem, pois, o social é constituído por espaços de relações que possuem lógica própria. Nesse sentido, cada campo cria seu próprio sistema de objetos, seja educacional, artístico, político e fomenta seu princípio de compreensão. Logo, habitus é a absorção da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização, um espaço próprio onde se determina o grau de interação social, mediação de forças desses hábitos (THIRYCHERQUES, 2006).

A violência que ocorre no campo simbólico pode ser destrutiva. Verifica-se a concordância do dominado em relação à dominação, pois, aqueles que sofrem esse tipo de dominação, são os mesmos a corroborar com sua existência e manutenção. Bourdieu (2012) em sua obra “A dominação Masculina” denomina essa aceitação da dominação como paradoxo da doxa, pois o dominado releva essa situação, na qual ocorre a submissão paradoxal como resultado dessa violência simbólica (SANTANA, 2005).

Percebe-se a existência de movimentos que preparam espaços para a transcrição da violência simbólica, contudo, há uma concepção que fundamenta essa passividade mediante a dominação: o poder. Segundo Perissinotto (2007), infere-se a presença de uma relação de poder dentro da violência que é simbólica. Uma relação marcada pela dominação, onde se estabelecem papéis ilustrativos dentro de estruturas hierarquizadas moldadas ao longo da história.

Do mesmo modo, esse poder surge de fontes variáveis, podendo vir do acúmulo de capital econômico, social, cultural e simbólico. Em suma, capital para este estudo é

entendido como o acúmulo de algo responsável por colocar o detentor do capital em posição de destaque, podendo-se acumular conhecimentos, valores, riquezas, fama, dentre outros. Nesse sentido, o capital econômico é vinculado à distinção dos sujeitos economicamente e pode ser verificado através dos bens de seu detentor, como terras, bens materiais, dinheiro e patrimônios. Já o capital cultural, é ligado à educação, diplomas, podendo ser contemplado em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O incorporado é fomentado pelo próprio indivíduo por se tratar de um investimento de longa duração em si, ou seja, torna-se parte integrante da pessoa. Enquanto o objetivado está ligado a aquisição de conteúdos culturais, como bens culturais, livros, obras primas. O institucionalizado, por sua vez, é voltado para os títulos possuídos pelo sujeito, isto é, ter um curso superior o distingue dos demais que não possuem, tornando-se institucionalizado via certificação (BONAMINO et al., 2010).

Ainda sob o enfoque de Bonamino et al. (2010), há outro tipo de capital: o social. Esta forma de capital tem como base o conjunto de recursos potenciais detidos pelo sujeito, referindo-se à quantidade e à qualidade de recursos do grupo, e em síntese ele se dá pela rede de convívio. O ponto chave desse conceito é sobre a extensão das relações que o indivíduo ou grupo pode alcançar, bem como o volume da soma das formas de capital, além dos grupos em que são inseridos e a maneira como se reproduz esse tipo de capital, podendo até ter fonte no capital econômico.

No que tange o capital simbólico, é frequentemente conhecido como prestígio, fama, reputação, é a personificação percebida e reconhecida como legítima por diversas formas de capital, levando o indivíduo a uma situação de poder. Através desse capital aqueles que o detém podem manejar os demais com suas crenças (BOURDIEU, 1989).

Em outras palavras, a soma e interiorização dessas formas de capital, propiciam o detentor desses meios de capital, a legitimação por suas posses e influência social, levando esse sujeito a uma situação de “superioridade” sobre aqueles que não detém desses privilégios. Compreende-se este público como os dominadores validados socialmente, pois, são dotados de um poder que não é necessariamente físico, mas,

se conceituam no campo simbólico, podendo ser transformado em ferramenta de violência devido à falta de equivalência de capital entre os sujeitos.

A violência simbólica se difere das outras formas de violência devido ao fato de ser fundamentada na existência de uma cultura dominante, legitimada por todos e assumida como superior, pois é introjetada e entendida como digna de ser seguida. Portanto, esse sujeito ou grupo no papel de dominador detém das formas de capital, logo, compreende-se que ele está sobre todos aqueles indivíduos tidos como vulneráveis por não ter o poder. Com isso, os dominados não têm voz perante a sociedade e isso é paradoxal, pois o poder e a efetividade dado a classe dominante é de fato legítimo, por ser aceito em razão da introjeção desses conceitos, pelo próprio indivíduo mesmo que não tenha consciência disso, vítima da violência. Então, o conceito de violência simbólica está associado a essa interiorização e aceitação ao longo de sua existência (ROSA; BRITO, 2009).

De acordo com Nader & Caminoti (2014) sob a perspectiva de gênero, existe um encadeamento de poder do masculino sobre o feminino, onde, de forma não consciente se estabelecerão papéis sociais hierárquicos, havendo um dominador e outro submisso a essa dominação. Por consequência, essa capacidade de reproduzir o discurso dominante e torná-lo aceitável perante a sociedade faz a violência simbólica se tornar presente. Ao associar a questão de gênero, pode ser entendida como falta de equivalência pelo acúmulo de capital refletida nos sexos, pois é esperado o homem ter acúmulo de capital maior ao da mulher, visto que, foi naturalizado através do discurso dominante a incapacidade da mulher em ocupar certos cargos e merecer salários mais baixos porque engravidam, a saber.

Desse modo, há uma introjeção dos papéis antes mesmo do sujeito nascer, visto que a sociedade já é estruturada em um modelo patriarcal favorecedor daqueles que se encaixam em seus requisitos. Quando ocorre a distribuição desses papéis, cria-se um contraste na construção social do significado de ser feminino e do significado de ser masculino, pois ao primeiro é ensinado que seja passivo, condescendente, enquanto o segundo gênero é entendido como provedor, figura ativa que se impõe perante ao feminino. Isto viabiliza esse entendimento de superioridade e até a posse sobre o feminino, acabando por ser corroborado socialmente. Com isso, essa ideia de

dominação masculina sobre o corpo da mulher é identificada nos casos de feminicídio, em razão de ser mulher, pelo ódio dominador sobre os corpos femininos (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

## **2.1. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA A MULHER**

Inicialmente, se faz necessário considerar o que se entende por ser mulher. Simone de Beauvoir (1967) corrobora na perspectiva da construção social da mulher, abordando o que muitos teóricos da psicologia também estudam: a influência do ambiente no desenvolvimento humano e suas consequências ao decorrer da vida, uma vez que, segundo a autora, não existe o nascer mulher, e sim o tornar-se. Deste modo, os adultos possuem o poder de conferir o ser de uma criança, ou seja, são eles os responsáveis por lhes atribuir significado, importância e relevância. Sendo estes, aspectos imprescindíveis na definição do que futuramente irá se tornar o papel de homem e mulher.

Aos meninos é ensinado a dominação e o poder sobre as mulheres desde a infância, ao justificar a separação do sexo oposto devido à sua suposta superioridade inata, incentivada socialmente. Das meninas, por sua vez, é exigido cada vez mais, em busca de encorajá-las a dura jornada que as espera, sendo a mulher rodeada de tabus desde seus órgãos sexuais até a sua conduta (BEAUVOIR, 1967). Com isso, conclui-se que a construção dos gêneros é incorporada mediante a aprendizagem, dividindo-os, em busca de suprir as expectativas criadas pela sociedade.

No entanto, isto não é algo novo da contemporaneidade. Ao contrário, o papel da mulher foi construído socialmente através da história. Logo, em um cenário não muito distante, depara-se com a mulher sendo vista como propriedade do homem. Este, então seu marido, entendia possuir o direito de controlá-la, impactando grandemente na forma como essa se percebia e se percebe até hoje (SANTOS et al., 2020).

Nota-se que uma das formas para compreender as mudanças ocorridas culturalmente na sociedade, retoma-se ao período colonial, onde o homem tinha o direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, impondo padrões e papéis a serem desempenhados por ela com extremas diferenças em relação ao gênero masculino (DE SOUSA SILVA, et al., 2018).

Em consequência, a mulher na sociedade, desde os primórdios, é entendida como um sujeito a ser dominado pelo outro. De acordo com Lourenço et al. (2014) as mulheres costumavam ser educadas para ficar em casa, enquanto seus maridos trabalhavam fora. No entanto, pode-se perceber que ainda em algumas famílias as mulheres são proibidas de trabalhar, sendo tratadas como inferiores e incapazes.

Constata-se que o lugar da mulher nunca foi ao lado de um homem, e seus direitos políticos, sociais e econômicos sempre foram questionados quanto à legitimidade e por vezes submergidos, de tal modo que até o presente momento existe uma luta para que a mulher seja realmente respeitada e tratada de forma isonômica (DELLAZZANA, 2018).

Sendo assim, o senso comum incorpora a dominação do homem sobre a mulher a partir de uma naturalização deste poder, encontrando na sociedade perfeitas condições para sua reprodução. E a mulher, introduz isto como algo irreversível, por estar naturalizado na sociedade. Muitas ainda se comportando como submissas e dependentes nos planos econômicos, culturais e sociais, considerando o homem como o chefe da casa, incontestável e dono das decisões, sem perceber sua condição de dominada e reproduzindo essa forma de violência (RODRIGUES; NASCIMENTO; NONATO, 2015).

Percebe-se, apesar do movimento feminista que aconteceu em meados de 1960, de fato foi somente na contemporaneidade que as mulheres começaram a ter sua voz parcialmente ouvida e ganhar forças para lutar pela desigualdade (DELLAZZANA, 2018). Conforme Lourenço et al. (2014) a mulher tem um longo caminho a percorrer na luta por emancipação e independência, em razão de ainda ser possível observar a mulher sendo retratada em propagandas e imagens como alguém ambicioso por consumir, ou como a dona de casa, cuidadora de seu marido e filhos, a qual não deseja sua independência.

De acordo com Bourdieu (2012), a sociedade constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Toda essa percepção social introjetada se aplica a maioria das coisas do mundo, mas antes de qualquer coisa, ao próprio corpo, em sua realidade biológica, construindo a



dessemelhança entre os sexos biológicos, alinhado aos princípios de uma visão imaginária do mundo, arraigada na relação injusta de dominação dos homens sobre as mulheres. Com isso, a diferença biológica entre um homem e uma mulher, mais especificamente dos órgãos sexuais, pode ser considerada por muitos, como uma justificativa para tal diferença que é constituída socialmente, e especialmente nas relações sociais e de trabalho.

Conforme Reed (2008) afirma sobre o mito da pretendida superioridade social do sexo masculino, esse poder masculino não é um fenômeno social específico de um momento determinado da história, mas sim uma lei natural. Destaca-se que os homens, foram dotados pela natureza de atributos físicos e mentais superiores, daí essa diferença de classe. Entretanto, a supremacia masculina, decorrente da desigualdade biológica, não passa de uma hipocrisia na história. Não se deve considerar que essas condições físicas e mentais do homem o colocaram nessa condição de superioridade com relação à mulher, mas sim a sociedade de classe.

Em consonância com Nader & Caminoti (2014) existe um encadeamento de poder do masculino sobre o feminino, pois nessa lógica existe alguém que dominará e o outro será dominado de forma não consciente, assim, pode-se supor estar incluso nessa relação de dominação ameaças e intimidações por parte do dominante, que dentro da lógica da violência acaba impondo suas necessidades acima do outro, enxergando esse outro como um objeto a ser possuído.

Bourdieu (2012), fala ainda sobre a dominação masculina e da existência de uma imposição e vivência dessa submissão. Essa violência simbólica é entendida pelo autor como uma “violência suave”, pelo fato de não ser tão perceptível as vítimas. Esse é um sistema extremamente simbólico pela via das relações dos indivíduos. Sendo assim, por compreender ser algo suave, pode-se pensar sob o ponto de vista que, por não deixar marcas visíveis, ela possa ser banalizada e provavelmente nem ser pensada como algo grave devido à sua natureza. A problemática dessa visão é que isso gera impactos, pois ao conceber uma violência como algo natural, acaba-se por inseri-la na cultura, nas interações sociais, nos ensinamentos populares e assim por diante, sem questioná-la.

Nesse caso, ainda seguindo a linha de pensamento sobre a “violência suave” de Bourdieu (2012), remete-se o uso de termos como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. Este é um termo utilizado para fazer com que os observantes da situação não façam intervenção alguma frente ao ato violento. Porém, ao se fazer consciente dessa fala, é possível compreender ser essa uma expressão inadequada e totalmente passiva, além de manter a constância da violência associada à questão de gênero e do âmbito privado, ao contrário da questão de âmbito público a qual faz parte.

### **3. OBJETIFICAÇÃO DA MULHER**

Para começar a articular sobre a objetificação da mulher, se faz necessário verificar o que se entende com a palavra “objetificação”. De acordo com o Dicionário online de Português (2021), define-se como “processo que atribui ao ser humano a natureza de um objeto material, tratando-o como um objeto ou coisa”.

Ao analisar o sentido da palavra objetificação, percebe-se que o ser humano é tratado como uma coisa a ser possuída. Compreende-se então, a existência de um sistema de “representações-dominação” responsável por reduzir as relações de homens e mulheres em uma lógica hierárquica simbólica, colocando-os em lados opostos, onde um será o dominador e conseqüentemente o outro será dominado, objetificando-os. Esses papéis se configuram através de um fenômeno que é o machismo, um sistema articulador de relações reais e imaginárias da dominação do homem sobre a mulher (DRUMONT, 1980).

Para Oliveira (2018), citando Heldman (2012), o conceito de objetificação sexual surgiu em meados de 1970 e consiste em um processo no qual uma pessoa é tratada como objeto sexual. Sendo assim, as meninas aprendem desde cedo a cobrirem seus corpos, fugirem dos olhares e locais onde se encontram muitos homens, além de falar e se portar adequadamente. Em outras palavras, aprendem as diversas regras para se preservar inocentes.

Verifica-se ainda que essas mesmas meninas ensinadas desde cedo a se cobrir, estão perante uma cultura impositiva de um padrão perfeito como ter um corpo magro, curvilíneo, seios e bumbum definidos e barriga negativa. E esses padrões são

diariamente mostrados pela mídia e redes sociais, através de novelas, filmes, propagandas, onde se cultua o corpo perfeito (OLIVEIRA, 2018).

É importante dizer que o público feminino ao ser objetificado, torna-se mais suscetível ao desrespeito por terceiros, que de forma não consciente reproduzem essa prática, revelando a introdução desse padrão estabelecido pelo senso comum. O corpo feminino é visto como algo a ser tocado, erotizado, violentado, é posto como coisa a ser consumida (LOURENÇO; ARTEMENKO; BRAGAGLIA, 2014).

#### **4. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA SERTANEJA PARA A CULTURA BRASILEIRA**

É importante compreender a música como uma manifestação cultural que expressa o contexto histórico vivenciado pela sociedade, além de ser uma forma de entretenimento. Da mesma maneira, pode-se afirmar que a música teve bastante influência em momentos históricos, como a ditadura no Brasil, auxiliando na constituição de bens simbólicos no país (ZAN, 2001).

Atualmente com a globalização, a música se mantém cada vez mais presente no cotidiano. De acordo com a reportagem de Renata D'Elia (2020) para o Tabuol, no Brasil, um dos gêneros mais escutados no ano de 2020 foi o sertanejo, liderando o número de execuções nas rádios e chegando a alcançar 48 colocações entre 100 das músicas mais tocadas em um aplicativo reprodutor de música.

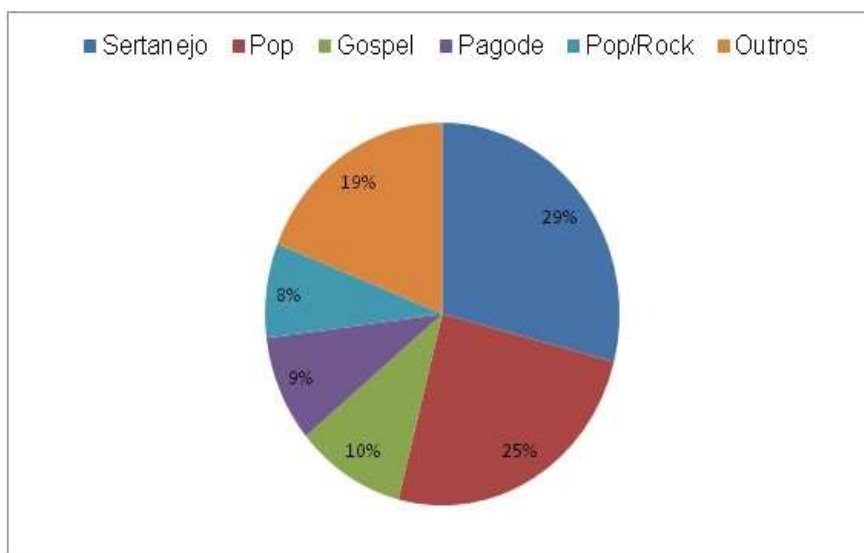
O sertanejo universitário, por sua vez, é um gênero musical advindo da música sertaneja de estilo caipira e se configurava em formação de duplas que utilizavam voz e violão como instrumentos. Esse estilo era marcado por canções permeadas pela simplicidade e sentimentalismo. Contudo, houve transformação na estrutura desse gênero devido a ampliação dos meios de comunicação e da indústria de cultura no Brasil. Foi aproximadamente no ano de 2000 em Goiás que houve a modificação do estilo de sertanejo raiz, por não ter mais a essência totalmente voltada para questões da vida no interior (RODRIGUES; LAIGNIER; BARBOSA, 2012).

Nessa perspectiva, a composição do sertanejo torna-se mais elaborada, fomentando o surgimento do sertanejo universitário. Este utiliza demasiados arranjos sonoros e

passa-se então a falar sobre outros assuntos que não remetem exclusivamente ao sentimentalismo raiz, no qual foi aderido pelo público de forma acalorada. Os temas que mais aparecem nos sertanejos universitários são, situações relacionados ao alto consumo de bebidas alcoólicas, términos de relacionamentos, traições e suas revides, bem como a dominação do outro. Isto posto, verifica-se que esse estilo musical acaba por ser difundido pela população e reproduzido por esta (RODRIGUES et al., 2012).

A Kantar IBOPE Media (2020) fez a divulgação de um estudo realizado no ano de 2019 em parceria com a CROWLEY, empresa especializada em monitoramento eletrônico de broadcast de áudio, onde identificaram que 83% da população passa em média 4 horas ouvindo rádio. Relativo ao sertanejo universitário, nota-se grande influência e destaque entre os gêneros musicais listados no estudo, pois em uma classificação contendo dez posições dos artistas mais ouvidos nas paradas de sucesso estão: Marília Mendonça, Zé Neto & Cristiano, Gustavo Lima, Luan Santana, Henrique & Juliano, Wesley Safadão, Matheus & Kauan, Jorge & Matheus, Felipe Araujo e Bruno&Marrone.

Gráfico 1. Participação por gênero musical mais ouvidos de acordo com a pesquisa realizada pela Kantar



IBOPE Media em parceria com CROWLEY.

Mediante ao exposto, é visível quanto o sertanejo raiz pavimentou caminho para o surgimento do sertanejo universitário. No entanto, é importante destacar o fato de não ter sido o único fator determinante desse estilo musical, o qual foi influenciado por

outros fatores como contexto social, tecnológico e econômico, além de ter sido aceito rapidamente pelo público por ser um dos gêneros mais escutados, principalmente pelos jovens, onde mais se destaca (SEREN, 2009).

Assim, ao concluir que a música é um recurso importante presente no dia-a-dia e possuidora de um papel fundamental na vida das pessoas, ela possui poder de influenciar, tanto para a conscientização e reflexão a respeito dos momentos vivenciados pelo ouvinte, como também para a propagação de discursos introjetados na sociedade (CRISPIM; LEÃO, 2015).

## **5. NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA MULHER NO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO**

De acordo com Valladão (2021), a ideia perpassada durante décadas de que a mulher é um ser frágil e necessita de um homem para defendê-la, é muitas vezes encontrada no sertanejo universitário. Esse discurso é disseminado cada vez mais através dessas músicas, por meio de um pensamento naturalizado, retrato do patriarcado refletido em muitos casos nos altos índices de violência contra a mulher. Isto é possível ser visto em diversos meios sociais, em falas e comportamentos misóginos e machistas, além das desigualdades e violências, relacionados à figura feminina.

Através das músicas, por se tratar de um meio de propagação de informações que toma grande proporção de forma rápida em todo o mundo, esse discurso é naturalizado e, na maior parte do tempo, só pode ser notado se for analisado minuciosamente verso por verso da canção (VALLADÃO, 2021). Concluindo assim, percebe-se que apesar dessas músicas possuírem letras que desvalorizem, sexualizem e agridam a mulher, essas, ainda são um meio de obtenção de lucro e sucesso.

A presença da figura feminina dentro do sertanejo, perpassa desde o cantar sobre o amor até o discurso puramente misóginos, retratando-a como um ser inferior e subordinado ao homem. Mensagem essa, articulada ao fato do homem ter um estereótipo rude, mal caráter, dominador, e entre outros atributos compreendidos como naturais pela sociedade (GONÇALVES, 2018).

Mediante ao exposto, tendo o contexto de violência simbólica contra mulher e sua objetificação como plano de fundo, ponto deste trabalho, é possível observar as músicas como um meio de disseminar essas ideias. Isso se deve a estarem no cotidiano, sendo comumente cantadas pela maioria das pessoas, das mais diversas faixas-etárias, sintetizando essa relação da mulher com o homem.

Isto posto, ao analisar algumas letras de canções do sertanejo universitário percebe-se questões que remetem a violência e precisam ser avaliadas com cuidado. No trecho cantado por Marília Mendonça (2017) na canção “Perto de Você”, fala-se “É melhor aguentar seus gritos, do que me afastar e nunca mais voltar”. Com essa parte, reflete-se sobre qual o contexto da necessidade de tolerar gritos e ficar com receio de finalizar essa relação, possivelmente conturbada, partindo do princípio de precisar aguentar esse comportamento para não perder a tal pessoa amada.

Já a música “Vidinha de balada” da dupla Henrique e Juliano (2017) retrata uma imposição de relacionamento que parece tirar a opção de escolha do outro. O trecho referenciado é “Vai namorar comigo sim, vai por mim igual nós dois não tem, se reclamar ‘cê’ vai casar também, com comunhão de bens”. Exemplificando mais uma vez a retirada da liberdade de escolha do outro em manter alguém neste relacionamento que se mostra impositivo.

Outro exemplo a ser citado é a música intitulada “Propaganda” performada pela dupla Jorge e Mateus (2018), na qual contém os seguintes versos:

Ela queima o arroz  
Quebra copo na pia  
Tropeça no sofá, machuca o dedinho  
E a culpa ainda é minha  
Ela ronca demais  
Mancha as minhas camisas  
Dá até medo de olhar  
Quando ela tá naqueles dias  
É isso que eu falo pros outros  
Mas você sabe que o esquema é outro  
Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho  
Tá doido que eu vou  
Fazer propaganda de você  
Isso não é medo de te perder, amor  
É pavor, é pavor  
Tá doido que eu vou  
Fazer propaganda de você  
Isso não é medo de te perder, amor

É pavor  
É minha, cuido mesmo, pronto e acabou [...]

Segundo Blau e Cadoná (2019, p.81) “o fato de o sujeito falar mal da companheira pode ressaltar que é através da violência emocional que o parceiro se auto afirma na relação e mantém o controle. Há pessoas que só se sentem bem quando humilham o outro ou expõem seus defeitos.” Desta mesma maneira, nota-se em seus versos que além de enquadrar a mulher no estereótipo de “dona de casa” atribuindo-lhe funções como cozinhar e lavar, também há necessidade de descredibilizá-la frente a sociedade alegando medo de perdê-la como se esta fosse sua propriedade. Conclui-se então, que este tipo de discurso reforça a objetificação da mulher na cultura, além de naturalizar o ciúme e o sentimento de posse, considerando-os como algo romântico e desejável.

Do mesmo modo, a música reproduzida por Matheus e Kauan (2020) intitulada “Litrão” traz frases como “Você decide, a minha boca ou a do litrão. ‘Cê’ quer dançar comigo ou descer até o chão, sozinha? Você quer ser da bagaceira ou quer ser minha? ”. A música refere-se à opção da mulher de deixar de fazer aquilo que gosta para ficar com ele, enquadrando-se a este padrão imposto, dado sua suposta superioridade, a fim de receber em troca a “oportunidade” de estar com este homem.

Ademais, a canção ratifica o fato da violência não ser apenas um ato de violência isolado, mas fazer parte dessa construção social que tem tendência a diminuir o feminino e exaltar o masculino (RODRIGUES; NASCIMENTO; NONATO, 2015). Com isso, a escolha na maneira de viver da mulher será sempre diminuída se comparada àquilo que a sociedade espera dela, o qual consegue ser visto no emprego do termo “bagaceira”.

Por fim, mais um exemplo a ser citado é a canção intitulada de “Ciumento Eu” de Henrique e Diego com participação de Matheus e Kauan. Onde a letra diz:

Ciúme não  
Excesso de cuidado  
Repara não  
Se eu não saio do seu lado  
Tem uma câmera no canto do seu quarto  
Um gravador de som dentro do carro  
E não me leve a mal  
Se eu destravar seu celular com sua digital

Eu não sei dividir o doce  
Ninguém entende o meu descontrole  
Eu sou assim não é de hoje  
É tudo por amor  
E tá pra nascer  
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu Ciumento, eu?  
E o que é que eu vou fazer  
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu? [...]  
HENRIQUE E DIEGO (PART. MATHEUS E KAUAN) (2017).

Pode-se analisar que a música citada da dupla em questão, reforça a ideia de dominação devido ao estabelecimento de papéis, marcado pela relação de dominação e envolvido pelo poder simbólico concedido ao sexo masculino sobre o feminino, cujo naturalizam-se situações como a da canção sob o pretexto de ser “tudo por amor” e isso é disseminado, além de moldadas ao longo da história (PERISSINOTTO, 2007).

De conformidade com uma pesquisa qualitativa realizada em relação ao nome da música “Ciumento Eu” e seu conteúdo, a maioria de adolescentes do sexo feminino e masculino entrevistados, alegou tratar-se do cuidado de um alguém apaixonado e proteção ao que é “seu”, corroborando com a ideia apresentada até aqui da objetificação da mulher e naturalização da violência. Ademais, a pesquisa conclui que as meninas entrevistadas nem sempre conseguem ter a percepção das representações negativas contidas nas músicas, mostrando-se em alguns momentos conformadas com a violência e o machismo (BISPO; SGANZERLLA; PEREIRA, 2019).

Com isso, constata-se que ainda nos dias atuais, mesmo com movimentos sociais como o feminismo, não há inibição na reprodução de discursos como estes exemplificados nas músicas acima. Ao contrário, Oliveira et al. (2016) afirma haver uma romantização desse tipo de violência na cultura, negligenciando e transformando-as até em algo desejável, tratando como violência apenas aquelas no âmbito físico, identificando a necessidade de mudanças nas bases ideológicas da sociedade.

Destarte, essas representações de violência perpassam a vida de muitas mulheres no mundo todo e geram graves consequências para sua vida, tais como: baixa autoestima; naturalização do sofrimento; culpabilização de si própria pelo sofrimento causado por outra pessoa, medo, isolamento social de possíveis redes de apoio, depressão, pânico, negação, por acreditar que a violência é algo normal e que a



maioria das mulheres também passam por isso, e que por estarem em um relacionamento precisam suportar tal ato (SANTOS; ANDRADE, 2018).

Observa-se por inúmeras vezes essa violência ter sido banalizada, no qual essa aceitação e reprodução de tais comportamentos, permitem que essa modalidade de violência seja cada vez mais repetida, sendo vista como própria e normal da natureza masculina, enquanto os modelos são perpassados de geração a geração, podendo até ser entrada para outros tipos de violência, até a física (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

É possível que na medida em que aumentam as notícias sobre violência contra a mulher, mais as esferas sociais entram em colapso ao mesmo tempo que fornecem meios de coibir as agressões. O que corrobora com esse pensamento é o fato da existência da Lei Maria da Penha, nº 11.340, sancionada no dia 7 de agosto de 2006, onde informa definições dos tipos de violência contra a mulher e as punições cabíveis aos agressores. Ademais, cabe ressaltar que é papel da sociedade se atentar e promover ações para coibir esse contexto.

Entende-se a reflexão e o conhecimento sobre o que é violência como fundamentais, com o objetivo de desnaturalizar certos comportamentos que induzem e amparam essa violência, seja no ambiente familiar, escolar ou religioso, desmantelando essa violência disfarçada de amor e cuidado, perpassando de forma camuflada na maioria dos ambientes (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um fator importante a ser considerado é que o tema violência contra mulher não é algo deslocado da sociedade. Possivelmente muitas mulheres que sofrem de violência doméstica não tem dimensão de outras modalidades de agressão para além da física, dificultando ainda mais em suas percepções sobre a situação na qual estão submetidas, justamente por não sofrer com marcas em seus corpos, mas sim, com outras que podem ser tão nocivas quanto, como a violência simbólica.

Nesse sentido, o presente trabalho não teve como objetivo fazer juízo de valores a respeito dos cantores e sua intencionalidade com a música, todavia proporcionar a

reflexão de como a violência simbólica está arraigada na cultura brasileira e conseqüentemente no cotidiano, além de como esta é banalizada. Além disso, permitiu verificar como se faz presente a reprodução dessa violência, principalmente através de um gênero musical amplamente aderido ao público como o sertanejo universitário.

Ao mesmo passo, percebe-se a existência de uma estrutura na qual se propicia o campo para a disseminação da violência simbólica através das músicas, reafirmando e naturalizando a falta de equivalência dos poderes atribuídos aos sujeitos por meio do capital, podendo ser econômicos, social, cultural e principalmente simbólico, como apresentado. Este último, de fato determina as diferenças de poder, mostrando-se visível na questão da divisão dos gêneros, onde surgem papéis sociais e a hierarquia deles, divididos em dominação e submissão sendo alimentados pelas crenças dominantes.

Nota-se não haver necessariamente consciência por parte do indivíduo sobre a violação à qual foi submetido, corroborando com o sistema que retroalimenta as crenças da classe dominante e por vezes naturaliza discursos distorcidos para a manutenção do poder vigente, principalmente através do gênero do sertanejo universitário, onde objetifica-se a mulher, tornando-a algo a ser possuído, lhe inferiorizando devido o sexo feminino e a construção social do que entende-se por ser mulher.

No decorrer da revisão bibliográfica, percebeu-se o número reduzido de estudos encontrados ligados diretamente com a temática de violência simbólica contra a mulher, tornando fundamental que a temática seja mais explorada. Ademais, é significativo ressaltar a relevância do tema no sentido de contribuição social e reafirmação da luta por equidade entre os gêneros.

É importante também destacar o papel da sociedade em se atentar a esse cenário e fomentar debates, ações no âmbito privado e público a fim de ter compreensão do fenômeno, e direcionamento de futuras ações com a finalidade de gerar resultados não apenas teóricos, mas também práticos, com auxílio da ciência e dos agentes de todas as classes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. **Tradução de Sérgio Milliet**, v. 2, 1967.

BISPO, Luciana Santos; SGANZERLLA, Evelin Sibebe R.; PEREIRA, Maria Gorete. SOCIEDADE, GÊNERO E VIOLÊNCIA: PERCEPÇÕES JUVENIS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS, DE PERPETUAÇÃO DA CULTURA MACHISTA E DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PRESENTES EM DIFERENTES GÊNEROS MUSICAIS. In: **Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. 2020. p. 333-347. Disponível em: <[Http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/926](http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/926)>. Acesso em: 14 out. 2021.

BLAU, Thaís Gabriela; CADONÁ, Eliane. (DES) CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO CENÁRIO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO. **Revista Psicologia em Foco**, v. 11, n. 16, p. 68-88, 2019. Disponível em: <[Http://ocs.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/3543](http://ocs.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/3543)>. Acesso em: 15 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. BOURDIEU, Pierre *et al.* **O poder simbólico**. 1989.

BONAMINO, Alicia *et al.* Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 487-499, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GbzRVcsL7L6PVNx3mxtdFkQ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 10 out. 2021.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte/Fundação Odebrecht, organizadores. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Editora Rona, p. 142-50, 1998. Disponível em: [http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes\\_Genero.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf)>. Acesso em: 17 setembro 2021.

CRISPIM, Jonny Rosa da Silva; LEÃO, Eliane. A PERCEPÇÃO COMO FORMA DE INICIAÇÃO AO PROCESSO DE INFLUÊNCIA DA MÚSICA NAS PESSOAS. **Anais do SEFiM-Interdisciplinar de Música, Filosofia e Educação**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/35>>. Acesso em: 14 out. 2021.

DA SILVA MÉLO, Mário Ferreira. O CAPITAL SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO DA SOCIEDADE E COMBATE À VIOLÊNCIA URBANA. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 24, n. 1, p. 189-201, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228688>>. Acesso em 10 de out. 2021.

DA SILVA, Anderson Aparecido Lima. **A TEORIA DA PRÁTICA DE PIERRE BOURDIEU: ENTRE ESTRUTURALISMO E FENOMENOLOGIA**. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/7695>>. Acesso em 10 out. 2021.

D'ELIA, Renata. Monocultura sonora: Como e por que a música sertaneja se tornou tão popular de norte a sul do Brasil. **TABUOL**, 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/sertanejo/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

DELLAZZANA, Giovana Alves; **A objetificação da mulher na sociedade de consumo: a nota técnica 2/2017/SENACON como o início de um novo estado da arte. 40f. Monografia (Bacharelado em Direito)**. Antonio Meneghetti Faculdade – AMF, Curso de Direito, Recanto Maestro, Rio Grande do Sul, 2018.

DE OLIVEIRA, Romilda Sergia. O corpo feminino: erotização e objetificação. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, v. 2, n. Esp., p. 497-508, 2018.

DE SOUSA SILVA, Ana Flávia *et al.* “A magreza como normal, o normal como gordo”: reflexões sobre corpo e padrões de beleza contemporâneos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 6, n. 4, p. 808-813, 2018.

DE SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A violação de direitos da mulher: um retrato do feminicídio e suas faces. **Revista Diálogos**, v. 8, n. 2, p. 214-234, 2020. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/9914>>. Acesso em 12 out. 2021.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas**, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. **Gênero e educação: caderno para professores. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação**, p. 29-42, 2003. Disponível em: <<http://ceseep.org.br/wp-content/uploads/2014/05/SUBS%C3%8DDIOS-PARA-UMA-DISCUSS%C3%83ODE-G%C3%8ANERO.pdf>> Acesso em: 17 setembro 2021.

FERNANDES, Nathaly Cristina; DA NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino. A naturalização da violência contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, 2020.

FINCO, Daniela F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>>. Acesso em: 17 setembro 2021.

ILARI, B. S. Música, comportamento social e relações interpessoais. **Psicologia em Estudo**, 11(1), 191-198, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/PRYHKwPGcJgGmZdX8L6HPwS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 out. 2021.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. **A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos**. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste; Vila Velha, ES. 2014. p. 1-15.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília

Figueiredo de Souza. Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 1151-1157, 2009.

Disponível em:

<[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/sc/v14n4/a16v14n4.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sc/v14n4/a16v14n4.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2021.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica.

**Anais do**, v. 16, 2014.

OBJETIFICAÇÃO. In: **Dicionário Online de Português**: Dicio. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/objetificacao/>. Acesso em 12 jun. 2021.

OLIVEIRA, FMA *et al.* Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. **Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE**, 2016. Disponível em:

<[https://flucianofejao.com.br/novo/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO\\_DO\\_RELACIONAMENTO\\_ABUSIVO\\_UMA\\_VIOLENCIA\\_SILENCIOSA\\_A\\_INEFICACIA\\_DA\\_LEI\\_MARIA\\_DA\\_PENHA.pdf](https://flucianofejao.com.br/novo/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2021.

RAIMONDO, Maria Lúcia; LABRONICI, Liliana Maria; LAROCCA, Liliana Müller. Retrospecto de ocorrências de violência contra a mulher umas registradas em uma delegacia especial.

**Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 43-49, 2013. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648961006.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2021

RAMALHO, Karina Fardim *et al.* **A influência patriarcal na invisibilidade da violência psicológica sofrida pela mulher**. 2017. Disponível em:

<<http://repositorio.fdv.br:8080/handle/fdv/431>>. Acesso em 10 out. 2021.

REED, Evelyn. **Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe**. Tradução: Ana Chagas.

São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sandermann, 2008. Disponível em:

Acesso em: 25 de setembro de 2021.

ROSA, Alexandre Reis; BRITO, Mozar José de. Ensaio sobre violência simbólica nas organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 51, p. 629-646, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/osoc/a/5h7gCP95zXSWpRDpKjJcrRD/?lang=pt>>. Acesso em 12 out. 2021.

RODRIGUES, Indira; LAIGNIER, Pablo; BARBOSA, Marialva. Da Viola Ao Teclado:

Uma Análise da Transição da Música Sertaneja da Década de 80 até os Dias Atuais. In: **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste-Ouro Preto-MG- 28 a. 2012**. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R331443-1.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

RODRIGUES, Maria Elizabeth; DO NASCIMENTO, Geraldo Barbosa; NONATO, Eunice Maria Nazareth. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. **identidade!**, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015. Disponível em:

<<http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/2524>>. Acesso em: 15 setembro 2021.

SANTOS, J. A. S. dos ., Trindade, V. L. R. da ., Pereira, O. P. ., & Santos, L. da S. .

(2020). TRANSTORNO ALIMENTAR E OBJETIFICAÇÃO FEMININA: UM RESULTADO DAS RELAÇÕES DE PODER?. *Revista JRG De Estudos Acadêmicos*, 3(7), 123–142. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3992831>

SANTOS, CRISTIANE FERREIRA DA SILVA; ANDRADE, MARIA JULIANA EMILIANO. A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018.

SERTANEJO dispara como o gênero mais ouvido nas rádios em 2019. **Kantar Ibope Media**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/sertanejo-dispara-como-o-genero-mais-ouvidonas-radios-em-2019/>>. Acesso em: 13 out 2021.

SEREN, L. G. Gosto, Música e Juventude: **Uma pesquisa exploratória com grupos de alunos da rede pública e privada de ensino de Araraquara**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 2009.

WALKER, Lenore. **The battered woman**. New York: Harper and How, 1979.

VALLADÃO, Vivianne Freire. **O discurso misógino e machista em letras de músicas sertanejas**. 2021.

ZAN, José Roberto. Música popular brasileira, indústria cultural e identidade. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 105-122, jun. 2001.

## DEPRESSÃO INFANTIL E DEPRESSÃO MATERNA E SUAS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Lara Lyandra Fernandes Ramos<sup>1</sup>, Rafaela Sarte Magnago<sup>1</sup>, Raiany Brunelia Alves Costa<sup>2</sup>, Naiara Maria Batista<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Faculdade Multivix Cariacica.

<sup>2</sup> Professora de Ensino Superior do Curso de Psicologia na Faculdade Multivix Cariacica

### RESUMO

O objetivo deste artigo de pesquisa é discutir sobre a depressão e suas possíveis consequências na relação psicoafetivo mãe-filho, essa relação que é de grande importância para o desenvolvimento da criança, quando é acompanhado por uma mãe com quadro depressivo, pode ocasionar sérios riscos para o filho, influenciando no desencadeamento de uma possível depressão infantil. Com objetivo de esclarecer mais sobre o que é a depressão trazendo sua trajetória na sociedade e possíveis riscos psicossocial e psicológico na vida do indivíduo, abordando a depressão infantil e possíveis causas, e os prováveis impactos que a depressão materna pode influenciar no desenvolvimento infantil.

**Palavras-chaves:** Depressão, depressão infantil, depressão materna, desenvolvimento infantil

### ABSTRACT

The objective of this research article is to discuss about depression and its possible consequences in the psycho-affective mother-child relationship, this relationship that is of great importance for the development of the child, when it is accompanied by a mother with a depressive condition, it can cause serious risks for the child. the child, influencing the triggering of a possible childhood depression. In order to clarify more about what depression is, bringing its trajectory in society and possible psychosocial and psychological risks in the life of the individual, addressing childhood depression

and possible causes, and the likely impacts that maternal depression can influence on child development.

**Keywords:** Depression, childhood depression, maternal depression, child development

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar a depressão e suas possíveis consequências na vida do indivíduo, à vista disso, a depressão é reconhecida como um mal do século para a sociedade, de acordo com a (OMS, 2020), acredita-se que a depressão é um transtorno comum, no qual, mais de 300 milhões de pessoas sofram com o mesmo. Entretanto, o transtorno depressivo é mais comum do que se imagina, historicamente, a depressão passou por diversas releituras, por exemplo, por volta de 400 a.C., Hipócrates utilizou os termos mania e melancolia para descrever distúrbios mentais, e o primeiro texto de língua inglesa inteiramente relacionado à depressão foi Anatomia da melancolia, de Robert Burton, publicado em 1621 (SADOCK, 2017, p. 347), a depressão acompanha a sociedade desde as primeiras culturas, hoje o transtorno é identificado como um período persistente de humor deprimido, ou a diminuição acentuada de interesse e prazer na maioria das atividades cotidianas (RIBEIRO, 2020. p. 11).

Além disso, o enfoque desse artigo é analisar de forma sistêmica como o transtorno pode ocasionar diversas consequências no desenvolvimento infantil, e como a representação parental principalmente em mães com comportamento depressivo pode causar riscos no desenvolvimento psíquico da criança, dito isso, a identificação de um comportamento depressivo em crianças ainda é uma incógnita, pois é confundido como característica natural da criança, porém, deve ser analisado por quanto tempo se perdura tais comportamentos como tristeza, alteração na alimentação, sono, sentimento de inferioridade e entre outros. Tendo como sintomas parecidos com a dos adultos Fassler e Dumas (2002, p.11) as consequências que podem desencadear a depressão em crianças ainda trazem incertezas, mas acredita-se que algumas situações como a morte de alguém próximo, separação dos pais, o baixo rendimento escolar, aspectos sociais, ambientais e econômicos podem ajudar



no desenvolvimento do transtorno (FRAGA, 2015). A depressão infantil se apresenta a partir de três modelos como biológico, comportamental e cognitivo (SCHNEIDER, 2016).

Entende-se que o ambiente familiar principalmente a relação mãe-filho é de extrema importância no desenvolvimento saudável da criança, como finalidade em suprir as necessidades físicas e orgânicas dos filhos, como o cuidar, educar, alimentar, vestir e proteger, dito isso, analisar de forma sistêmica a saúde psicológica parental, principalmente em condições de transtorno mental através de intervenções podem auxiliar na ajuda do cuidado da criança (Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch-2008).

Crianças que convivem com mães depressivas podem ocasionar com mais facilidade desordens comportamentais, afetivas cognitivas e sociais, autoimagem negativa, distúrbios do apego, afeto negativo entre outros (Marta Schneider, Denice Bortolin, 2014; Brum & Schermann, 2007).

A metodologia de pesquisa foi realizada de natureza de pesquisa básica, obtendo como classificação os objetivos exploratórios, colhendo informações por meio de pesquisas bibliográficas de fontes primárias em artigos científicos, com a proposta em compreender mais sobre essa complexidade que a depressão materna e infantil pode ocasionar no desenvolvimento da criança e na relação psicoafetiva na relação mãe-filho. Com isso, o presente artigo será apresentado através de pesquisas bibliográficas três estudos de casos, no qual, mostram fases diferentes da criança que tem contato com mães depressivas, desde a fase inicial do bebê até a adolescência, com intuito de mostrar que independente da fase, mas tendo contato com uma mãe depressiva, pode desenvolver sérios problemas psicoemocionais, afetivos e cognitivos, podendo estender fase adulta (Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch, 2008).

Portanto, será esclarecido como o papel do psicólogo pode auxiliar na qualidade da relação mãe e filho com quadro depressivo, através de ferramentas como a inclusão de intervenções precoces e o envolvimento da família na terapia como métodos de grande ajuda durante as sessões na clínica, trazendo também as influências positivas da intervenção psicológica no desenvolvimento afetivo mãe-filho, com isso, as práticas

de intervenções psicológicas têm como papel a melhora da formação de vínculo afetivo, (Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Scherman, 2006).

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 DEPRESSÃO COMO MAL DO SÉCULO

A depressão é um problema que tem tomado conta da população, da mídia e do senso comum. Fala-se muito nessa doença taxada como “mal do século”, acredita-se que a depressão é um transtorno comum, no qual, mais de 300 milhões de pessoas sofram com o mesmo (OMS, 2020), mas pouco se sabe a respeito do fato de que ela sempre existiu e se trata de um transtorno de humor muito comum na humanidade.

Em termos semânticos, pode-se compreender a depressão da seguinte forma:

O termo depressão muitas vezes é usado para designar um complexo padrão de desvios nos sentimentos, na cognição e no comportamento (descritos na seção anterior) não representado como um transtorno psiquiátrico distinto. Nestes casos, a depressão é considerada uma síndrome ou complexo de sintomas. O aglomerado de sinais e sintomas às vezes é conceituado como uma dimensão psicopatológica cuja intensidade (ou grau de anormalidade) varia de leve a grave. A síndrome da depressão pode ser concomitante a um transtorno psiquiátrico definido, tal como a reação esquizofrênica; nesse caso, o diagnóstico seria “reação esquizofrênica com depressão”. Às vezes, a síndrome é uma manifestação secundária ou uma afecção orgânica do cérebro, como, por exemplo, paralisia cerebral ou arteriosclerose cerebral (BECK, 2011. p. 17).

Ora, trata-se antes de um problema emocional ou afetiva, uma questão biológica, química que envolve as operações cerebrais e até hormonais. Por isso, o acompanhamento psiquiátrico é sempre importante e a intervenção terapêutica não pretende substituir o tratamento médico pertinente.

Aferir bem eventual causa ou circunstância que facilita o desencadeamento do quadro é muito importante para se estabelecer estratégias de atuação. Nesse sentido, cumpre registrar:

O transtorno depressivo, caracterizado por um período persistente de humor deprimido, ou a diminuição acentuada de interesse e prazer na maioria das atividades cotidianas, é consequência fisiopatológica direta ou de outra condição médica, com evidências verificadas a partir da história, do exame físico ou de achados laboratoriais. É importante diferenciá-lo dos transtornos de adaptação, transtornos depressivos não devidos a outra condição médica

e transtornos depressivos induzidos por medicamento (RIBEIRO, 2020. p. 11).

Historicamente, a depressão passou por diversas releituras. A esse respeito, é interessante ressaltar o que se verifica na antiguidade, na tradição judaico-cristã e na cultura grega:

No Velho Testamento, a história do rei Saul descreve uma síndrome depressiva, assim como a história do suicídio de Ajax na *Ilíada*, de Homero. Por volta de 400 a.C., Hipócrates usou os termos mania e melancolia para descrever distúrbios mentais. Em torno de 30 d.C., o médico romano Celsus, em sua obra *De re medicina*, descreveu melancolia (do grego melan ["negra"] e chole como uma depressão causada pela bile negra. O primeiro texto de língua inglesa inteiramente relacionado à depressão foi *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton, publicado em 1621 (SADOCK, 2017. p. 347).

Aretaeus, médico do século II d.C. colocou a melancolia como estado em que a pessoa fica triste, consternada, insone, magra em virtude da privação de sono e da inquietação que a acomete (BECK; ALFORD, 2011).

Na Idade Média, a depressão era entendida sob um viés espiritual sendo identificada com acídia, um estado desértico de ânimo (SADOCK, 2017). Nesse sentido, poderia ser compreendida também como um pecado, que era duramente repreendido pela Igreja.

Noutro plano, já na Idade Contemporânea, em 1854, Jules Falret descreveu a condição *folie circulaire*, em que as pessoas alternavam seus estados de humor em depressão e manias. Em 1882, Karl Kahlbaum utilizou a nomenclatura *ciclotimia*, colocando mania e depressão enquanto estágios da mesma doença. Já no ano de 1899, Emil Kraepelin, firmado na psiquiatria francesa e alemã, pôs a psicose maníaco-depressiva utilizando a maioria dos critérios valendo-se da maioria dos critérios que os psiquiatras até hodiernamente utilizam para diagnosticar bipolaridade (SADOCK, 2017).

Um dos aspectos relevantes dos efeitos da depressão na psique da pessoa consiste na distorção de autoimagem. Há um contraste impactante entre o que a pessoa com que o quadro depressivo faz com que ela se enxergue. A título exemplificativo, uma mulher rica passa a se queixar de não ter recursos materiais suficientes para alimentar a sua prole, ao passo que um ator de cinema, reconhecido internacionalmente busca

cirurgias plásticas por se achar feio. Uma física de notório saber repreende-se por se achar ignorante (BECK; ALFORD, 2011).

Com efeito, a pessoa depressiva está imersa num emaranhado de contradições e paradoxos e a forma com que ela vê a si e ao mundo está eivada pela doença que a acomete. Tudo isso é visto de forma bastante intrigante, à medida que contradiz um sólido princípio da natureza humana: a busca pelo prazer e a fuga da dor (BECK; ALFORD, 2011).

Ora, o filósofo Jeremy Bentham preconiza tal princípio ao propor sua filosofia utilitarista. Segundo o autor, as ações devem ser analisadas do ponto de vista ético na proporção com que aumentam ou diminuem o bem-estar e o prazer trazidos ao ser humano (BENTHAM, 1974).

Ocorre que na depressão, em determinado estágio, o paciente parece se comprazer na dor e sequer se sente motivado a buscar ajuda ou tratamento (BECK; ALFORD, 2011). O quadro depressivo, portanto, manifesta-se como uma contradição da natureza humana.

Destaca-se que até mesmo na compreensão da essência da depressão existe divergências: de um lado o conceito meyeriano coloca esse quadro como uma espécie de reação e o conceito kraepeliniano propõe a depressão enquanto doença. Na primeira análise, há de se salientar a presença de algum evento desencadeador da reação depressiva. No segundo ponto, a depressão é compreendida em termos biológicos (BECK; ALFORD, 2011).

Hodiernamente, caracteriza a depressão a partir de alguns atributos: alteração específica de humor: desenvolvimento de tristeza, solidão e apatia; autopercepção negativa, com autoacusações; desejos autopunitivos de fuga, morte e ocultamento; alterações vegetativas como anorexia, insônia e diminuição da libido; alteração na atividade com retardamento psicomotor ou excessiva agitação (BECK; ALFORD, 2011).

Outrossim, é de se registrar que acontece um estado emocional desagradável, uma mudança de comportamento diante da vida, sintomas sintomáticos de natureza depressiva, além de outros sintomas somáticos (BECK; ALFORD, 2011).

Conquanto frequentemente a depressão seja compreendida enquanto transtorno afetivo, é imperioso destacar que nem todos os pacientes deprimidos relatam uma mudança subjetiva no humor. No estudo de Beck e Alford (2011), por exemplo, somente 53% dos pacientes depressivos se reconheciam tristes ou infelizes. Infere-se que não necessariamente a tristeza ou infelicidade eram inexistentes, mas as pessoas com frequência têm dificuldades para identificá-las.

Outros estudos apontam para uma perspectiva genética na depressão. Constata-se segundo alguns autores uma herdabilidade de 35% dos quadros depressivos. De igual modo, pacientes familiares de primeiro grau de depressivos têm risco três vezes maior de desenvolver a doença também. Dados semelhantes se observa em relação à esquizofrenia e o transtorno bipolar (APRAHAMIAN et al, 2020).

O episódio de depressão em que concerne à sua intensidade pode ser caracterizado em leve, moderado ou grave. Em relação ao quadro leve, verificasse alguns sintomas somáticos, ao passo que quanto aos casos graves, destacasse os sintomas psicóticos (RIBEIRO, 2020).

Aquilo que se chama de etiopatogenia da depressão (que alude às origens da patologia), caracteriza-se por ser multifatorial e amplamente complexa. Os fatores que englobam a gama de causas possíveis para o quadro depressivo são: genéticos, neurobiológicos (neuroquímicos ou neuroanatômicos) e ambientais (RIBEIRO, 2020).

Ademais, destaca-se nas razões neurobiológicas, o papel dos neurotransmissores, que, por seu turno, se consubstanciam em elementos químicos que trabalham entre os neurônios. Eles cumprem o importante papel de comunicação, o que inclui a comunicação de sentimentos como felicidade (IRONS, 2018).

Além disso, destaca-se o papel da serotonina (5-Hidroxitriptamina ou 5-HT) encontrada no corpo humano e comumente definida como neurotransmissora da felicidade, entretanto a difusão dessa visão foi mais comercial do que científica, fruto

da indústria farmacológica interessada em ascender vendas de antidepressivos (IRONS, 2018). A serotonina é importante para equilibrar sentimentos, regular o sono, apetite e libido, mas não necessariamente é uma fórmula da alegria.

Em que diz respeito ao tratamento, é cediço que ele é farmacológico, à medida que inclui antidepressivos, psicoterapêutico ou uma benéfica combinação de ambas as abordagens. Inclusive, em alguns casos leves a psicoterapia pode se mostrar suficiente e há de se ver com certa ressalva a tendência de muitos médicos de administração precoce de medicamentos (RIBEIRO, 2020).

Logo, feitos esses apontamentos sobre a depressão em si, passa-se a pensar a depressão num contexto bastante específico: da gestação, pós-gestação e maternidade. Há uma série de impactos emocionais nesse processo que precisam ser considerados para objeto de reflexão e discussão sobre os quadros depressivos.

## **2.2 A DEPRESSÃO EM CRIANÇAS E SUAS CARACTERÍSTICAS**

As crianças ao contrário do que muitos pensam, também sofre de depressão, porém o diagnóstico é mais difícil de ser feito, pois pode ser confundido por características mais comuns de crianças, deve-se saber é claro que é normal crianças passarem por momentos tristes, mas leva-se em consideração os acontecimentos, o tempo e a intensidade em que ocorrem. Assim observado alguns dos sintomas que persistem como, tristeza, falta de vontade de fazer atividades que antes gostava, alteração no sono e na alimentação, sentimento de inferioridade, entre outros. A sintomatologia da depressão infantil e da depressão em adultos são semelhantes. Tal depressão não é apenas uma fase ou estágio infeliz do desenvolvimento normal; é uma doença real e identificável Fassler e Dumas (2002, p. 11).

As causas da depressão em crianças ainda são incertas, não tem um motivo específico. Algumas situações podem ser o estopim para desencadear de um quadro depressivo, como, morte de alguém próximo, separação dos pais, baixo rendimento na escola, aspectos sociais, ambientais e econômicos. A pobreza, falta econômica e social pode ser relacionada a depressão. Os primeiros registros a respeito da depressão infantil foram em 1621, escritos por Robert Burton, acerca da anatomia da melancolia. Após, Augusto Vidal, no ano de 1907, descreve os sintomas presentes

em uma criança melancólica, entretanto, apenas em 1970 que a depressão em crianças foi comprovada por meio de investigações, onde os profissionais de saúde começaram a dar notabilidade a esse transtorno, pois carregava graves comprometimentos em diversas áreas da vida do paciente, tais como sociais, emocionais e cognitivas, comprometendo o desenvolvimento neuropsicomotor da criança (FRAGA, 2015). Os critérios diagnósticos da depressão infantil foram definidos em 1970, mesmo com alguns aspectos polêmicos, uma vez que havia divergência entre vários autores, tendo em vista que alguns acreditavam que a depressão infantil deveria receber diagnóstico como a depressão em adultos, empregando os mesmos instrumentos para avaliar o paciente, enquanto outros concordavam que o transtorno era próprio da infância, possuindo características específicas para o diagnóstico, podendo ocorrer antes dos seis anos de idade. Desse modo, havia uma falta de consenso entre os pesquisadores da época quanto aos critérios diagnósticos para depressão na infância (FRAGA, 2015).

Apesar de não haver uma definição consensual sobre a depressão infantil, nota-se que há uma perturbação orgânica englobando variáveis biopsicossociais, sendo encarada como uma possível disfunção dos neurotransmissores devido à herança genética, a anormalidade e/ou as falhas em áreas específicas do cérebro.

Abordando a área da psicologia, a depressão pode se associar a alguns aspectos comprometidos da personalidade, ausência de autoconfiança e diminuição da autoestima, enquanto na área social, pode ser evidenciada como uma inadaptação ou pedido de socorro, podendo ser resultado de aspectos da cultura, da família ou da escola (HUTTEL et al., 2017). A criança pode apresentar depressão entre os cinco a nove meses, onde os sintomas podem ser frequentes e permanecerem até a vida adulta, representando elevada vulnerabilidade para os transtornos depressivos, os quais os fatores preditores de recorrência são o início precoce, a gravidade da crise depressiva, a presença de sintomas psicóticos, a presença de estressores, as comorbidades, a não adesão ao tratamento, dentre outros. Assim, achados da literatura afirmam que 5 aproximadamente 74% das crianças melhoram de forma significativa até um ano após o início do tratamento, enquanto 92% se recuperam em até dois anos (HUTTEL et al., 2017). Contudo, após a recuperação pode haver a

permanência de algum grau de prejuízo psicossocial e, quanto mais cedo descobrirem o surgimento dos sintomas e a presença da doença, maiores as chances de redução do prejuízo, tendo em vista que o prejuízo no desenvolvimento infantil causado pela depressão na infância pode ser em nível físico, cognitivo, psicomotor e psicossocial, influenciando, sobretudo, as habilidades imprescindíveis para a obtenção do conhecimento, afetando, também, os familiares e o grupo social em que a criança se encontra (HUTTEL et al., 2017).

Ao contrário do que a grande parte dos profissionais julgam, as crianças sofrem de depressão do mesmo modo, o que antes acreditava ser uma doença apenas dos adultos, onde, atualmente, afeta aproximadamente 1% a 3% das crianças na fase puerperal e 3% a 9% dos adolescentes, cujos sinais de depressão podem ser observados em crianças a partir de um ano e meio de vida, cujo surgimento é lento e progressivamente mais acentuado, apresentando tristeza e apatia com redução de interesse em brinquedos e outras atividades (FONTES, 2014). Segundo Ferro (2014), os sintomas de depressão na infância são isolamento, onde a criança não possui vontade de estar com outras pessoas, mesmo sendo amigos, pais ou irmãos; possuem um olhar triste, cabisbaixo; redução da energia/vitalidade; frequentemente a criança verbaliza frases como “ninguém gosta de mim”, “para que é que eu vim a este mundo”, dentre outras; há alterações na alimentação e no sono; dores de cabeça ou barriga, sendo enfatizados previamente a algum evento novo, como, por exemplo, ir à escola.

A depressão infantil se apresenta a partir de três modelos, onde o primeiro é conhecido como biológico, uma vez que cogita que a depressão é uma doença, enfatizando os fatores bioquímicos e genéticos como responsáveis pela depressão, enquanto o segundo modelo é chamado de comportamental, destacando a função da aprendizagem e da relação com o meio, assim, doravante a esse modelo, os comportamentos depressivos acontecem através dos mecanismos da aprendizagem. O terceiro modelo é denominado cognitivo, o qual ocorre a disposição quanto a importância das cognições no surgimento e na preservação de práticas disfuncionais, referindo à forma como o paciente apresenta-se para o meio, observando se os pensamentos sobre si e sobre o mundo são destrutivos (SCHNEIDER, 2016).



A depressão na infância é considerada um distúrbio de humor que vai além da tristeza normal e temporária, apresentando uma perturbação biológica, englobando variáveis sociais, psicológicas e orgânicas (CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2014). Assim, observa-se que a depressão é compreendida como uma provável disfunção dos neurotransmissores favorável à herança genética, além do fato de áreas cerebrais específicas apresentarem anomalias e/ou falhas. Em se tratando da perspectiva psicológica, a depressão está relacionada ao compromisso da personalidade, redução na autoestima e na autoconfiança. E, por fim, referente ao âmbito social, é refletido como uma deficiência na adaptação ou um grito de socorro, podendo ser resultado da violação de mecanismos culturais, familiares e escolares (MARCONI, 2017).

Na maioria dos casos de depressão na infância o diagnóstico é realizado através dos mesmos critérios utilizados para diagnosticar em adultos, mas nem sempre é fácil descobrir os sintomas que descrevem o estado interno da criança, referindo-a, frequentemente, à tristeza e à solidão. Diante desse cenário, é importante frisar que existe a utilização de grande variedade de termos para que eleve a possibilidade de a criança ser bem compreendida em relação aos seus sentimentos, uma vez que são de difícil identificação, já que em diversos casos é possível investigar maior sensibilidade, choro fácil e irritabilidade, sendo necessário que o profissional dê maior atenção às expressões não verbais do que as verbais da criança (LAFER, 2000). 7 Corroborando, Fontes (2014) afirma que o diagnóstico de depressão em crianças é mais complexo, pois é possível confundir os sintomas com irritabilidade, birras, mau humor e agressividade. Além disso, o que difere a depressão das tristezas do dia a dia é a amplitude, a persistência e as mudanças nos hábitos normais das atividades da criança, sendo assim, a depressão infantil é uma perturbação no humor sendo capaz de afetar o desenvolvimento neuropsicomotor da criança ou do adolescente e intervir com seu processo de maturidade psicológica e social. As aparições da depressão infantil e dos adultos são diferentes, provavelmente devido ao processo de desenvolvimento que existem na infância e adolescência.

### **2.3 DEPRESSÃO MATERNA EA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Investigar a saúde psicológica parental, principalmente em condições de transtorno mental, e através de intervenções podem auxiliar na ajuda no cuidado da criança, de

acordo com autores como (Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch 2008) apontam que o ambiente familiar é de extrema importância no desenvolvimento saudável da criança, como finalidade em suprir as necessidades físicas e orgânicas dos filhos, como o cuidar, educar, alimentar, vestir e proteger. Porém, os escritores mostram que as necessidades físicas e orgânicas por si só, não garantem um desenvolvimento saudável para a criança, mas a necessidade psicoemocional é indispensável para o amadurecimento psicológico, com isso:

Entende-se por necessidades psicoemocional o favorecimento por parte dos pais de um comportamento independente dos filhos, criação de um ambiente de segurança e estabilidade, o estabelecimento de uma atmosfera de afeto, aceitação, respeito e consistência de regras e limites (MIELNIK, 1993; Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch, 2008).

De acordo com o autor (AVANCI; ASSISE OLIVEIRA, 2008) através de um estudo feito com estudantes adolescentes em uma escola pública no Rio de Janeiro, constatou que, o ambiente familiar inadequado pode estar associado a presença de depressão, os autores concluíram que os adolescentes que tinham sintomas depressivos conviviam em uma estrutura familiar menos preservada, tendo pouca ou sem supervisão familiar, fraco apoio emocional e pouca interação positiva.

Sabe-se que a depressão materna, não só prejudica a saúde e o bem estar da mulher, mas também interfere na representação materna na relação mãe e filho, ocasionando vários impactos tanto no psicossocial e emocional da criança (MESQUITA, BENETTI 2014), através de estudos recentes como dos pesquisadores (Schwengber e Piccinini -2004) realizado com um grupo de mães com e sem indícios de depressão, junto com seus filhos com a idade no final do primeiro ano de vida da criança, os pesquisadores analisaram em um ambiente a interação mãe-bebê em contato com brinquedos, essa pesquisa mostrou diferenças significantes, no qual, mães com transtornos depressivos comparando com as mães do outro grupo sem indicadores de depressão demonstram ter menos comportamentos facilitadores, incidência maior em demonstrar apatia, menos ternura e afeição, e tendem a incluir poucos brinquedos no ambiente para o filho. E bebês com mães depressivas mostram que a interação é afetada, pois, eram menos afetivos, com pouco entusiasmo e apresentavam ser mais vulneráveis a comportamentos negativos. Com isso, o resultado da pesquisa mostrou que a depressão materna ocasiona diferenças negativas no desenvolvimento infantil

da criança, relatando também que essa diferença pode ser notada antes mesmo do primeiro ano de vida do bebê (Schwengber e Piccinini -2004).

Outro estudo feito por (Paula Casagrande, Sílvia Pereira, 2014), no qual, entrevistou um grupo de três mães com transtorno depressivo e os três filhos, os autores concluíram que nos três casos investigados, que a depressão materna influencia no desenvolvimento dos filhos, as narrativas infantis mostraram que a representação materna é associada a figura predominante disciplinadora, que se preocupam com visões morais na educação do filho, com pouca interação afetiva na relação mãe e filho, além disso, foram consideradas mães negativas e ineficazes para dar suporte necessário aos seus filhos, e também foram analisado no comportamento das crianças ordem comportamental, social e afetiva (Paula Casagrande, Sílvia Pereira, 2014).

Há também estudiosos que mostram na teoria que a interação mãe-filho de forma saudável estabelece no bebê a criação de uma personalidade, no qual, seja mais flexível e evitando comportamentos com mais rigidez criando um sentimento de se sentir-vivo (Marta Schneider, Denice Bortolin,2014). Com isso, podemos destacar também que:

Diversos estudos sobre o desenvolvimento infantil mostram que o comportamento de mães deprimidas tende a influenciar no desenvolvimento de psicopatologias em seus filhos, assim, estes apresentam um maior risco para desenvolverem desordens comportamentais, afetivas cognitivas e sociais, autoimagem negativa, distúrbios do apego, maior incidência de diagnósticos psiquiátricos e de afeto negativo, bem como maior risco para apresentarem alterações da atividade cerebral (Marta Schneider, Denice Bortolin, 2014; Brum & Schermann, 2007).

A literatura revela de forma consistente que a depressão materna influencia drasticamente no desenvolvimento infantil, independente da fase da criança, mas tendo contato com uma mãe depressiva, pode desenvolver sérios problemas psicoemocionais e afetivos e cognitivos, podendo estender a fase adulta e mães depressivas tendem ser mais hostis com seus filhos (Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch, 2008).

## 2.4 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE A DEPRESSÃO MATERNA INFANTIL

Sabendo que o desenvolvimento de um indivíduo faz parte de um sistema maior e que não pode ser analisado isoladamente (Roberta Paya, 2017) principalmente em termos de tratamento, possíveis ferramentas de intervenção utilizado pelo psicólogo podem fazer diferença consideráveis na qualidade na relação mãe e filho com quadro depressivo. Os métodos que podem ser utilizados e que são reconhecidos são a inclusão de intervenções precoces e o envolvimento da família na terapia. De acordo com Cowen, Durlak e Dawson (2000), (apud Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Schermann, 2006) observasse que:

A saúde psicológica precoce passa a ser a chave para um futuro desenvolvimento infantil saudável acompanhada de intervenções primárias precoces para populações de risco para o desenvolvimento, como, nos casos de crianças de mães deprimidas, as quais apresentam efeitos benéficos a longo prazo.

Estudos a intervenção precoce podem ser considerados um fator de proteção para o desenvolvimento infantil, tendo também como base o apoio emocional, afetivo e social a mãe (Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Scherman, 2006) nesse caso, para Schermann, (2001) acredita-se que na intervenção precoce na relação mãe - bebe com um modelo bidirecional, tanto a mãe quanto o bebe colaboram para a qualidade da interação (Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Schermann 2006).

Durante o processo de análise de caso, quando se trata de um indivíduo com perturbação ou sofrimento psíquico e que está sobre cuidados da família, é importante envolver alguém além do paciente, para que possa auxiliar no processo de investigação do problema, através de um processo colaborativo, a ajuda é de extrema importância para traçar novos resultados (Roberta Payá e Rafael Zeni, 2017). Nesse caso, assegura-se que:

A presença de dificuldades na dinâmica familiar seria um fator de risco para a depressão e, portanto, poderia contribuir para o desenvolvimento de sintomas depressivos na criança, bem como para a sua manutenção. Por outro lado, um contexto familiar em que há relações saudáveis entre seus membros, caracterizadas pelo suporte e pelo apoio afetivo, pode ser importante na recuperação de uma criança ou de um adolescente com depressão. (Miriam Cruvinel e Evelyn Boruchovitch, 2009).

No campo da terapia familiar, trabalhar com criança e incluindo os pais é fundamental para o desenvolvimento no processo terapêutico, colocando como colaboradores, esclarecendo o papel de cada um para a família podendo até mesmo se tornarem terapeuta domiciliar, trabalhando em conjunto a partir do processo colaborativo incluído todos no processo de mudanças para o surgimento de uma nova identidade e história familiar (Roberta Payá e Rafael Zeni, 2017)

Com isso, o terapeuta necessita ter um olhar mais holístico na relação da criança com a mãe e em caso exista psicopatologia depressiva vindo da mãe precisa-se fazer uma análise sistêmica incluindo a intervenção precoce (Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Schermann, 2006) além disso, a participação parental no procedimento terapêutico é de extrema importância para o desenvolvimento clínico, ajudando o terapeuta a identificar com mais facilidade o comportamento dos pais no problema da criança, a relação parental no atendimento tendo como a atuação do psicólogo, ajuda a monitorar, incentivar e reforçar novas habilidades na criança (Miriam Cruvinel e Evely Boruchovitch, 2008).

## **2.5 INFLUÊNCIAS POSITIVAS NA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO MÃE-FILHO**

As práticas de intervenções psicológicas na relação afetiva mãe-bebê têm como papel a melhora da formação de vínculo afetivo, (Evanisa Helena Maio de Brum e Lígia Scherman, 2006) para isso, métodos são utilizados para auxiliar no desenvolvimento da família. Um caso clínico realizado por (Roberta Payá e Rafael Zeni, 2017), utilizando como método a abordagem colaborativa da família, o estudo foi feito com uma mãe e suas duas filhas de 9 e 7 anos, a mãe separada há cinco anos, com histórico de um relacionamento conturbado de violência conjugal, inclusive na frente das crianças que na época tinham entre 2 e 4 anos. O caso clínico foi realizado em 17 sessões de terapia, sendo que a mãe e as filhas foram atendidas separadamente. O histórico familiar vinha de uma série de abusos físicos entre mãe e filhas, principalmente a mais velha. Durante os atendimentos a dupla de terapeutas trouxe como intervenção: separação e união de conflitos; organização do cotidiano e horário de trabalho das crianças; ausência de lazer. Os assuntos pautados na terapia eram tratados na frente das crianças junto com a mãe, afim de trabalharem em conjunto

para solucionar os problemas trazidos na terapia. A partir da construção de diálogo terapêutico, o estudo de caso, procurou reconhecer a competência das três, com isso, a medida das sessões foram surgindo a diferença de comportamento, as intervenções foram construídas através de diálogo, mãe e filhas criaram uma nova identidade familiar, no decorrer das sessões a mãe foi recuperando a autoestima e sua fonte de fortalecimento e valores, pode validar seu papel de mulher, mãe e profissional. Assim, com o trabalho terapêutico através de intervenções validando o diálogo e dando voz a família, pode construir uma nova identidade familiar, incluindo a relação mãe/filhas/terapeuta. (Roberta Payá e Rafael Zeni 2017).

Sendo assim, é de extrema importância a atuação do psicólogo na relação familiar com objetivo de destrinchar soluções de possíveis problemas na relação mãe-filho trazendo novas possibilidades e histórias para esse vínculo, focalizando principalmente a interação. Fortalecendo a mãe, nesse sentido, para além de uma perspectiva de responsabilização materna, as representações infantis também se mostram relevantes através de criações de intervenções psicoterapêuticas adequadas. (Paula Casagrande, Sílvia Pereira, 2014)

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No seguinte artigo foi possível ser analisado o quão desafiador é lidar com a depressão, seja qual for o contexto, como mal do século, na infância, ou materna. Sempre trazem prejuízos para a pessoa e quando mal abordadas, os danos emocionais podem ser irreversíveis. Por isso, o profissional que está de frente com pessoas que sofrem com esse quadro deve-se ter delicadeza, sempre buscar aprofundamento teórico e atualizações acerca do assunto, mas também não se pode olvidar de tratar cada contexto particular com especificidade e respeito à subjetividade de cada paciente. O acolhimento, compreensão e ressignificação das emoções é um trajeto que deve ser seguido independentemente da abordagem terapêutica. A depressão, assim como os diversos transtornos de humor ou ansiedade, precisa ser tratada e combatida. A pessoa que é acometida por tal mal, necessita de amparo e segurança para ser ouvida e entendida.

Constatou-se, por fim, que ainda há muito o que se pesquisar e se aprofundar sobre a depressão e os caminhos que a psicologia pode traçar para auxiliar nos quadros depressivos na infância e na maternidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural**. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ALT, Melissa dos Santos e BENITTI, Silvia Pereira da Cruz. **Maternidade e depressão: impacto na trajetória de desenvolvimento**. *Psicologia em Estudo* [online]. 2008, v. 13, n. 2, pp. 389-394. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200022>>. Epub 12 Ago. 2008. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200022>. Acesso em: 2 set. 2021.

APRAHAMIAN, Ivan *et al.* **Depressão: guia prático**. Barueri, SP: Manole, 2020.

BECK, A. T; ALFORD, B. A. **Depressão: causas e tratamento**. 2ª ed. São Paulo: Artmed, 2011.

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo. Editora Abril. 1974.

BRUM, Evanisa Helena Maio de e SCHERMANN, Lígia. **O impacto da depressão materna nas interações iniciais**. O impacto da depressão materna nas interações iniciais.

Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Porto Alegre, v. 37, n. 2, Pp. 151-158, maio/ago. 2006. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1429/1122>

Acesso em: 25 ago. 2021.

CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evely. **Compreendendo a depressão infantil. 3ª Edição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p:11-69.

CRUVINEL, Miriam e BORUCHOVITCH, Evely. **Sintomas de Depressão infantil e Ambiente Familiar**. *Psicologia em Pesquisa*, Unicamp, Campinas, p

1-14 2009, [acessado 25 de agosto 2021]. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/download/23659/19819>.

CRUVINEL, Miriam e BORUCHOVITCH, Evely **Sintomas depressivos em crianças: estudos com duas versões do CDI**. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2008, v. 28, n. 3, pp. 574-585. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000300011>>. Epub 22 Jun 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000300011>. Acesso em: 15 set. 2021.

CORREIA, Karyne Mariano Lira; BORLOTI, Elizeu. **Mulher e Depressão: Uma Análise Comportamental-Contextual**. *Acta comport.*, Guadalajara v. 19, n. 3, p. 359-373, dez. 2011. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S018881452011000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018881452011000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2021.

DIAS, Marta Priscila Schneider e BASSEGIO, Denise Bortolin. **A Depressão Materna e suas Implicações no desenvolvimento infantil**. Acadêmica do Curso de Psicologia, IMED, Passo Fundo-RS, p 1-7. 2014, Disponível em: [https://www.imed.edu.br/Uploads/micimed2014\\_submission\\_157.pdf](https://www.imed.edu.br/Uploads/micimed2014_submission_157.pdf). Acesso em: 25 ago. 2021.

FERREIRA, R.; FONSECA, B. **Depressão infantil: considerações sobre a contribuição da psicoterapia clínica cognitiva comportamental no tratamento**. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/9EO7xKkKkuKpm\\_YT\\_2013-5-13-16-22-40.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/9EO7xKkKkuKpm_YT_2013-5-13-16-22-40.pdf). Acesso em: 15 set. 2021.

FERRO, M. F. **Depressão infantil: oficina de psicologia**, 2014. Disponível em: <https://www.oficinadepsicologia.com/a-depressao-infantil/>. Acesso em: 06 de out. 2021.

FONTES, M. A. **O que é depressão infantil**, 2014. Disponível em: <http://www.plenamente.com.br/artigo.php?FhIdArtigo=161#>. Acesso em: 09 out. 2021.

FRAGA, B. P. **Depressão na infância: uma revisão de literatura**. 39 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141362/000992358.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 out. 2021.

FRANCO, Suélen Matozo; COSTA, Flávia Zimmerle Nóbrega; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. **Depressão: Mal do Século ou Demanda do Século?** Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade 3 (6), 325-373, 2016. P.2. Disponível em <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnEO170.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnEO170.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2021.

FRIZZO, Giana Bitencourt e PICCININI, Cesar Augusto. **Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos**. Psicologia em Estudo [online]. 2005, v. 10, n. 1, pp. 47-55. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100007>>. Epub 29 Jun 2005. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100007>. Acesso em: 2 set. 2021.

FU-I, L.; BOARATI, M.A.; MAIA, A.P.F. **Transtornos Afetivos na Infância e na Adolescência**. [Digite o Local da Editora]: p 64-70 Grupo A, 2012. 9788536326726. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536326726/>. Acesso em: 2 set. 2021.

GOMES, L. P. et al. **Inventário de depressão infantil (CDI): uma revisão de artigos científicos brasileiros**. Contextos Clínicas, São Leopoldo, v. 6, n. 2, 2013, pp. 95-105. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v6n2/v6n2a04.pdf> Acesso em: 2 set.2021.

MESQUITA, Paula Casagrande; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. **A representação materna em crianças com mães depressivas**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 53-67, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672014000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672014000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2021.



IRONS, Chris. **Depressão – saiba como diferenciar a depressão clinica das tristezas do dia a dia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: **DEPRESSÃO**, junho 2020, disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 15 de set. 2021.

PAYÁ, Roberta. **Intercâmbio das psicoterapias, 2ª edição**. Rio de Janeiro- RJ: ROCA, 2017 p:69.

RIBEIRO, Bruna Carla. **Terapia cognitivo-comportamental para depressão e transtorno de humor**. Curitiba: Contentus, 2020.

SCHWENGBER, Daniela Delias de Sousa e PICCININI, Cesar Augusto. **Depressão materna e interação mãe-bebê no final do primeiro ano de vida**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2004, v. 20, n. 3, pp. 233-240. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300004>>. Epub 18 Feb 2005. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300004>. Acesso em: 15 de set. 2021.

## **A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NO PROCESSO DE INTERNAÇÃO EM MOMENTO DE PANDEMIA**

Aline da Silva Oliveira<sup>1</sup>; Geiselle de Paula Borges<sup>1</sup>; João Pedro Gomes<sup>1</sup>; Larissa Bessert Pagung<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos do Curso de Psicologia

<sup>2</sup> Professor Multivix – Cariacica

### **RESUMO**

Em período de pandemia, o papel do psicólogo dentro dos hospitais ficou mais evidenciado considerando sua atuação junto a equipe multidisciplinar no processo de internação dos pacientes acometidos pelo vírus da Covid-19, o psicólogo é um facilitador de relações e grande responsável por um ambiente e atendimento mais humanizado. O presente artigo tem como objetivo, a partir de uma revisão de literatura, analisar a importância do papel do profissional de psicologia dentro do ambiente hospitalar, compreender a relação do psicólogo e paciente e entender de que modo o prontuário afetivo foi utilizado como forma de intervenção durante internação. Os resultados mostraram que uma boa relação entre psicólogo e paciente favorece para uma recuperação satisfatória no decorrer do período de tratamento, com a restrição de contato físico as visitas hospitalares foram reduzidas e como forma adaptativa foi necessário o uso de ferramentas tecnológicas, exemplo disso são as chamadas de vídeos que aproximou o familiar do paciente. O Psicólogo Hospitalar durante a pandemia da COVID-19 pôde contribuir para um clima mais harmônico com a equipe e proporcionar para as famílias um conforto necessário nesse período, vale ressaltar que o prontuário afetivo teve um papel fundamental para os familiares desses pacientes. Com isso conclui-se que o profissional de psicologia, busca um manejo clínico facilitador, a qual tem como principal objetivo fazer com que o paciente, perante a uma pandemia com restrições sociais, tenha menos sofrimentos emocionais durante seu período de internação.

**Palavras-chave:** Psicologia hospitalar, pandemia, internação, saúde mental, humanização.

## **ABSTRACT**

In a period of pandemic, the psychologist's role within hospitals became more evident considering his performance with the multidisciplinary team in the process of hospitalization of patients affected by the Covid-19 virus, the psychologist is a facilitator of relationships and great responsible for an environment and more humanized service. This article aims, based on a literature review, to analyze the importance of the role of the psychology professional within the hospital environment, to understand the relationship between the psychologist and the patient and to understand how the affective record was used as a form of intervention. during hospitalization. The results showed that a good relationship between psychologist and patient favors a satisfactory recovery during the treatment period, with the restriction of physical contact, hospital visits were reduced and as an adaptive way it was necessary to use technological tools, an example of which are the video calls that brought the patient's family closer. The Hospital Psychologist during the COVID-19 pandemic was able to contribute to a more harmonious climate with the team and provide the families with a necessary comfort in this period, it is worth mentioning that the affective record played a fundamental role for the family members of these patients. With this, it is concluded that the psychology professional seeks a facilitating clinical management, whose main objective is to make the patient, in the face of a pandemic with social restrictions, have less emotional suffering during his hospitalization period.

**Keywords:** Hospital psychology, pandemic, hospitalization, mental health, humanization.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo visa explorar o tema da importância do psicólogo no processo de internação em momentos de pandemia. Considerando a Psicologia Hospitalar uma área de atuação extremamente importante para as relações dentro do ambiente hospitalar e muito mencionada nesse período de crise emergencial da COVID-19.

Foram necessárias adaptações no atendimento ao paciente e familiares devido a imposição do distanciamento físico, esse profissional foi e é de grande importância nesse contexto.

Sendo assim, este artigo irá apresentar a importância do psicólogo no processo de internação do paciente e sua intervenção junto a tríade paciente, equipe e família, quebrando barreiras e inovando dentro de sua atuação.

A psicologia hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento. O adoecimento se dá quando o sujeito humano, carregado de subjetividades, esbarra em um “real”, de natureza patológica, denominado “doença”, presente em seu próprio corpo, produzindo uma infinidade de aspectos psicológicos que podem se evidenciar no paciente, na família ou na equipe de profissionais. Trata-se de um conceito de psicologia hospitalar bastante amplo e que merece alguns comentários (SIMONETTI, 2004, p.15).

Para chegarmos ao proposto fez-se necessário descrever e entender sobre o que são os períodos pandêmicos, que segundo esclarece o Instituto Butantan (2021): “Uma enfermidade se torna uma pandemia quando atinge níveis mundiais, ou seja, quando determinado agente se dissemina em diversos países ou continentes, usualmente afetando um grande número de pessoas. ”

Portanto, pretende-se compreender como a atuação do profissional de psicologia vem sendo reconhecido e qual importância está sendo direcionada a ele, levando em consideração que o processo de tratamento do Coronavírus – COVID-19 exigiu novas adaptações de toda equipe multidisciplinar.

Com as mudanças imposta pelo período de pandemia, buscou-se entender como a prática da Psicologia Hospitalar funcionaria durante esse momento de grandes modificações sociais, evidenciando os benefícios em se ter este profissional por perto e destacar o quão adaptativo, empático e criativo ele foi para auxiliar no enfrentamento dessa doença, sempre de uma forma humanizada, buscando nesta perspectiva manejos para que, tanto a equipe quanto o familiar enfrente este momento. Uma das formas utilizada nesta situação foi a implementação do prontuário afetivo, esta ferramenta trouxe para a equipe e o familiar um olhar mais humano voltado para o paciente.

A partir desse pressuposto será levantado algumas práticas criadas e adaptadas que foram utilizadas pelos psicólogos para auxiliar no enfrentamento a esse período intenso e doloroso vivenciado pela atual geração. Pretende-se assim, ampliar o arcabouço teórico voltado para o atendimento da psicologia hospitalar, auxiliando a classe durante a pandemia e também trazendo reflexões a respeito das possibilidades encontradas.

## **2. MÉTODO**

O método utilizado por este estudo foi o da revisão integrativa da literatura, e tem como objetivo evidenciar as informações já existente acerca do trabalho do psicólogo hospitalar. Este método auxilia na elaboração de ideias e na formação de conceitos conforme explica Ferenhof (2017): é na revisão que o pesquisador se familiariza com os textos, identifica os autores que vêm escrevendo sobre o problema pesquisado.

Ainda a respeito desta metodologia, Botelho, Cunha e Macedo (2011) relatam que os artigos de revisão, igualmente a outras categorias de artigos científicos, são uma forma de pesquisa que emprega uma fundamentação de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisa de outros autores.

Segundo Rother (2007). Os artigos de revisão, assim como outras categorias de artigos científicos, são uma forma de pesquisa que utiliza fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisa de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado tema.

Para a realização da pesquisa foram utilizadas as plataformas de pesquisas do Google Acadêmico e do portal Scientific Eletronic Library Online (Scielo), além de matérias em sites e jornais eletrônicos. Por se tratar de uma temática que envolve o atual contexto, optou-se por pesquisar artigos de um recorte temporal de dois anos, todavia, houve a necessidade de buscar por teóricos mais antigos que abordasse conceitos mais relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Na busca pelos artigos utilizou-se os seguintes descritores: Psicologia Hospitalar, pandemia, COVID-19 e equipe multidisciplinar. Foram encontrados 53 artigos, dos

quais 17 foram utilizados, 9 deles encontrados na ferramenta de pesquisa Scielo e 3 da ferramenta google acadêmico, além disso 5 foram de sites e 6 de reportagens.

Observou-se que em meio a uma doença desconhecida a qual o principal meio de prevenção é o distanciamento social, a melhor forma encontrada para aliviar e confortar o paciente internado foi através de um cuidado humanizado, com adaptações à rotina hospitalar como, por exemplo, os prontuários afetivos.

### **3.DISSCUSSÃO**

#### **3.1 PANDEMIA E SEU IMPACTO NA ROTINA HOSPITALAR**

Segundo Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e este termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Há quanto tempo não se ouve falar em pandemia? A atual geração não vivenciou um período como esse, mas ao longo da história há registros de outras pandemias, como exemplo pode-se citar: a Peste Negra (1347-1353), a Gripe Espanhola (1918-1920) e a mais recente o Coronavírus – COVID-19 (2019 até a presente data). O que difere a atual das outras, talvez seja o avanço da ciência e o acesso rápido à informação e tecnologia (FIOCRUZ, 2020). Taylor (2019) afirma que pandemias costumam acarretar mortes em massa em um curto espaço de tempo, o que traz implicações psicológicas diversas.

Casos como o COVID-19 em particular, teve a necessidade de utilizar algumas medidas adotadas para conter o rápido contágio e o número de infectados, foram restritas as viagens e instalado o distanciamento social (C. WANG et al., 2020; FERGUSON et al., 2020). As restrições não se limitam somente a viagens e ao distanciamento social, se estendem aos hospitais, impactando diretamente as rotinas desse espaço e dificultando as relações entre equipes (C. WANG ET AL., 2020; FERGUSON et al., 2020).

Por medo da contaminação, transmissão e do desconhecido, modificou-se a forma de atuação dos profissionais. Além da necessidade do isolamento, a internação em função da COVID-19 impossibilita o acompanhamento familiar e o contato físico, alterando o fluxo de visitas em período de internação. Taylor (2019) e Weir (2019) afirmam que o momento de internação traz instabilidade emocional, quebra nas conexões sociais e financeira.

Devido às restrições de contato, convivência e distanciamento, as rotinas tiveram urgência de serem alteradas, o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) se fez ainda mais específico, as visitas presenciais não são mais permitidas, então houve a necessidade de adaptá-las para a modalidade on-line, por meio de vídeo chamadas, e a rotina de boletim médico aos telefonemas (ARANGO, 2020; INGRAVALLO, 2020). De acordo com Holmes et. al. (2020), essas alterações no modo de viver o cotidiano associadas aos efeitos sistêmicos da pandemia no corpo, em particular no cérebro e na cognição, levam a questão da saúde mental ao topo das preocupações. Da mesma forma, demandam ações integradas entre as diversas áreas de conhecimento (HOLMES et al., 2020).

### **3.2 A PSICOLOGIA HOSPITALAR E O PAPEL DO PSICÓLOGO**

De acordo com a definição do órgão que rege o exercício profissional do psicólogo no Brasil, o CFP (2003a), o psicólogo especialista em Psicologia Hospitalar tem sua função centrada nos âmbitos secundário e terciário de atenção à saúde, atuando em instituições de saúde e realizando atividades como: atendimento psicoterapêutico; grupos psicoterapêuticos; grupos de psicoprofilaxia; atendimentos em ambulatório e unidade de terapia intensiva; pronto atendimento; enfermarias em geral; psicomotricidade no contexto hospitalar; avaliação diagnóstica; psicodiagnóstico; consultoria e interconsultoria.

Conforme Almeida e Malagres (2015) a Psicologia Hospitalar é uma área da Psicologia recente e que tem atraído muitos profissionais. Como campo de atendimento e tratamento das questões psicológicas em torno do adoecimento e internação, a Psicologia Hospitalar vem demonstrando sua importância através de estudos e

trabalhos publicados, com um grande avanço no seu desenvolvimento nos últimos anos.

Considerando, que certas doenças se originam da dificuldade de apontar e resolver situações, o indivíduo tem seu corpo afetado por diversos sintomas que expressão essas emoções e sentimentos não vivenciados ou externalizados (DOS SANTOS; VIEIRA; SANTOS; JARDIM, 2021). Esses eventos vêm causando um aumento no diagnóstico de doenças relacionadas à psique como enxaqueca e gastrite, além das conhecidas depressão e ansiedade a presença do profissional de psicologia dentro do ambiente hospitalar se faz necessária. Vale ressaltar que por ser uma área de atuação relativamente nova no Brasil, ainda enfrenta dificuldade relacionada ao reconhecimento desse profissional, Yamamoto, Trindade e Oliveira (2002) referem que a busca por pós-graduações para essa área cresce devido ao déficit na própria graduação. A Psicologia enfrenta uma batalha para conquistar sua valorização em nível de mercado e conhecimento do público durante a pandemia vem recebendo visibilidade que ainda não se tinha visto. Conforme Bruscato (2004) dentro do cenário hospitalar a atuação do psicólogo é voltada para lidar com as proporções afetiva/emocional.

A Psicologia Hospitalar é uma subespecialidade da Psicologia da Saúde responsável pelo cuidado com o aspecto psicológico dos doentes, dos familiares e dos profissionais da equipe de saúde, a fim de resgatar a singularidade do paciente, suas emoções, suas crenças e seus valores (BRUSCATO, 2004).

A intervenção em centros de saúde e hospitais deve abranger a tríade paciente - familiares - profissionais de saúde. A família, angustiada e sofrida, também precisa da atenção do psicólogo e deve ser envolvida no trabalho com o paciente por ser uma das raras motivações que este tem para enfrentar o sofrimento. O psicólogo deve facilitar, criar e garantir a comunicação efetiva e afetiva entre paciente/família e equipe (ANGERAMI-CAMON, TRUCHARTE, KNIJNIK, & SEBASTIANI, 2006; ISMAEL, 2005; ROMANO, 1999).

O contexto hospitalar para o paciente e sua família pode ser desafiador. Em geral, ocorre uma desorganização. O psicólogo, como agente facilitador do diálogo, das possibilidades e da explicação aos pacientes e dos familiares, separadamente, favorece a relação entre ambos. Nos cabe pensar em como manter o funcionamento



adequado em um momento crítico, como a hospitalização (ISMAEL & SANTOS, 2013).

Essa relação facilitada proporcionada pelo psicólogo traz a equipe um ambiente mais direcionado ao cuidado do paciente e harmônico, sem ter a preocupação de desgaste com situações relacionadas a convivência. Arango (2020) e Ingravallo (2020) afirmam que em período de pandemia, a relação de convivência foi adaptada ao meio virtual que proporciona para as famílias um conforto frente ao distanciamento que ela nos impõe. MOREIRA (2012) relata que é importante manter uma boa relação tanto do familiar quanto do paciente pois para os familiares o psicólogo transmite tranquilidade, conforto e acalma o paciente.

Vale ressaltar, como cita Simonetti (2004), o psicólogo hospitalar é responsável não somente pelo processo de adoecimento, mas também pelas relações e ligações que esse paciente cria e necessita, sempre com a finalidade de facilitar esses laços e convivência de paciente, familiares, médicos e equipe.

Portanto, vale ressaltar que a criatividade desse profissional frente a seus atendimentos e a capacidade de adaptação às necessidades de cada paciente, é de suma importância no processo de internação.

### **3.3 CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO HOSPITALAR PARA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR**

A equipe de saúde vivencia no seu cotidiano o significado de viver e morrer, além de sentimentos ambivalentes de onipotência e impotência, a cobrança da expectativa de todos os envolvidos e a percepção da própria finitude. O psicólogo deve atuar como facilitador do fluxo dessas emoções e reflexões, detectar os focos de estresse e sinalizar as defesas exacerbadas (ANGERAMI-CAMON, 2002).

Na instituição hospitalar o psicólogo tende a ser o intermediário da tríade paciente, família e equipe (ANGERAMI-CAMON, TRUCHARTE, KNIJNIK, & SEBASTIANI, 2006; ISMAEL, 2005; ROMANO, 1999) buscando compreender as necessidades de cada uma delas e conseguir desenvolver o melhor meio de convivência para todos, tudo isso baseando-se em evidências científicas e técnicas.

Essa boa relação reflete diretamente na prestação de cuidados.

Com os novos desafios impostos pelo novo vírus da COVID-19, os profissionais de saúde de linha de frente, aqueles que lidam diretamente com os infectados com a doença, receberam uma carga emocional e física superior ao que já era habitual à profissão, logo, a saúde mental desse profissional merece atenção, como pontua Zhang et al. (2020).

Como citado por Wallace et al. (2020) em linhas gerais, o trabalho do psicólogo junto aos profissionais que atuam durante a fase de resposta e recuperação da pandemia deve considerar especialmente a promoção de autocuidado, para auxiliá-los a lidar com as adversidades desse período, o que inclui orientá-los sobre fazer pausas e se desconectar da pandemia.

Ao estruturar o serviço de psicologia hospitalar no atual contexto, sugere-se que a (o) profissional: conheça as características do cenário antes de planejar as ações; fundamente as ações em evidências derivadas de experiências semelhantes; proponha ações alinhadas ao sistema de Saúde Pública; e, considere que profissionais de saúde também compõem um grupo de risco, de modo que a assistência deve ser voltada tanto a pacientes e familiares, quanto à própria equipe (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

Como indicado pela World Health Organization (2020) é importante lembrar que as recomendações técnico-científicas para contenção da COVID-19 precisam ser incorporadas às estratégias de cuidado das equipes de psicologia, visando garantir a biossegurança dos envolvidos e, ao mesmo tempo, potencializar formas alternativas e respeitadas de ritualizar os processos vividos (FIOCRUZ, 2020).

Com o grande risco de contaminação e proliferação da doença o contato face a face entre o psicólogo e o paciente em isolamento hospitalar pode ser restrito na vigência da pandemia, com o apoio emocional sendo realizado sobretudo por enfermeiros e médicos (SCHMIDT et al., 2020). Nesses casos, além do acompanhamento remoto ao enfermo e à família, o psicólogo também pode oferecer suporte e orientação aos profissionais da linha de frente (SCHMIDT et al., 2020; SSHAP, 2020), inclusive nos procedimentos relativos ao ritual de despedida.

### 3.4 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO PSICÓLOGO E PACIENTE

A relação psicólogo e paciente é construída gradativamente durante seu período de internação, esta relação conforme explica Freitas (2016), é um dos aspectos mais importantes do processo psicoterapêutico e a psicoterapia utiliza a postura dialógica, priorizando o humano que há no outro. O cliente, o terapeuta e a relação entre os dois só serão compreendidos a partir do seu contexto (BRAGA, 2006).

O paciente durante o seu período de internação é submetido a vários estados emocionais provocado pelo ambiente hospitalar e pelo seu quadro clínico, sentimentos como medo, insegurança e solidão são comuns nesses pacientes internados.

Os pacientes internados em UTI são expostos a muitas tensões, como procedimentos invasivos, experiência de dor, ameaça de morte, distúrbios do sono, exposição contínua a ruídos e luz, sede e outros desconfortos fisiológicos. Além dessas tensões, há perda de privacidade, distanciamento da família, sentimentos de medo, insegurança e dificuldades de comunicação, entre outros estressores (ZANINI, 2021, pag.49).

Assim sendo, o psicólogo hospitalar busca proporcionar a este paciente uma melhor qualidade de vida durante sua estadia no hospital, trabalhando o sofrimento, a ansiedade e possíveis agravamentos emocionais por parte do paciente ou da família, diante do possível risco de vida ou do estado terminal (STIGAR et al., 2020).

Vieira (2018), ressalta que além dos cuidados com os pacientes, a relação do psicólogo se estende com os familiares e à equipe multidisciplinar. Almeida (2019) salienta que a psicologia hospitalar tem como um de seus objetivos a minimização do sofrimento causado pela hospitalização, a busca pela humanização das relações travadas nesse contexto e a promoção coordenada.

Portanto ao criar uma relação com o paciente o psicólogo busca acolher e contribuir para que o processo de hospitalização seja menos desagradável, fazendo com que o paciente tenha uma relação com sua própria existência de maneira mais humanizada, evitando assim que sua recuperação seja prolongada por questões emocionais.

A construção da relação entre paciente e psicólogo é necessária, e importante no processo de internação, é através dela que os profissionais oferecem um trabalho humanizado e afetivo que auxilia na recuperação e/ou seguimento da permanência

hospitalar. Almeida (2020) ressalta que frente a este cenário o Psicólogo Hospitalar busca maneiras de fazer com que o paciente encontre formas de repensar e reconstruir seu processo de hospitalização.

A figura do psicólogo no cenário da pandemia representou conforto para as relações, uma boa convivência entre paciente e profissional, proporcionando um ambiente mais harmonioso para ambos e para a equipe, visto que devido as restrições a convivência familiar foi impedida, cabe ao psicólogo adaptações na rotina para suavizar o ambiente.

### **3.5 PRONTUÁRIO AFETIVO**

No âmbito hospitalar, uma rotina comum nas unidades fechadas e abertas são a utilização de prontuários para cada paciente. Sobre o prontuário médico:

“Podemos afirmar que a forma mais segura de registro e divisão de informação em uma instituição de saúde é realizada por meio do prontuário do paciente ou, dentre diversos outros adjetivos, do ainda denominado prontuário médico”. (ALMEIDA, et al., 2008. p. 4).

A utilização desse meio também é compartilhada por outros profissionais, incluindo os psicólogos. Com o intuito de diminuir a distância entre os familiares, a equipe do hospital e o paciente, criou-se o chamado “prontuário afetivo”, o qual a equipe multidisciplinar, principalmente psicólogos e assistentes sociais, exploram a vida pessoal do paciente, rompendo a teoria de que o sujeito internado é apenas mais um paciente.

A criação do prontuário afetivo foi elaborada a partir das subjetividades e preferências de cada paciente, fazendo com que a pessoa que esteja internada sinta-se mais confortável para falar o que sente vontade (Júnior, 2021), preferências musicais, times do coração, comidas favoritas, nome do esposo/esposa, filho/filha, hobbies, dentre outras informações utilizadas conforme a criatividade dos profissionais responsáveis por escrever o prontuário.

No Ceará, o uso do prontuário afetivo foi utilizado como forma de intervenção a fim de conscientizar tanto a equipe, quanto o paciente.

“Essa intervenção é um dos meios da família se aproximar desses entes e reforçarem ainda mais, não só para a equipe, mas também para o próprio paciente, o quanto que ele é importante e querido. É um resgate dessas afetividades das relações humanas e contribui para uma assistência mais humanizada.” (CASTRO, 2021).

Além dos prontuários afetivos, outros meios terapêuticos foram utilizados como forma de diminuir o sofrimento e angústia dos pacientes internados, um dos exemplos foi a musicoterapia como explica PONTA e ARCHONDO (2021) a musicoterapia é a utilização da música e seus elementos de forma terapêutica, para tratamento, terapia complementar, promoção da saúde, prevenção ou reabilitação. Em pacientes com Covid-19, a internação em uma UTI se torna ainda mais desgastante e despersonalizadora, devido à restrição a visitas e de objetos externos, pelo alto risco de contaminação.

De acordo com Lins, Teixeira e Rodrigues (2021), o uso dos aparelhos tecnológicos fora necessário para amenizar o sofrimento do paciente e da família. Sobre a Psicologia Hospitalar e o cuidado com o paciente é importante elucidar que o tratamento não é restringido às doenças psíquicas conhecidas como psicossomáticas, podendo beneficiar a todos. (SIMONETTI, ALFREDO, 2004).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema tratado neste artigo destaca a atuação do psicólogo hospitalar em meio a pandemia da COVID-19 e sua abordagem frente a essa situação, além disso pôde-se conhecer e compreender um pouco da história e origem da Psicologia Hospitalar e como ela vem gerando interesse de novos profissionais.

O surgimento de uma doença desconhecida, que necessita de distanciamento físico do paciente para com seus familiares e pessoas próximas, destacou a atuação de um profissional que ainda não era tão evidenciado nesse meio: o papel do psicólogo e suas mediações frente a tríade paciente, família e equipe foi de grande ajuda nesse processo.

Humanizar um ambiente, geralmente conhecido como frio e angustiante, não é uma função fácil, mas como pôde-se observar com adaptações, criatividade e organização esse objetivo foi alcançado em sua grande maioria.

Ao curso desse levantamento, algumas limitações foram encontradas. A principal delas foi a falta de materiais relacionados a COVID-19, considerando o enfrentamento da mesma há aproximadamente dois anos e conteúdos sobre a atuação do psicólogo frente a essa adversidade, como já citado, é uma vertente nova dentro da Psicologia e novos estudos ainda estão sendo publicados. Como contribuição, sugere-se que novos estudos a respeito da temática sejam produzidos, visto relevância para a área.

É necessário maior investimento em torno desse assunto, não somente dos profissionais que precisam de reconhecimento e espaço, mas também das instituições de ensino, para capacitar e auxiliar nesse processo de abertura nesses ambiente, ainda assim, é possível compreender que a atuação do psicólogo no contexto hospitalar no momento da pandemia da COVID-19 vai além de intervenções facilitadoras, é através dele juntamente com a equipe multidisciplinar que um ambiente humanizado é instalado e ações de conforto e esperança são desenvolvidas.

Levando em consideração todo sofrimento físico e emocional que o momento determina, medidas reconfortantes e cuidados com a saúde mental são necessárias não somente ao paciente, mas também aos familiares e equipe de cuidados que ficou exposta a todas as incertezas dessa doença.

Por tanto consideramos necessário maior investimento e atenção em torno desse assunto, não somente dos profissionais que precisam de reconhecimento e espaço, mas também das instituições de ensino, para capacitar e auxiliar nesse processo de abertura e inserção do profissional nesse ambiente.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Vinícius et al. O Acolhimento como Postura na Percepção de Psicólogos Hospitalares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100148&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100148&script=sci_arttext)>. Acesso em 29.mar.2021

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Psicólogo de la Salud en el Hospital General: un Estudio sobre la Actividad y la Formación del Psicólogo Hospitalario en Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 35, n. 3, p. 754- 767, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/3wfdVFWNsD6FhhR9vHPrtYF/abstract/?lang=es>> Acesso em 10 de jun. de 2021.

ALMEIDA, Fabrício Fernandes; CANTAL, Clara; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz. Prontuário psicológico orientado para o problema: um modelo em construção. *Psicologia: ciência e profissão*, v.

28, p. 430-442, 2008. Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/JHqKZzx6v6VFN6JN4H5GRxP/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 21 de set.2021

ALMEIDA, Vivianne Rollo et al. O Psicólogo Hospitalar: a percepção de pacientes na clínica cirúrgica. *Revista da SBPH*, v. 23, n. 2, p. 77-87, 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v23n2/08.pdf>> Acesso em 11 de jun. 2021.

BAPTISTA, Bruna Olegário et al. A sobrecarga do familiar cuidador no âmbito domiciliar: uma revisão integrativa da literatura. *Revista gaúcha de enfermagem*, v. 33, p. 147-156, 2012.

Disponível

em:

<

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/SFH4h8sJmc3B74TmSZ59HLL/?format=pdf&lang=pt>

Disponível em: 13 de Out. 2021

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 24, n. 3, p. 48-57, 2004. Acesso em 10 de Junho de 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MZB4WxpDB4gdNnSY4DBM8qq/?lang=pt>> Acesso em 10 de jun. de 2021.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2020000100508&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2020000100508&script=sci_arttext)> Acesso em 29. mar. 2021.

DE ANDRADE PONTA, Gabriel; DEL LLANO ARCHONDO, Marcia Eugenia. A musicoterapia no ambiente hospitalar: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*, v. 1, n. 1, p. 16-32, 2021. Disponível em

<<file:///C:/Users/aline/Downloads/1208-Texto%20do%20artigo-4354-1-10-20210714.pdf>>

Acesso em 02 Nov. 2021

DOS SANTOS RODRIGUES, José Victor et al. Intervenções em psicologia hospitalar durante a pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 12, p. e332101220288-e332101220288, 2021. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Interven%C3%A7%C3%B5es+em+psicologia+hospitalar+durante+a+pandemi)

[BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Interven%C3%A7%C3%B5es+em+psicologia+hospitalar+durante+a+pandemi+a+da+COVID-19+no+Brasil%3A+uma+revis%C3%A3o+integrativa+da+literatura&btnG=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Interven%C3%A7%C3%B5es+em+psicologia+hospitalar+durante+a+pandemi+a+da+COVID-19+no+Brasil%3A+uma+revis%C3%A3o+integrativa+da+literatura&btnG=>). Acesso em: 28 de set 2021.

DOS SANTOS, Mariana Fernandes Ramos et al. O adoecimento psicossomático: um novo olhar a partir da terapia cognitivo-comportamental. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 7968779705, 2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/34296/pdf> Acesso em 01 Nov.2021.

ENUMO, S. R. F., Weide, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., & Machado, W. L. (2020). Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma cartilha. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200065. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Q3LCy6Gc6QjPj39FdcD5hCc/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 13. jun. 2021

FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmitificando a revisão de literatura como base para a redação científica: método SFF. Revista ACB,[S.l.], v.21, n 3, p 550-553, dez.2016. ISSN 1414-0594. Disponível em:<<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194/pdf>>. Acesso em: 13 Out.2021

Fundação Oswaldo Cruz. (2020c). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19:

Orientações as/aos psicólogas/os hospitalares. Rio de Janeiro: Autor. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp/>> Acesso Em 13 de junh.2021

JORGE, Wescley. Humanização: prontuário afetivo resgata subjetividades de pacientes internados por Covid. SESA, 2021. Disponível em: <<https://www.saude.ce.gov.br/2021/04/26/humanizacaoprontuario-afetivo-resgata-subjetividades-de-pacientes-internados-por-covid-19/>>. Acesso em: 15, outubro e 2021.

MOREIRA, Mariana Calessio et al. Psicólogo intensivista: reflexões sobre a inserção profissional no âmbito hospitalar, formação e prática profissional. Trends in Psychology, v. 25, n. 3, p. 1225-1239, 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832017000301225&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832017000301225&script=sci_arttext)> Acesso em 29 de mai. 2021.

O QUE É UMA PANDEMIA. Bio.fiocruz, 2020. Disponível em:<<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>> Acesso em 10 de jun. de 2021

OLIVEIRA, Barbara. Pacientes com Covid-19 ganham prontuário afetivo em UTI no ES. A Gazeta. Espírito Santo, 22 de abr.2021. Disponível em<<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/pacientescom-covid-19-ganham-prontuario-afetivo-em-uti-no-es-0421>> Acesso em 23 de set.2021.

ORIENTAÇÃO AO PSICOLOGOS HOSPITALARES.Disponível em<[content/uploads/2020/04/cartilha\\_psicologos\\_hospitalares.pdf](content/uploads/2020/04/cartilha_psicologos_hospitalares.pdf)> Acesso em 10 de jun.2021.

PRONTUÁRIO AFETIVO HUMANIZA ATENDIMENTO A PACIENTES COM COVID-19 EM HOSPITAIS MUNICIPAIS. Cidade de São Paulo Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=317130>>. Acesso em: 15 de Out. de 2021.

PRONTUÁRIO AFETIVO: ATENDIMENTO HUMANIZADO AJUDA NA MELHORA DE PACIENTES.Viva bem uol.2021 disponível em:<[HTTPS://WWW.UOL.COM.BR/VIVABEM/NOTICIAS/REDACAO/2021/06/12/PRONTUARIO-AFETIVO-ATENDIMENTO-HUMANIZADO-AJUDA-NA-MELHORA-DE-PACIENTES.HTM](https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/12/prontuario-afetivo-atendimento-humanizado-ajuda-na-melhora-de-pacientes.htm)>. acesso em: 15 de out. de 2021.

PRONTUÁRIO AFETIVO DO HC BOTUCATU HUMANIZA ATENDIMENTO E MUDA O OLHAR AOS PACIENTES. São Paulo.2021. Disponível em:<<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/orgaosgovernamentais/secretaria-da-saude/prontuario-afetivo-do-hc-botucatu-humaniza-atendimento-emuda-o-olhar-aos-pacientes/>>. Acesso em: 15 de out. de 2021



PRONTUÁRIO AFETIVO CONTRIBUI PARA MELHORA DOS PACIENTES DO HMM. Maringa Prefeitura da Cidade.2021. Disponível em <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2021/04/19/prontuario-afetivo-contribui-para-melhorados-pacientes-do-hmm/37430>> Acesso em: 15 de out. de 2021

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem [online]. 2007, v. 20, n. 2 [Acessado 2 Novembro 2021] , pp. v-vi. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>. Epub 17 Jul 2007. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em : 02 de Nov. 2021

S.A. ENTENDA O QUE É UMA PANDEMIA E AS DIFERENÇAS ENTRE SURTO, EPIDEMIA E ENDEMICIA. INSTITUTO BUTANTAN A SERVIÇO DA VIDA, 2021. Disponível em<<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-umapandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>> . Acesso em: 06 out. 2021

STIGAR, ROBSON. O PAPEL DA PSICOLOGIA NOS CUIDADOS PALIATIVOS. Revista Renovare, v. 3, 2020. Disponível em: <<http://book.uniguacu.edu.br/index.php/renovare/issue/view/84/96>> Acesso em :21 de Out. De 2021.

SIMONETTI, Alfredo. Manual de psicologia hospitalar. Casa do psicólogo, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

BR&lr=&id=zNYIWAP\_ig8C&oi=fnd&pg=PA13&dq=SIMONETTI,+Alfredo.+Manual+de+psicologia+hospitalar.+Casa+do+psic%C3%B3logo,+2004&ots=b6lwyYyj04&sig=7WLAJAI7FbYQD3kDsd\_NRP4hw#v=onepage&q=SIMONETTI%2C%20Alfredo.%20Manual%20de%20psicologia%20hospitalar.%20 Casa%20do%20psic%C3%B3logo%2C%202004&f=false> Acesso em 21 de set.2021.

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 24, n. 1, p. 89-98, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/gJLwDT5TZhyVXTRW7CZKLgG/?lang=pt>> Acesso em 9 de jun. 2021.

VILANOVA; ROBERTA .Prontuário Afetivo é mais uma estratégia do Hospital de Campanha no atendimento contra a Covid-19.Governo do Pará.2021. Disponível em<<http://www.saude.pa.gov.br/prontuario-afetivo-e-mais-uma-estrategia-do-hospital-de-campanhano-atendimento-contra-a-covid-19/>>.15 de out. de 2021.

ZANINI, Adriana Mokwa et al. Atuação da psicologia em um centro de terapia intensiva dedicado para coVId-19: relato de experiência. Revista Brasileira de Psicoterapia, v. 23, n. 1, 2021. Disponível em <[https://www.researchgate.net/profile/CarolinaQuiroga4/publication/354294743\\_Atuacao\\_da\\_psicologia\\_em\\_um\\_centro\\_de\\_terapia\\_intensiva\\_dedicado\\_para\\_CO\\_VID-19\\_relato\\_de\\_experiencia/links/612ffbf038818c2eaf773933/Atuacao-da-psicologia-em-um-centro-deterapia-intensiva-dedicado-para-CO-VID-19-relato-de-experiencia.pdf](https://www.researchgate.net/profile/CarolinaQuiroga4/publication/354294743_Atuacao_da_psicologia_em_um_centro_de_terapia_intensiva_dedicado_para_CO_VID-19_relato_de_experiencia/links/612ffbf038818c2eaf773933/Atuacao-da-psicologia-em-um-centro-deterapia-intensiva-dedicado-para-CO-VID-19-relato-de-experiencia.pdf)> Acesso em:28 de Set. 2021

## INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E GESTALT-TERAPIA: A INSERÇÃO DO JOVEM RECÉM-FORMADO NO MERCADO DE TRABALHO

Gabriela Tongo de Moura<sup>1</sup>; Karolina Lopes de Souza Salino<sup>1</sup>; Livia Emanuelle Rodrigues de Souza Barros<sup>1</sup>; Tatiana Santos Luchi Peçanha<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Psicologia da Faculdade Multivix - Cariacica

<sup>2</sup> MBA Gestão de Pessoas e Professora da Faculdade Multivix - Cariacica

### RESUMO

Atualmente pode-se observar que com o aumento do desemprego muitas pessoas e principalmente o público jovem vem sendo prejudicados. Se qualificar para garantir uma oportunidade no mercado de trabalho tem sido o foco da juventude, porém devido à seletividade do mercado de trabalho e a falta de experiência deste grupo, muitas empresas optam por contratar profissionais que possuem experiência nas funções ofertadas. A entrada tardia do jovem no mercado de trabalho acarreta a manifestação de emoções negativas frente às dificuldades para efetivar sua contratação, que pode possibilitar também em prejuízos na qualidade de vida dessa categoria sociológica. Este artigo visa compreender se a inteligência emocional pode ser utilizada como recurso psicológico no trabalho com jovens recém-formados em inserção no mercado de trabalho, possibilitando ao mesmo a tão sonhada independência financeira. O objetivo geral é identificar se há possibilidade de utilizar a inteligência emocional como ferramenta psicológica na prática terapêutica Gestalt-terapia em jovens recém-formados no processo de inserção ao mercado de trabalho. Trata-se de uma revisão bibliográfica e para sua confecção utilizamos publicações científicas relacionadas com o tema, encontrados em plataformas digitais referências em pesquisas científicas e fichamento de livros. Pretende-se concluir essa pesquisa evidenciando se a inteligência emocional pode ser um instrumento psicológico aplicado aos jovens em sofrimento no processo de inserção no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia, juventude, inteligência emocional, mercado de trabalho, psicologia.

## ABSTRACT

Currently, it can be observed that with the increase in unemployment many people and especially the young public have been harmed. Qualifying to guarantee an opportunity in the job market has been the focus of youth, but due to the selectivity of the job market and the lack of experience of this group, many companies choose to hire professionals who have experience in the functions offered. The late entry of young people into the job market leads to the expression of negative emotions in the face of difficulties in hiring them, which can also lead to losses in the quality of life of this sociological category. This article aims to understand whether emotional intelligence can be used as a psychological resource in working with young people who have recently graduated from the job market, thus enabling the long-awaited financial independence. The general objective is to identify whether there is a possibility of using emotional intelligence as a psychological tool in Gestalt-therapy therapeutic practice in young graduates in the process of entering the job market. This is a bibliographic review and for its preparation we used scientific publications related to the theme, found on digital platforms, references in scientific research and book records. It is intended to conclude this research by showing whether emotional intelligence can be a psychological instrument applied to young people suffering in the process of entering the job market.

**Keywords:** Gestalt therapy, youth, emotional intelligence, labor market, psychology.

## 1. INTRODUÇÃO

A psicologia é um ramo científico, catalogado em ciências humanas que vem crescendo se transformando e ampliando seu espaço no mundo ao longo dos anos, tendo em vista seus estudos voltados para a compreensão do homem e suas facetas. A autonomia desse conhecimento se dá no final do século XIX por Wundt na faculdade de Leipzig, Alemanha, com a criação de um laboratório psicofisiológico voltado para análise do percurso psíquicos no corpo humano, o mesmo acreditava que esse conhecimento se dava por meio de experimentos (TELES, 2017).

A ciência pode ser explicada como uma configuração atualizada que possibilita ao sujeito compreender o mundo e sua funcionalidade, a mesma compõe de um conjunto

de saberes organizado, comprovado e testado (BOCK et al., 2019). A psicologia assim como a ciência, parte de uma agregação de ideias sistematizada e organizada. Um questionamento relevante dentro desse conhecimento é saber como se estuda o objeto. Segundo Bock et al. (2003) é difícil ter uma definição explícita do instrumento de pesquisa, onde o objeto é o próprio homem, cada sujeito tem seu próprio modo de ver a vida e o mundo. Seguindo essa lógica os autores alertam que em muitos momentos o pesquisador pode confundir o objeto de pesquisa com o seu modo de interpretar as coisas, uma problemática enfrentada por toda a área das ciências humanas (BOCK et al., 2003).

Afinal, como desenvolver uma análise sem interferências dentro desse ramo? Os questionamentos sobre o assunto continuaram, até que foi possível observar que mesmo que o objeto de pesquisa e o pesquisador seja o próprio homem, temos várias possibilidades sociais que nos propicia compreender esse sujeito, ou seja, o homem estuda o homem, em suas fases e de formas diferentes (BOCK et al., 2003).

A partir do século XX com a criação das escolas psicológicas, estruturalismo, funcionalismo, behaviorismo, gestaltismo e psicanálise, que narram toda a trajetória da psicologia e marco da construção desses fundamentos, foi possível observar esse conhecimento autônomo ganhando força e cheio de possibilidades para entender o indivíduo em diversos contextos (BOCK et al., 2019).

Tendo em vista a psicologia como um importante instrumento para compreender as interações humanas em diferentes situações e com base em nossa formação, a escolha do tema partiu de uma necessidade de elucidar a possibilidade de utilizar a inteligência emocional como ferramenta para que o profissional de psicologia utilize no trabalho com jovens em inserção no mercado de trabalho após a formação acadêmica.

Desse modo, o presente artigo foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas e tem como objetivo principal, identificar se é possível utilizar a inteligência emocional como recurso psicológico na prática terapêutica com jovens recém-formados em inserção no mercado de trabalho. Com base nisso, buscou-se compreender como essa ferramenta pode ser aplicada no âmbito da psicoterapia na interface com a prática da

Gestalt-terapia, facilitando assim o processo terapêutico do jovem cliente em sofrimento, onde o mesmo vai reconfigurar seu modo de viver e conseguir lidar melhor com os desafios diários. Saliendo que essa prática não tem por finalidade interferir, condicionar ou convencer o sujeito de algo (CARDELLA, 2002).

## **2. METODOLOGIA**

O desenvolvimento deste artigo teve como objetivo central explicar se há possibilidade de utilizar a inteligência emocional como recurso psicológico no trabalho psicoterapêutico com jovens recém-formados em processo de inserção no mercado de trabalho.

O processo da pesquisa, que se trata é de forma qualitativa, conforme Proetti (2007) a pesquisa qualitativa não segue o viés da quantificação, pois seus estudos estão voltados para a procura de respostas que esclarecem o entendimento sobre algo. Portanto esse processo tem como caracterização a observação, o entendimento e a descrição que vai permitir ao pesquisador interpretar os eventos, onde as hipóteses são feitas após a observação e interpretação dos fatos segundo Gil (2002). Explicação de extrema relevância para a confecção desse trabalho que é de natureza básica, de caráter exploratório e método bibliográfico. Junior (2017) afirma que os pesquisadores que utilizam o método bibliográfico desenvolvem seus estudos através da busca por materiais científicos já publicados que ofertam informações em diversas áreas de conhecimento. Correspondendo em uma coleta de dados que pode ser feita a princípio com impressões (manuscritas ou eletrônicas) ou literatura cinza que viabiliza ao investigador, recurso extensivo para qualquer tipo de pesquisa (JUNIOR, 2017).

O procedimento refere-se a uma revisão narrativa de literatura, que segundo Cordeiro (2007) é uma metodologia que não determina um protocolo rigoroso para sua elaboração, onde a coleta de dados não parte de regras pré-estabelecidas e a seleção dos artigos é facultativa, permitindo ao autor viés de informações e seleção de acordo com sua perspectiva.

Orientados pela problemática: Qual a possibilidade de utilizar a inteligência emocional, como ferramenta de trabalho do profissional da psicologia, com jovens em inserção no mercado de trabalho após a formação acadêmica? A pesquisa foi realizada a partir

de publicações científicas com os seguintes descritores “Juventude e o Mercado de Trabalho”, “Psicologia e Juventude”, “Inteligência Emocional”, “Psicoterapia na prática gestalt-terapia” e “Emoções”. As impressões foram coletadas através dos bancos digitais de dados: Pepsic, Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Digital Multivix, Bibliotecas Digitais de Universidades Nacionais e fichamentos bibliográficos, após análise de livros referenciais no assunto. Foram considerados documentos científicos produzidos no período de 2010 a 2019, com exceção as pesquisas que foram realizadas por autores pioneiros a temática anterior a essa especificação.

O levantamento bibliográfico resultou em um quantitativo de 40 achados para a realização da pesquisa, após a leitura do material foi realizada uma triagem para selecionar os artigos que atendiam os critérios com base no objetivo principal deste estudo, contudo entre os materiais analisados seis (6) artigos foram excluídos, pois os assuntos não eram relevantes para pesquisa e os aprovados para embasamento teórico teve uma somatória de trinta e quatro (34) achados. Por fim, concluímos os principais conteúdos de pesquisa por consenso entre os pesquisadores: Trabalhos que discorriam sobre a Psicologia em Foco na Juventude e o mercado de trabalho; Relação do trabalho e a Juventude; Inteligência Emocional; Prática Gestalt-terapia; Psicologia.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

É importante enfatizar que até a conclusão dessa escrita e as buscas por informação nas fontes citadas no tópico anterior, não foi encontrado publicações científicas no campo da psicologia que referenciam a utilização da inteligência emocional como recurso para o psicólogo trabalhar com jovens em inserção ao mercado de trabalho, no espaço terapêutico. E outra problemática encontrada foi os poucos artigos relacionados à compreensão da juventude no contexto brasileiro e sua entrada no mercado de trabalho pela psicologia.

Quando os estudos foram abordados de maneira abrangente sobre a juventude foi possível observar a falta de revisão e atualização das políticas públicas voltadas para estes na atualidade e os materiais encontrados com datas de publicações recentes fazem citações a matérias mais antigos identificando assim uma negligência com esse

grupo. Nessa linha de raciocínio os autores como: Cara et al. (2006), Bock et al. (2003), Andrade (2008), Rocha (2008), Rodrigues (2017), são concordantes em defender os direitos da juventude em suas escritas.

Já quando o assunto é a entrada do jovem no mercado de trabalho, além das dificuldades por falta de experiência e qualificação profissional relatado por Pereira (2019) o que se destacou foi as condições socioeconômicas como fator principal que afeta os jovens de formas diferentes segundo Rocha (2008). Enfatizando ainda que na maioria das vezes esse indivíduo sofre com as escolhas feitas sobre influência do ambiente que está inserido acarretando em emoções negativas por não se identificarem com as funções.

As emoções segundo Martins (2015) são mediadores das interações interpessoais, sendo assim a manifestação das emoções negativas atrapalham essa interação de forma ampla dificultando a funcionalidade do indivíduo no cotidiano. O ser humano está em constante evolução e saber administrar suas emoções melhora sua qualidade de vida.

Com base na leitura dos artigos encontrados na revisão bibliográfica, apresenta-se na sequência, uma revisão teórica exploratória que partiu de recordes de saberes, sobre os temas principais que resultam no objetivo dominante desta pesquisa.

### **3.1 A RELAÇÃO DA JUVENTUDE COM O MERCADO DE TRABALHO.**

Muitos estudos são realizados no mundo ao longo dos anos e em diferentes contextos sociais para discutir como se dá a fase da juventude na cronologia da vida humana. De acordo com (PAPALIA; FELDMAN, 2013), a juventude pode ser entendida como um momento de transição ou início da fase adulta, onde este, passa a ter mais autonomia e responsabilidades sobre suas escolhas e forma de viver a vida. Portanto é difícil conceituar com exatidão o marco que se inicia e termina a fase da juventude, mas para compreender essa categoria sociológica é importante analisar os critérios que envolvem variantes educacionais, regionais, culturais e sociais do ambiente ao qual esses jovens estão inseridos.

No Brasil todo indivíduo com idade compreendida entre 15 aos 29 anos são considerados jovens conforme a Política Nacional de Juventude (PNJ), a Lei 11.129/2005 de 30 de junho art.11 e o estatuto da juventude, sancionado em 2013. Essa classificação de idade é utilizada para desenvolver pesquisas relacionadas com jovens no contexto brasileiro de uma forma abrangente segundo Rodrigues (2017). Porém, segundo a Lei 12.852/2013 de agosto os adolescentes compreendidos entre 15 e 18 anos vai se aplicar a Lei 8.069/1990 de julho que legaliza o estatuto da criança e do adolescente e excepcionalmente o estatuto da juventude será adotado a essa faixa etária quando não conflitar e nem infringir as normas de proteção que assegura esses adolescentes.

Antes da criação de leis vigentes para a juventude Bock et al. (2003) ressaltam que os jovens não eram reconhecidos como adultos até atingir a maioria civil aos 21 anos e a maioria penal aos 18, os autores fazem uma crítica aos sujeitos predominantes por quererem exercer o controle e domínio sobre a juventude, onde os mesmo tem a falsa sensação de liberdade, escutam sobre expectativas futuras com a entrada no novo ciclo e ao mesmo tempo estão sendo vigiados pela classe dominante que ainda não os consideram como adultos.

Os autores Cara et al. (2006) salientam que os jovens são sujeitos de direitos coletivos, e que sua independência e jeito de viver devem ser respeitados, afirmativa relevante para refletir o modo como esse grupo é tratado socialmente. Será que as leis e diretrizes que garantem os direitos desse conjunto de pessoas são exercidas? E as políticas públicas estão sendo criadas e revisadas para atender esse público no atual contexto social que vivemos, tendo em vista as constantes mudanças sociais ao decorrer dos anos? Bock et al. (2003) destacam que o corpo social impõe a alguns jovens o amadurecimento precoce para fase adulta e o julga como se essa imposição não tivesse acontecido. Dessa forma, promover discussões a respeito da temática desconstruindo estereótipos sobre como essa fase da vida retrata, corrobora para que essa categoria conquiste seu lugar na sociedade.

O trabalho no sentido clássico é um produto, onde os trabalhadores são vendedores, e os empregadores compradores desse produto, o andamento do mercado de trabalho é importante para o desempenho de uma economia (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).



Assim como os jovens encontram desafios para garantir seu espaço na sociedade, dito anteriormente, sua inserção e permanência no mercado de trabalho, não se difere. Implicações socioeconômicas contribui de forma negativa para a inserção do jovem no mercado de trabalho, as mudanças estruturais do mercado afetam esse público, onde emana adaptações aos novos modelos de trabalho e constantes atualizações na carreira profissional (ROCHA, 2008). Outra questão levantada por Bock et al. (2003) é a economia sendo fator determinante no contexto brasileiro que distingue as condições do desenvolvimento de um jovem comparado com o outro da mesma idade, isso se dá através da hierarquia social, onde os critérios são baseados e inclinados as classes privilegiadas sem nenhuma ponderação.

Em uma pesquisa realizada, Andrade (2008) evidencia que entre os assuntos que são de interesse dos jovens, o trabalho é mencionado como um dos mais importantes direitos essenciais na vida desses sujeitos quanto cidadãos e que deveriam ser depositário. Andrade (2008) relata ainda que devido ao aumento da competitividade, a falta de experiência e qualificação profissional, a entrada desses jovens no mercado de trabalho se torna cada vez mais demorada.

Bock et al. (2003) apresentam uma consideração que pode ser contextualizada com os dias atuais em relação ao peso que as escolhas e o ingresso profissional têm na vida dos jovens, tendo em vista o meio social ao qual estão inseridos e seus princípios. Diante disso, a classe dominante (adultos) responsabiliza esses sujeitos por suas escolhas, ocultando assim todas as interferências coletivas que determinam sua entrada no mercado de trabalho. Quando um jovem tem a oportunidade de planejar sua caminhada profissional para a conquista de um emprego ou função desejada, o mesmo começa a construir o seu próprio futuro.

A escolha da profissão não vem necessariamente em primeiro lugar na lista de prioridades de um jovem, mas é um fator importante. Quando chega o momento de escolher a carreira profissional o jovem lida com conflitos de interesse, entre o seu desejo sobre a carreira escolhida, as idealizações familiares em relação ao que eles querem para esse indivíduo e o que o poder público tem a oferecer. Bock et al. (2003) enfatizam que é essencial para juventude entender e conhecer os fatores que

influenciam no seu desenvolvimento, para assim ter mais autonomia sobre suas escolhas.

Quando comparamos as afirmativas dos autores Bock et al. (2003), Andrade (2008), Rocha (2008) e Rodrigues (2017), observamos que infelizmente o cenário dificultoso para a entrada do jovem brasileiro no mercado de trabalho só aumenta e se dá de forma inadequada. Nesta ocasião, os sentimentos individuais de incerteza que causam mal-estar, se tornam um mal-estar social (ROCHA, 2008). Situação que continua tomando proporção e afetando um número cada vez maior de jovens que sonham com a independência financeira e a realização profissional.

### **3.2 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

Antes de discorrer sobre Inteligência Emocional vamos falar sobre as emoções.

Vera Martins, autora do livro “O Emocional Inteligente”, inicia o primeiro capítulo chamando os leitores a pensar o ser humano e suas emoções, a mesma compreende o fluxo e os efeitos das emoções essenciais para que a humanidade consiga lidar melhor com as experiências vivenciadas ao longo da vida (MARTINS, 2015). A autora explica dois modos de existir do ser humano no mundo, o primeiro é viver por entender que o sentido de solucionar os dilemas do cotidiano, sozinho ou com a ajuda do outro faz parte da existência humana e o segundo modo é sobreviver em uma ótica negativa sobre as questões enfrentadas no cotidiano, entendendo que não tem uma saída no final da caminhada, pois a vida é uma luta constante. Pontos relevantes para refletir sobre qual tem sido o sentido da vida para os seres humanos que se permitem pensar a respeito e se conhecem a ponto de entender suas próprias emoções.

A palavra emoção tem sua etimologia no latim *emovere*, que significa movimento, ato de mover, logo as emoções quando se manifestam podem ser consideradas como um movimento de resposta a uma situação de euforia positiva ou negativa. Os estudos sobre essa temática integram as pesquisas mais antigas e as mais recentes no âmbito da psicologia (DIAS et al. 2008). O neurocientista português António Damásio citado por Martins (2015) explica as emoções como parte de um conjunto de respostas motoras, onde o cérebro envia comandos para o corpo em resposta ao fenômeno do momento, como por exemplo a saciação ou não após uma refeição. Já o sentimento

é a forma que o cérebro interpreta essas informações (MARTINS, 2015). Nessa visão é possível perceber que as emoções acompanham o ser humano desde que ele começa a existir no mundo, porém, por um longo tempo as emoções foram excluídas dos estudos considerados fundamentais do comportamento humano (DIAS et al. 2008).

As emoções no âmbito da psicologia têm sua história marcada por altos e baixos, por muito tempo os estudos realizados para analisar o homem e sua totalidade deixou de lado as emoções e não classificaram como ponto importante cientificamente para investigação, e por consequência na época poucos estudos foram aprofundados no assunto (DIAS et al. 2008). Todavia com o passar dos anos e com a evolução da psicologia, os estudos relacionados às emoções passaram a ser considerados por ambas áreas de conhecimentos que se atravessam quando os assuntos são as possibilidades de percepção do homem (DIAS et al. 2008). Alguns autores ao estudar sobre a temática, consideram que o ser humano tem quatro emoções básicas: raiva, medo, tristeza e alegria, cada uma tem sua finalidade e funcionamento indispensável para a interação do indivíduo em contato com outro (MARTINS, 2015). Contudo, as emoções definem a qualidade de vida do ser humano, dessa forma ter a percepção sobre os sentimentos e como eles se manifestam, auxilia na administração das emoções frente às demandas do cotidiano e a pessoa consegue alcançar uma maturidade emocional.

Já o conceito inteligência emocional foi apresentado pela primeira vez no contexto científico por Salovey e Mayer em 1990. Segundo Nascimento (2018), conforme citado por Mayer et al. (2002) a definição de inteligência emocional pode ser compreendida como a capacidade de o indivíduo monitorar os sentimentos e as emoções dos outros e os próprios, de diferenciar e de utilizar essa informação para guiar o próprio pensamento e as ações. Este conceito foi alvo de estudos e revisões por muitos teóricos a respeito de sua definição, sendo então considerado por muitos, difícil de ser definido. Após a publicação do livro *Inteligência Emocional*, por Daniel Goleman (1995) as pesquisas sobre este conceito, tornou-se conhecida mundialmente, partindo de estudos sobre as emoções, o cérebro e a conduta, baseando-se também no conceito inicial formado por Mayer e Salovey.

Segundo Goleman (1995) a inteligência emocional inclui características onde o ser humano vai ter a capacidade de motivar a si mesmo, de persistir apesar das frustrações, de conter os impulsos entre outros, o indivíduo frente a situações diversas poderá reconhecer e controlar suas emoções e impulsos de forma saudável e construtiva contribuindo para que este alcance seus objetivos. Goleman (2001) elucida também sobre os 5 fundamentos conhecido como áreas de domínio da inteligência emocional, são elas:

A autoconsciência, que representa a base da inteligência emocional apresentado por alguns autores, onde o indivíduo reconhece o sentimento que está se apresentando frente a determinadas situações, devido ao conhecimento de suas emoções, seus pontos positivos e negativos. Goleman (2001) descreve que a autoconsciência é ter consciência do exato momento em que nossos sentimentos estão se manifestando, um modo imparcial, que mantém a sensatez de refletir mesmo em meios as emoções buliçosas.

O autocontrole ocorre quando o indivíduo controla seus sentimentos e impulsos e se autorregula frente às situações. Goleman (2001) destaca que o objetivo é o equilíbrio e não a anulação das emoções, pois, cada sentimento tem seu valor e significado e manter o controle sobre as emoções manifestadas é fundamental para o bem-estar. A automotivação canaliza a energia gerada pelas emoções para alcançar os objetivos propostos e metas pessoais mesmo que o caminho seja cheio de obstáculos, afirmam (NODARI; DANIELE ,2015).

A empatia que é a capacidade de entender o outro e seus sentimentos manifestados. Goleman (2001) salienta que a empatia é alimentada pelo autoconhecimento, quanto mais o ser humano se conhece e tem consciência das suas próprias emoções, mais facilidade terá para entender o sentimento alheio. O quinto fundamento é o manejo com relacionamentos/ sociabilidade que tem por significado a capacidade do indivíduo em se relacionar com o outro. Goleman (2001) descreve que quando os seres humanos interagem, enviam sinais emocionais que afetam aqueles com quem estão interagindo. Contudo é possível compreender a inteligência emocional como uma ferramenta que promove ao indivíduo benefícios como o equilíbrio das emoções frente aos conflitos do cotidiano.

### 3.3 JUVENTUDE, TRABALHO, PSICOLOGIA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

As transformações que o mundo vem passando desde o século XX, geram impactos que afetam a vida de muitas pessoas, principalmente a faixa etária jovem já citada anteriormente. As relações que estes mantêm com os grupos: familiar, educacional e o trabalho tem chamado a atenção de muitos pesquisadores, que buscam analisar como essa relação se dá, devido ao convívio com indivíduos de faixa etária, comportamentos e ambientes diferentes, com o propósito de apresentar sugestões que diminuam os impasses enfrentados pela juventude, quando são inseridos no mercado de trabalho (RAITZ; PETTERS, 2008).

A Psicologia entende essa faixa etária como um estágio do desenvolvimento humano, onde se manifesta as características sociais do jovem e as peculiaridades de identidade e personalidade (BOCK et al., 2003). As emoções nesse estágio sofrem constantes oscilações por se tratar de uma transição. Dentro dessa ponderação é possível assimilar o ciclo da juventude como uma mudança para um outro País ou até mesmo uma troca de serviço e escola, pois envolve novas possibilidades, condutas que geram uma tensão a princípio. Continuando a reflexão Bock et al. (2003) descreve que até um certo ponto o jovem avaliou o mundo através das introjeções e crenças familiares, porém quando confrontado com o novo, o mesmo observa que existem outras perspectivas para ver o externo e que nem sempre aquilo que aprendeu vai ser por exemplo, a forma, a opção mais adequada, passando assim por um processo de frustração e variação das emoções e até mesmo o início para construir o seu próprio modo de ver a vida e o mundo.

Em estudos realizados nas últimas décadas, foi constatado que as conversões no mundo do trabalho têm afetado milhões de pessoas e principalmente o público jovem com altos índices de desemprego, ressalta Raitz e Petters (2008). No Brasil a taxa de desemprego na faixa etária jovem é elevada e um dos seus principais fatores é a falta de experiência, colocando estes jovens em situação de desemprego por uma proporção de tempo maior, onde os empregadores optam por contratar pessoas que disponham de experiências nos diversos ramos profissionais (PEREIRA, 2019).

Camarano et al. (2004) afirmam que a juventude é formada por indivíduos que estão sendo erguidos com fundamentos nas atribuições pessoais e nas referências, vivências proporcionadas pela própria família e o ambiente social que são introduzidos. Os autores elucidam também, que se por um lado a visibilidade que a juventude tem é de agentes promotores de mudanças sociais, por outro, a visibilidade é negativa devido aos problemas sociais que impactam diretamente na vida desses jovens (CAMARANO et al., 2004). E um desses problemas é a dificuldade que os mesmo vão ter para serem inseridos no mercado de trabalho.

Na atualidade é possível encontrar ofertas de empregos que descrevem requisitos indispensáveis para que a contratação seja efetuada, por exemplo, ter experiência na área solicitada, reconhecida na carteira de trabalho segundo as normativas exigidas na lei trabalhista vigente, em outros anúncios, identificamos também que além da experiência na função, os indivíduos precisam ter tempo de experiência de acordo com o que a empresa solicitou como requisito, possibilitando assim, vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos jovens sem experiência profissional que buscam uma oportunidade no mercado de trabalho. Mesmo graduados muitos profissionais não tiveram a oportunidade de praticar aquilo que se aprendeu durante o período da graduação e nem sempre ter uma formação superior vai garantir uma vaga neste mercado, impasses habituais que causam inquietações em muitas pessoas, principalmente nos acadêmicos em formação que ingressam no ensino superior com o objetivo de concluir a formação e conseguir uma boa colocação na área de atuação escolhida, mas infelizmente muitos acabam frustrados e toda trajetória de dedicação e esforço é desconsiderado quando se deparam com seletividade das empresas. Observando todos os dilemas na relação da juventude com o mercado de trabalho é possível afirmar que a psicologia contribui para que esses jovens conquistem o direito de serem inseridos neste contexto e alcancem a realização profissional.

No âmbito da Psicologia uma ferramenta que pode auxiliar o profissional do campo a trabalhar com a juventude é a Inteligência Emocional, utilizada também em outras áreas de conhecimento, esse instrumento é compreendido como a capacidade que o ser humano tem de entender os sentimentos dos outros e os próprios, lidando com estes de maneira saudável e de forma construtiva, ressalta Gardenswartz et al. (2012).

Quando falamos sobre a inteligência emocional, o indivíduo começa a refletir sobre as emoções, causadoras de impactos positivos e negativos para si e para o outro.

Os jovens com dificuldades em compreender suas emoções, tendem a manifestar sentimentos negativos com maior intensidade quando não conseguem sanar suas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Segundo Martins (2015), a emoção atua como um regulador nos relacionamentos sociais, pois é através dela que o indivíduo consegue analisar e regular seu comportamento, sendo assim quando o sujeito é dominado por emoções negativas, é possível perceber que essas acarretam desconforto e interferência no pensamento e comportamento desse sujeito de forma negativa. Ou seja, quando as pessoas não administram suas emoções de forma equilibrada, tendem a alimentar pensamentos, comportamentos e expectativas negativas em relação a si, ao outro e sobre o mundo, que podem ocasionar prejuízos na sua qualidade de vida.

A frustração é um sentimento comum entre os jovens que têm expectativas de ingressar no mercado de trabalho e ter o retorno financeiro rápido após a formação acadêmica, e não conseguem, fazendo com que estes reorganizem seus objetivos futuros, aderindo novas possibilidades como empregos com uma remuneração menor, qualificações profissionais e ingresso em outras graduações (ROCHA,2008). Mas nem todos os jovens conseguem aderir novas possibilidades com o pensamento positivo, a inteligência emocional é uma aptidão que pode ser aprendida, onde não importa o quão desenvolvido ou não o indivíduo é nessa área, ele pode expandir e aperfeiçoar sua capacidade de compreender a manifestações de seus sentimentos e a dos outros.

Atualmente, muitos cursos são disponibilizados no mundo com o intuito de desenvolver a inteligência emocional no indivíduo, cada curso tem especificações próprias e público-alvo, salienta Júnior (2018). Quando o ser humano está nutrido de emoção positiva ele tem energia suficiente para enfrentar as ameaças e oportunidades da vida, portanto jovens que têm inteligência emocional desenvolvida, conseguem lidar melhor frente a situações de frustração relacionadas com o mercado de trabalho.

### **3.4 O PSICÓLOGO E A UTILIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM INTERFACE COM A GESTALT-TERAPIA: RECURSO CLÍNICO NO TRABALHO COM JOVENS EM INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.**

Em algum momento ainda na fase infantil, algumas crianças respondem a seguinte pergunta “O que você quer ser quando crescer? ” Seja por curiosidade de algum familiar, ou até mesmo em algum evento escolar que aborde o assunto. A resposta parte de profissões com referências familiares, outros de personagens de desenho e a imaginação flui nessa fase da vida. Com o crescimento desse sujeito, essas falas vão se modificando e nem sempre aquela idealização de criança permanece. Luchiari (1996) aborda que a escolha da profissão é um misto do ciclo familiar, social e educacional que o indivíduo passa na medida que vai crescendo, e muitas vezes as projeções familiares para o mesmo é a alternativa que prevalece.

A busca por uma boa colocação no mercado de trabalho, faz com que os jovens reflitam sobre as possibilidades profissionais futuras. Muitos se frustram por não saber qual profissão seguir, outros porque não se identificaram com a escolha e tem aqueles que buscam uma vaga ou graduação em determinadas áreas pelo retorno financeiro rápido que estão sendo ofertadas no momento. Os problemas ao longo da construção da carreira profissional do jovem podem estar ligados às expectativas e as escolhas que o próprio faz. Bardari et al. (2006) identificam que o entendimento e possibilidades em relação ao mercado de trabalho é um fundamento prazeroso para as pessoas, ressaltam ainda que após um estudo que analisou as expectativas dos graduados após a formação, foi identificado que a visão dos jovens participantes da pesquisa em relação ao mercado de trabalho de forma positiva, era a inserção do mesmo no mercado e a construção de carreira. Já o ponto negativo, era sobre a escolha de carreira, observando assim uma das principais barreiras que afeta o público jovem (BARDARI et al. 2006).

O ambiente social ao qual esse sujeito está inserido é que estabelece as normas de preparação para a entrada no âmbito do trabalho, mas os princípios básicos que rege determinada profissão escolhida, ainda não outorgam aos jovens uma visão futura estável na carreira (DIAS; SOARES, 2012). Problemática que afeta cada vez mais a juventude e possivelmente acarreta no aparecimento ou aumento de transtornos



depressivos, crises de ansiedades, crises de identidade entre outros adoecimentos mentais que afetam de forma negativa sua funcionalidade no cotidiano e na qualidade de vida desses indivíduos.

Na atualidade é comum a busca por tratamento psicológico pelo público jovem, para que o mesmo consiga se regular e lidar melhor com as demandas emergentes que atrapalham sua funcionalidade diária. E para empregar o conceito da inteligência emocional nos jovens em conflito com o mercado de trabalho, seja na inserção ou na permanência por um tempo maior, é necessário avaliar o campo dentro da psicologia que esse conceito tem potencial de aplicação. A área escolhida com grandes chances de sucesso no resultado do uso da inteligência emocional foi a psicoterapia, considerada por Cordioli et al. (2018) um tratamento psicológico baseado na relação indivíduo e Psicólogo, onde através do processo dialético o cliente consegue aliviar seu sofrimento, no dito popular a psicoterapia é conhecida como o momento de fala que cura. Dentro desse atendimento cabe ao psicólogo fazer a escuta, conhecer melhor o indivíduo que se apresenta, acolher e após esse movimento avaliar qual seria a melhor estratégia e manejo clínico para utilizar no tratamento (JOYCE; SILLS, 2016).

A Gestalt-terapia é uma prática clínica que se ocupa na promoção do crescimento e desenvolvimento do potencial humano, destacando que esse processo é demorado, parte da subjetividade de cada um e essa prática não discursa falas que tratam as demandas de formas instantâneas (PERLS, 1969). Esse conceito vê o homem em sua totalidade, singularidade e responsável por suas próprias ações e mudanças (CARDELLA, 2002). Partindo desse pressuposto foi possível observar a possibilidade do psicólogo Gestalt-terapeuta utilizar a inteligência emocional como instrumento clínico no atendimento de jovens com demandas relacionadas às frustrações e expectativas futuras frente ao trabalho. Destacando que o trabalho do Gestalt-terapeuta não se baseia em algo padronizado, mas através dos fenômenos que vão aparecer no atendimento (FRAZÃO; FUKUMITSU, et al., 2015). Portanto o atendimento é de acordo com a subjetividade de cada cliente, a estratégia de trabalhar a inteligência emocional nessa prática será utilizada somente após a avaliação do terapeuta frente às necessidades do cliente (FRAZÃO; FUKUMITSU, et al., 2015).

Goleman (2018) afirma que as contribuições a respeito da inteligência emocional aplicada aos jovens, corroboram em benefícios pessoais e reduz o envolvimento do mesmo com os males sociais. Já o Gestalt-terapeuta pode utilizar a inteligência emocional como estratégia no atendimento com jovens em inserção no mercado de trabalho. No decorrer desta escrita foi abordado como é a percepção da juventude, seu percurso para ser inserido no mercado de trabalho e como a psicologia pode atuar, para que os jovens, passe por esse processo e se desenvolva de acordo com suas possibilidades, sem prejudicar sua saúde mental, mas sim, se ajustando de forma criativa frente às situações utilizando a inteligência emocional como ferramenta.

Em todo o seu estudo Goleman (2018) estabeleceu os 5 pilares essenciais para que a inteligência emocional seja desenvolvida e na interface com a gestalt-terapia é possível trabalhar o processo de desenvolvimento da inteligência emocional partindo de alguns conceitos básicos aplicados nessa abordagem. O primeiro pilar é a autoconsciência, considerada por Goleman a base de todos os outros pilares, pois quando o indivíduo não consegue reconhecer suas próprias emoções, será difícil gerenciá-las, acarretando a dificuldade de compreender o outro também. A percepção de si pode ser trabalhada na gestalt-terapia através da Awareness, um dos conceitos básicos dessa prática que possibilita ao cliente ampliar a consciência em relação ao que está em sua volta e o mesmo reconhece e consegue responder suas necessidades, mecanismo que se modifica pois tem relação com as experiências daqui e agora (CARDELLA, 2002).

O segundo pilar é a autogestão, o sujeito reconhece suas emoções e é capaz de identificar, controlar os impulsos emocionais respeitando os próprios limites e flexibilizar as situações (GOLEMAN, 2018). A autorregulação outro mecanismo da gestalt-terapia é quando o sujeito consegue lidar com as variedades de situações que aparecem de uma vez, categorizando e dando prioridade a situação mais emergente, conseguindo assim se organizar e priorizar situações e coisas (CARDELLA, 2002).

Tanto o terceiro pilar que é a consciência social explicada como a forma que olhamos e tratamos os outros, e o quarto pilar que aborda sobre a empatia forma que estamos para o próximo entendendo suas emoções, vão se dá na fronteira de contato. A Gestalt-terapia compreende essa fronteira como o lugar que se constrói a interação

dos indivíduos, onde o contato se estabelece e se isola, nesse campo ocorre as transformações do indivíduo e também os bloqueios que atrapalham o processo de crescimento do mesmo (CARDELLA, 2002). Sendo assim é necessário trabalhar esse mecanismo na psicoterapia para que o fluxo de crescimento e transformação do indivíduo seja estabelecido (CARDELLA, 2002).

O quinto pilar é a gestão de relacionamento, nesse ponto o indivíduo estará preparado para aplicar a inteligência emocional, sabendo assim se relacionar com os outros e se regulando as situações. O ajustamento criativo elucida a criação de novas possibilidades pessoais, ou seja, o sujeito se configura nas novas possibilidades que chegam até ele através da experiência, da vivência (CARDELLA, 2002).

Tanto os pilares da inteligência emocional quanto os conceitos básicos trabalhados na gestalt-terapia se atravessam. O intuito de utilizar a Inteligência emocional como recurso na prática terapêutica com jovens em processo de entrada para o mercado de trabalho, tem o propósito de possibilitar uma reflexão de suas experiências no aqui e agora, através da ampliação de consciência que vai possibilitar ao jovem cliente a percepção das dificuldades e bloqueios que impossibilitam o mesmo de executar suas atividades e projetos a curto, médio e longo prazo. Sendo assim, é possível utilizar a Inteligência Emocional como estratégia terapêutica para que o profissional da Psicologia possa recorrer, salientando a importância do Psicólogo estar muito bem-preparado tecnicamente e pessoalmente, ter formação específica, e estar em contínuo aperfeiçoamento dos seus saberes, competências e habilidades para distinguir se é viável ou não a utilização desse recurso.

#### **4. CONCLUSÕES**

A produção deste artigo propiciou reflexões acerca das dificuldades enfrentadas pela juventude no contexto brasileiro em sua inserção no mercado de trabalho, ressaltando que essas problemáticas variam de acordo com a situação socioeconômica de cada jovem e como a inteligência emocional pode ser trabalhada no processo terapêutico frente às demandas levadas por esses sujeitos ao espaço da psicoterapia.

Mesmo se qualificando para garantir uma vaga ou uma boa colocação no mercado, o jovem ainda vai percorrer um caminho desafiador, que demanda do mesmo

reconhecer seus sentimentos para ter um equilíbrio quando as expectativas e projetos não derem certo, pois o não reconhecimento assertivo das emoções além de atrapalhar as relações sociais, também pode propiciar no aumento das crises existenciais e transtornos depressivos e ansiosos.

Em relação a baixa quantidade de artigos produzidos por profissionais da psicologia sobre a temática que rege esse estudo, e a falta de atualização e criação de políticas públicas que assegurem a juventude, o desenvolvimento desse artigo foi produzido através de recortes da compreensão e visão da psicologia em diferentes áreas de atuação e publicações de trabalhos em áreas assistenciais relacionada ao objetivo principal desta pesquisa.

É importante enfatizar como a atuação do profissional da psicologia no desenvolvimento do autoconhecimento e gestão das emoções em jovens corrobora para que o mesmo aprenda a lidar melhor com os contratemplos que aparecem ao longo da vida, respeitando seus limites e se regulando as situações. O processo leva tempo, o Psicólogo avalia e monta estratégias de acordo com a demanda e singularidade de cada cliente, facilitando assim a caminhada terapêutica e estimulando as potencialidades desses indivíduos.

Deste modo, foi possível concluir que a inteligência emocional, ferramenta multidisciplinar, pode ser utilizada pelo profissional da psicologia no trabalho com jovens, contribuindo com a diminuição das emoções negativas na juventude, frente, às dificuldades para serem inseridos no mercado de trabalho, pois o mesmo vai conseguir administrar melhor suas emoções, promovendo e fortalecendo as relações sociais e melhorando a qualidade de vida desses indivíduos. Justificando, que a utilização da inteligência emocional vai partir de uma avaliação do psicólogo, um plano de intervenção elaborado pelo mesmo, que atende à demanda ou necessidade do cliente ou grupo.

Por fim, considera-se essencial mais investigações e pesquisas científicas produzidas por profissionais da área da psicologia sobre essa temática, pesquisas que possam auxiliar os psicólogos a trabalhar com a juventude no contexto terapêutico desenvolvendo a inteligência emocional, pesquisas que possibilitam ao psicólogo

utilizar recursos diversos aplicado em outras áreas que permite aos jovens uma reflexão sobre si, pesquisas que promovem a abrangência desse conhecimento à sociedade e que propicie com a criação de políticas públicas que contemplem a juventude sem distinção da classe social e contextos ao qual estarão inseridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4077>>. Acessado agosto, 2021.

BARDAGI, Marucia et al. Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicologia escolar e educacional**, v. 10, p. 69-82, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/jsB5Zs5gVrLdXZTkSgbLK9f/abstract/?lang=pt>>. Acessado agosto, 2021.

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, MLT da. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia**. Saraiva Educação SA, 2019.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última década**, v. 12, n. 21, p. 11-50, 2004. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/udecada/v12n21/art02.pdf> >. Acessado agosto, 2021.

CARA, Daniel Tojeira; SILVA, Danilo Moreira; PAPA, Fernanda de Carvalho. Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas. 2006. Disponível em: <[https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/51/1/CNJ\\_pol%c3%adtica\\_2\\_006.pdf](https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/51/1/CNJ_pol%c3%adtica_2_006.pdf) >. Acessado agosto, 2021.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta uma abordagem gestáltica**. Summus Editorial, 2002.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, p. 428-431, 2007.

CORDIOLI, Aristides. V. **Psicoterapias: Abordagens Atuais**. Artmed Editora, 2018.

DIAS, Cláudia; CRUZ, José Fernando; FONSECA, António Manuel. Emoções: Passado, presente e futuro. **Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 11-31, 2008. Disponível em: <<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/344> >. Acessado setembro, 2021.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, p. 272-283, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/33KF7yskTFtPcQpBDmX95Zg/?format=html>>. Acessado agosto, 2021.

- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/abstract/?lang=pt>>. Acessado agosto, 2021.
- FRAZÃO, LILIAN MEYER; FUKUMITSU, KARINA OKAJIMA. A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia. **São Paulo: Summus**, 2015.
- GARDENSWARTZ, Lee; CHERBOSQUE, Jorge; ROWE, Anita. **Inteligência emocional na gestão de resultados**. Clío Editora, 2012.
- GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLEMAN, Daniel; BOYATZIS, Richard; MCKEE, Annie. **O poder da inteligência emocional: Como liderar com sensibilidade e eficiência**. Objetiva, 2018.
- GOLEMAN, Daniel; SANTARRITA, Marcos. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. In: **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 1995. p. 370-370.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: **a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- OYCE, Phil; SILLS, C. Técnicas em Gestalt: **aconselhamento e psicoterapia**. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2016.
- Martins, V. **O Emocional Inteligente**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- NASCIMENTO, Isaías Peixoto dos Santos. Inteligência emocional: relação com inteligência, habilidades sociais, variáveis sociodemográficas e profissionais. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10980>>. Acessado setembro, 2021.
- NODARI, Cristine Hermann; CHARY, Vanessa Daniele. Gestão de projetos: uma análise a partir da perspectiva da inteligência emocional. **Sistemas & Gestão**, v. 10, n. 4, p. 644-53, 2015. Disponível em: <<https://revistasg.uff.br/sg/article/view/660>>. Acessado agosto, 2021.
- OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Mercado de trabalho: múltiplos (des) entendimentos. **Revista de Administração Pública**, v. 45, p. 1517-1538, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/RRLDDQpJqcDMttw999HpDQS/abstract/?lang=pt>>. Acessado agosto, 2021.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Artmed editora, 2013.
- PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**. Summus Editorial, 1969.
- PEREIRA, Natália Terroso. **Duração do desemprego do jovem brasileiro**. 2019. Dissertação de Mestrado. FURG.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen-ISSN: 2447-8717**, v. 2, n. 4, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/60/88>>. Acessado setembro, 2021.

RAITZ, Tânia Regina; PETTERS, Luciane Carmem Figueredo. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 408-416, 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/jNxSdtJbwbtPRXHBQwFwGMS/abstract/?lang=pt&format=html>>. Acessado agosto, 2021.

ROCHA, Sonia. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 533-550, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/T8BLxBwGfzYW8B99m9YYysG/?format=html&lang=pt>>. Acessado agosto, 2021.

RODRIGUES, Thiago Machado et al. Juventude e mercado de trabalho no Brasil: formação e empregabilidade. 2017. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/19868/4/Thiago%20Machado%20Rodrigues.pdf>>. Acessado agosto, 2021.

TAVELA JÚNIOR, José Sérgio et al. Manual de treinamento em Inteligência Emocional. 2018. Disponível em: <<http://tede2.unifenas.br:8080/jspui/handle/jspui/209>>. Acessado setembro, 2021.

TELES, Maria Luiza Silveira. **O que é Psicologia**. Brasiliense, 2017.

SOARES-LUCHIARI, Dulce Helena. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 14, n. 20, p. 81-92, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23487>>. Acessado setembro, 2021.

## **A MÚSICA COMO RECURSO NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DE ANSIEDADE**

Fabiane Silva Moraes Arpini<sup>1</sup>; Fernanda Neitzel Cypreste<sup>1</sup>; Vanda Nolasco Sepulcro; Naiara Maria de Oliveira Batista<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Formandas do curso de Psicologia da MULTIVIX de Cariacica no ano de 2021

<sup>2</sup>Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia

### **RESUMO**

Devemos considerar que a música possui uma grande influência em toda nossa vida, desde o nosso nascimento - através das cantigas de ninar- perpassando por toda nossa história, nas festas de família, nas brincadeiras com amigos, em programas de TV, filmes, propagandas etc. Através desse artigo, busca-se identificar as atribuições dos elementos musicais de forma positiva na potencialização das funções cognitivas de pessoas que estão em tratamento de saúde mental. Tem-se como principal objetivo investigar os efeitos da música sobre as emoções nos processos psíquicos e na terapia com ênfase nas funções cognitivas de pessoas com transtorno de ansiedade. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura bibliográfica, descritiva e qualitativa a fim de possibilitar a elaboração de uma análise mais ampla e objetiva sobre a música como instrumento de terapia. Com esse artigo, busca-se também a construção de um conhecimento mais aprofundado acerca da música como aliada no tratamento psicológico de indivíduos com quaisquer tipos de transtorno, mas principalmente a ansiedade, que pode ser tratada com medicamentos prescritos e terapia. Desta forma, é sabido que a musicalidade pode oferecer um valioso suporte ao processo terapêutico, com isso, planejou-se um estudo que visa verificar os impactos da música no tratamento da ansiedade, além de compreender a concepção da psicologia sobre o tema em questão.

**Palavras-chave:**Música, ansiedade, musicoterapia, terapia.



## ABSTRACT

Considering that music has a great influence on our entire life, since our birth, through lullabies, passing through our entire history, at family parties, in games with friends, in TV shows, movies, advertisements, and others. This one article, we seek to identify the attributions of musical elements in a positive way in enhancing the cognitive functions of people who are undergoing mental health treatment. Its main objective is to investigate the effects of music on emotions in psychic processes and in therapy with an emphasis on the cognitive functions of people with anxiety disorders. The methodology used was a literature review, descriptive and qualitative in order to enable the development of a broader and more objective analysis of music as a therapy instrument. This article also seeks to build a deeper knowledge about music as an ally in the psychological treatment of individuals with any type of disorder, but mainly anxiety, which can be treated with prescription drugs and therapy. Thus, it is known that musicality can offer valuable support to the therapeutic process, with this, a study was planned to verify the impacts of music in the treatment of anxiety, in addition to understanding the conception of psychology on the subject in question.

**Keywords:** Music, anxiety, music therapy, therapy.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o nosso nascimento, literalmente, a música se faz presente na vida dos seres humanos. Atualmente, até nas salas de parto utiliza-se da música para o relaxamento das gestantes durante o nascimento dos bebês e o chamado ruído branco é usado para despertar nos recém-nascidos a sensação intraútero. Mais para a frente, as músicas infantis tomam conta do universo da criança culminando nas músicas da adolescência e fase adulta. Músicas que fazem dormir, sonhar que emocionam e acalmam, que remetem a memórias afetivas que evocam momentos alegres ou tristes. Para a maioria das pessoas, a música faz parte do seu cotidiano de uma forma muito abrangente, sendo até mesmo rotineira em diferentes momentos e desfrutada no contexto tanto individual quanto coletivo.

Em contrapartida aos benefícios sociais e psicológicos que a música oferece, os transtornos de ansiedade podem fazer com que os indivíduos que os possuem, tentem evitar situações que desencadeiem ou piores seus sintomas. Assim, estes muitas vezes não frequentam ambientes coletivos onde poderiam relaxar e desfrutar com leveza de momentos descontraídos que envolvem a música. Tudo isso pode levar ao baixo desempenho no trabalho e nos relacionamentos interpessoais dos ansiosos.

Os transtornos de ansiedade estão entre os transtornos psicológicos mais comuns e debilitantes. Frequentemente, de natureza crônica, os transtornos de ansiedade estão associados a graves prejuízos nos domínios interpessoal e ocupacional. A maioria dos teóricos concorda que uma única causa etiológica não é suficiente para explicar a complexidade e heterogeneidade do desenvolvimento que caracterizam os transtornos de ansiedade. (RIBEIRO et al., 2019)

Diante disso, buscaremos com esse estudo compreender a relação música versus sistema nervoso através de observações das técnicas de monitoramento neural bibliografadas, além de descobrir de que forma a música tem sido usada como ferramenta de combate a ansiedade.

Segundo Castillo et al. (2000), os transtornos de ansiedade não são fáceis de identificar. Frequentemente, são exacerbações de preocupações normais ou traços de personalidade de longo prazo. Frequentemente ocorrem com outros transtornos que produzem sintomas semelhantes aos da ansiedade. Esses problemas apresentam desafios significativos de detecção e diagnóstico.

Ao questionarmos o porquê da música pode ser uma aliada no processo terapêutico, pretendemos exemplificar a forma com que a influência musical através da terapia pode atingir de maneira positiva indivíduos que possuem transtornos de ansiedade. Assim, ampliando-se as chances de sucesso no tratamento, afinal, a música é facilmente acessada em qualquer lugar.

A fim de direcionar a leitura do artigo e a discussão de seus fundamentos teóricos, este está dividido em três seções que demonstrarão os conceitos e síntese dos conteúdos.

A primeira seção explicará a importância, os conceitos e definições acerca da música como instrumento de relaxamento que permeia por toda a vida do ser humano. Serão exemplificados os aspectos históricos das fundamentações que embasam a musicalização como um instrumento terapêutico a ser considerado.

Na segunda, a ansiedade será esclarecida como apesar de ser um fenômeno natural de defesa no nosso sistema nervoso, quando desencadeado em excesso, pode provocar graves consequências para a saúde mental de qualquer pessoa.

Na última das etapas desse estudo, será feita a síntese dos temas investigados com o objetivo de se relacionar a música e a musicoterapia como ferramentas terapêuticas para os transtornos de ansiedade através dos estímulos sonoros.

## **2. REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A HISTÓRIA DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE TERAPIA**

Segundo Rocha (2013), desde a antiguidade, discute-se sobre as características mais marcantes da música e sua capacidade de evocar emoções e provocar sentimentos em quaisquer pessoas. Para Platão, a música tinha a capacidade de despertar diferentes traços morais específicos nos indivíduos, o que gerava conflitos e estranheza nesse período.

É muito comum ao estudarmos história ao longo de nossa vida, nos depararmos com a música presente em diversos momentos marcantes. As melodias auxiliam o ser humano em sua fala, na comunicação, na socialização, no relaxamento, etc. É humanamente impossível que alguém se lembre do seu primeiro contato com a música, afinal de contas, desde o nosso nascimento ela está presente em nossa jornada.

Toro (2000 apud Junior, 2008) discorre acerca do papel terapêutico atribuído à música, que era considerado fundamental para a sociedade pelos grandes filósofos gregos:

“[...] como Platão, o qual considerava que a música trazia serenidade; Aristóteles, que valorizava a música por suas capacidades de facilitar uma catarse emocional; e Pitágoras, que considerava a possibilidade de a música restabelecer a harmonia espiritual, descrevendo-a como a medicina da alma (p.17).

Segundo Todres (2006, p.162) “o conceito de música como um remédio para a mente e o corpo é antigo. Apolo, o deus da mitologia grega, era o provedor da medicina e da música. ” Desde esse tempo, já se mostrava que a música afeta as necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais de indivíduos de todas as idades.

A música é entendida aqui como a decorrência de sons e silêncio formada ao longo do tempo, e apresenta elementos como ritmo, timbre, harmonia e melodia, componentes musicais capazes de afetar todo o organismo humano, de modo físico e psicológico, pois através destes elementos o ouvinte da música responde tanto de maneira afetiva quanto corporal (FERREIRA, 2005 apud FILHO et.al 2019, p. 896)

De acordo com o autor, os benefícios da música já são reconhecidos há séculos, mas apenas em anos mais recentes esse instrumento tem sido aprovado e estudado de forma mais científica. Os estudos acerca da música como ferramenta na terapia se iniciaram no século XIX com Philippe Phinel, médico fundador da Psiquiatria na França, iniciou o trato moral nos asilos, no qual incluía a música que deveria ser “harmoniosa”.

De acordo com Junior (2008) na idade média os benefícios da música desapareceram, só voltando a serem investigados com o surgimento das escolas de medicina, sendo inclusive utilizados como objeto de experimento nas chamadas epidemias de música ou em doentes melancólicos e até mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, após comprovação dos seus efeitos relaxante e sedativo.

Na Segunda Guerra Mundial ressurgiu a música como terapia nos Estados Unidos, em hospitais para recuperação de neuróticos de guerra e, na Argentina, por ocasião de uma epidemia de poliomielite, que dizimou centenas de pessoas. Esses fatos levaram à criação dos primeiros cursos de formação de musico terapeutas na Argentina e nos Estados Unidos. (p. 17)

Atualmente, a capacidade da música de despertar emoções, apesar de constantemente observada no cotidiano, ainda precisa ser mais estudada. Uma compreensão mais apurada das estruturas envolvidas na evocação de emoções por música pode contribuir para o tratamento de distúrbios como ansiedade, depressão, entre outras doenças, uma vez que a música ativa áreas como o hipocampo (que poderia ter relação com a depressão) (KOELSCH, 2010 apud Rocha, 2013).

É um instrumento que pertence ao ser humano, sujeitando à partilha de emoções ou afetos. Possibilitando ainda a recordação de memórias emocionais, tornando-se, assim, um transporte para sentimentos inacessíveis de outro modo (AREIAS, 2016 apud FILHO et.al 2019, p. 896)

A música é capaz de influenciar o sistema nervoso autônomo do ouvinte e, conseqüentemente, provoca emoções diversas que vão desde as mais simples como a alegria e a tristeza, chegando as mais complexas, desencadeando sensações de ânimo que afetam o corpo e a mente.

Assunção et al. (2020), fala que a música promove efeitos dos mais diversos tipos na mente humana. É praticamente impossível falar sobre fatores que influenciam o comportamento humano sem que haja, em algum momento, algo relacionado à música. Desta forma, compreende-se que a música desperta nos indivíduos a sensação de tranquilidade e/ou liberdade, o que é de grande valia no tratamento terapêutico da ansiedade, que muitas das vezes é despertada por sentimentos de aprisionamento.

Essa resposta corporal e emocional à música é compreendida ao investigarmos o cérebro humano. Desta forma, examinam-se as inúmeras partes do órgão que mostram algum tipo de reação ao som da música. Entende-se que a música o incita e as emoções do ouvinte, observa-se as áreas atingidas pela música no cérebro também correspondem às áreas relativas às emoções e à criatividade.

De acordo com Todres (2006 p.166) a música “age como um estímulo em competição com a dor, distrai o paciente e desvia sua atenção da dor, modulando, desta forma, o estímulo doloroso”. Estudos de imagem cerebral demonstraram atividade e alterações no sistema nervoso auditivo através da exposição a música. Aparentemente, a música é consegue baixar os níveis mais elevados de estresse e que “certos tipos de música, tais como a música meditativa ou clássica lenta, reduzem os marcadores neuro-hormonais de estresse” (p.167).

A percepção do som envolve uma série de estruturas cerebrais, tais como córtex pré-frontal, córtex pré-motor, córtex motor, córtex somatossensorial, lobos temporais, córtex parietal, córtex occipital, cerebelo e áreas do sistema límbico, incluindo a amígdala e o tálamo (OVERY; MOLNAR-SZACKACS, 2009 apud ROCHA, 2013 p. 133).

O exercício musical promove um avanço cognitivo, estimula a atenção, a memória, a destreza motora e cria unidade entre linguagem, música e movimento. A música provoca vibrações ou sensações que despertam no indivíduo

De acordo com Junior (2018), as melodias não são meros produtos biológicos que se adaptam ao homem e ao mundo como resposta ao processo de seleção natural, mas sim “uma tecnologia transformativa: um produto cultural com substratos biológicos que modifica o modo como interagimos com o mundo” trazendo assim, vantagens, benefícios e qualidade de vida a quem as tem.

## **2.2 OSTRANSTORNOS DE ANSIEDADE**

Para compreender os transtornos de ansiedade é importante que seja esclarecido que o conceito de ansiedade vem sendo cada vez mais usado pelo senso comum para caracterizar sensações características do medo, ou surpresa que nem sempre estão de fato atreladas ao conceito clínico desse fenômeno. A ansiedade é, de fato, uma reação normal ao estresse e pode ser benéfica em algumas situações, ao nos alertar sobre perigos e nos ajudar a nos preparar e prestar atenção.

A ansiedade define-se enquanto fenômeno clínico quando implica em um comprometimento ocupacional do indivíduo, impedindo o andamento de suas atividades profissionais, sociais e acadêmicas, quando envolve um grau de sofrimento considerado pelo indivíduo como significativo e quando as respostas de hesitação e eliminação ocuparem um tempo considerável do dia. (ZAMIGNANI E BANACO, 2005, p. 78, 79)

Ribeiro et al. (2019), aponta que os transtornos de ansiedade estão entre os transtornos psicológicos mais comuns e debilitantes. Frequentemente, de natureza crônica, estes estão associados a graves prejuízos nos domínios interpessoal e ocupacional. A maioria dos teóricos concorda que uma única causa etiológica não é suficiente para explicar a complexidade e heterogeneidade do desenvolvimento que caracterizam os transtornos de ansiedade.

Segundo Castillo et al. (2000), os transtornos de ansiedade podem ocorrer desde a infância e possuem características que são manifestadas através do medo e das preocupações normais ou exageradas. Devido ao seu emocional ainda estar

passando pelo processo de desenvolvimento, é mais difícil para os pequenos perceberem se suas angústias são comuns ou patológicas. Assim, ocasionando muitas vezes em um diagnóstico tardio devido a sua imaturidade.

A forma mais fácil de se distinguir a ansiedade normal da ansiedade patológica é basicamente observar se a reação ansiosa é tem curta duração, se é autolimitada e relacionada ao estímulo do momento ou não, causando sofrimento e perturbação ao indivíduo.

A identificação precoce dos transtornos de ansiedade pode evitar repercussões negativas na vida da criança, tais como o absenteísmo e a evasão escolar, a utilização demasiada de serviços de pediatria por queixas somáticas associadas à ansiedade e, possivelmente, a ocorrência de problemas psiquiátricos na vida adulta. (CASTILLO et al. 2000, p. 23)

Para Fonseca et al. (2009), a ansiedade é uma emoção caracterizada por sentimentos de tensão, pensamentos preocupados e mudanças físicas, como aumento da pressão arterial. Pessoas com transtornos de ansiedade geralmente têm pensamentos ou preocupações intrusivas recorrentes. Eles podem evitar certas situações por preocupação. Eles também podem ter sintomas físicos, como sudorese, tremores, tonturas ou taquicardia.

Cerca de um quarto de todas as pessoas experimentam ansiedade de forma prejudicial à saúde. Experimentar ansiedade ocasional é uma parte normal da vida. No entanto, as pessoas com transtornos de ansiedade frequentemente apresentam preocupações e medos intensos, excessivos e persistentes em relação às situações cotidianas.

Os transtornos de ansiedade diferem dos sentimentos normais de nervosismo ou ansiedade e envolvem medo ou ansiedade excessivos. Estes são os mais comuns dos transtornos mentais e afetam quase 30% dos adultos em algum momento de suas vidas. Possuem vários tratamentos eficazes - como a terapia através da música disponíveis, que são capazes de ajudar a maioria das pessoas a levar uma vida produtiva normal. (CASTILLO et al., 2000)

De acordo com Zamignani e Banaco (2005, p.79), “o padrão comportamental característico dos transtornos de ansiedade, é a esquiva fóbica”, que é a reação do

indivíduo diante de um evento ameaçador ou incômodo, este, reage de forma a eliminar, amenizar ou adiar esse evento.

O que diferencia cada um destes transtornos é o tipo de evento experimentado como ameaçador ou incômodo e/ou o tipo de resposta na qual o sujeito se engaja de forma a produzir uma diminuição do contato com o estímulo aversivo (processos de fuga/esquiva). As respostas envolvidas nesse processo podem ser classificadas como respostas de hesitação e/ou eliminação do estímulo temido, assim como respostas de verificação ou outras respostas repetitivas que pospõem ou eliminam temporariamente a ameaça da apresentação desse estímulo.

Segundo Ribeiro et al. (2019), frequentemente, os transtornos de ansiedade envolvem episódios repetidos de sentimentos repentinos de aflição intensa e medo ou terror que atingem o pico em minutos podendo causar ataques de pânico.

### **2.2.1 Os tipos transtornos de ansiedade mais conhecidos**

Numa ótica geral, a ansiedade apesar de ser uma experiência normal e natural para todo ser humano, pode se tornar patológica quando em excesso, e a partir daí passando a ser diagnosticada como um transtorno, segundo os critérios definidos pelos manuais de saúde. Desta forma, ela é passível de tratamento a partir de técnicas específicas que identificam o pensamento desencadeador da ansiedade e das preocupações intensas, contrapondo o indivíduo com a realidade e trabalhando sua resposta comportamental.

Os transtornos de ansiedade geralmente incluem as seguintes condições: transtorno de angústia da separação, transtorno do pânico, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de estresse pós-traumático e transtorno obsessivo compulsivo. O medo, a angústia e o desequilíbrio em todos esses tipos de transtorno, desencadeados por fatores sociais que na maioria das vezes, fogem ao controle do ansioso. (CASTILLO et al., 2000)

De acordo com o autor, o transtorno de ansiedade de separação atinge principalmente crianças e adolescentes e é caracterizado por ansiedade excessiva em relação ao afastamento dos pais ou responsáveis - cuidadores ou quem assume o papel materno e paterno na vida do indivíduo-, de maneira inadequada ao nível de desenvolvimento,



que persiste por, pelo menos, quatro semanas, causando sofrimento intenso e prejuízos significativos em diferentes áreas.

Segundo Ramos (2015), o Transtorno de Pânico é caracterizado pela ocorrência espontânea de ataques de pânico. Estes, geralmente acontecem por menos de uma hora e causam a sensação de intensa ansiedade ou medo, articulados com casos de palpitações, respiração ofegante e até mesmo medo de morrer.

O indivíduo “pode ter múltiplos ataques durante um único dia até, apenas, alguns ataques durante um ano. Estes ataques podem ocorrer acompanhados por agorafobia” que se trata pelo medo de estar sozinho em lugares com maior público, principalmente, espaços onde há poucas rotas de fuga em caso de ocorrer um ataque de pânico. (RAMOS 2015, p.11),

O transtorno de ansiedade social, é conhecido principalmente como fobia social. Trata-se de uma doença de curso crônico, potencialmente incapacitante e com grandes chances de ocasionar comorbidades. Manifesta-se como um medo excessivo de humilhação ou timidez em diferentes contextos sociais, como falar, se expressar, comer ou praticar atividades físicas em público. Muitas vezes, o que influencia o paciente na busca por tratamento é a dificuldade nos relacionamentos afetivos românticos.

Castillo et al. (2000) aponta que o Transtorno de Ansiedade Generalizada – TAG, acomete aos mais jovens, que apresentam medo “excessivo, preocupações ou sentimentos de pânico exagerados e irracionais a respeito de várias situações”. Estes constantemente estão mais tensas e demonstram que “qualquer situação é ou pode ser provocadora de ansiedade”.

Trata-se de pessoas que estão sempre bastante atormentadas com o julgamento alheio em relação a seu desempenho em qualquer área e “necessitam exageradamente que lhes renovem a confiança, que as tranquilizem” (p.21).

Ramos (2015) afirma que o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), ocorre quando se passa por uma situação que desencadeia um trauma emocional de grande intensidade. “Esses traumas incluem guerras, catástrofes naturais, agressão física,

estupro e sérios acidentes”. Na maioria das vezes, estas situações estão vinculadas com “alguma forma de ameaça real ou possível à sua vida ou integridade física e mental” (p.14).

De acordo com o autor, o TEPT envolve características que pressionam o indivíduo psicologicamente:

Reviver o trauma através de sonhos e de pensamentos; evitar persistentemente fatos, objetos ou quaisquer situações que lembrem o trauma; Medo de que a situação venha a se repetir; Sensações físicas de desconforto e ansiedade que podem ser desencadeados pela simples recordação mental do trauma. A pessoa tem recordações com muita aflição, incluindo imagens ou pensamentos do trauma vivenciado. (p.14)

As recordações, sonhos amedrontadores infelizmente costumam ocorrer e o indivíduo responde agindo ou sentindo como se o evento traumático estivesse acontecendo novamente. Tudo isso provoca grande sofrimento psicológico reforçando ainda mais suas limitações.

O Transtorno Obsessivo-compulsivo (TOC), trata-se de uma doença em que o indivíduo demonstra obsessões e compulsões, ou seja, padece de ideias e/ou comportamentos considerados absurdos ou desnecessários para o próprio indivíduo e para quem está a sua volta.

Considera-se que suas atitudes são incontroláveis, repetitivas e persistentes. “A pessoa é dominada por pensamentos desagradáveis de natureza sexual, religiosa, agressiva entre outros, que são difíceis de afastar de sua mente” (p.12), não fazem muito sentido, sendo gradativamente dispersadas por novas formas de comportamento.

As obsessões são pensamentos recorrentes caracterizados por serem desagradáveis repulsivos e contrários à índole do paciente. Tais pensamentos não são controláveis pelos próprios pacientes e causam significativa perda de tempo, sofrimento pessoal e queda no rendimento em atividades. Há perda do controle sobre os pensamentos, e às vezes ocorrem atitudes ou comportamentos que visam neutralizar a ansiedade causada por tais pensamentos. Assim, compulsões podem ocorrer secundariamente às obsessões. (RAMOS 2015, p.12)

Diante das características descritas acerca dos tipos mais comuns de transtorno de ansiedade, buscou-se investigar de que forma a musicoterapia poderia auxiliar no

processo de tratamento destes pacientes. Considerando o histórico e a importância desta arte que está presente em diversos momentos e circunstâncias de nossa vida, agora trataremos da música e sua influência nos processos terapêuticos.

### **3. A MÚSICA E A MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE PACIENTES COM TRANSTORNOS DE ANSIEDADE**

De acordo com Júnior (2008), o uso da música na área da saúde não se trata de uma prática exclusiva dos musicoterapeutas. Outros profissionais deste campo - que muitas das vezes se deparam com situações onde os pacientes que possuem ou não transtornos de ansiedade, podem ter a sensação de inquietação ou pânico -, como médicos, dentistas, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, enfermeiros, etc., fazem uso da música como mais uma ferramenta de suporte em sua prática profissional.

A musicoterapia, trata-se de uma terapia que utiliza sons, não só de instrumentos musicais, mas também sons internos, ou os que são produzidos através de movimentos do próprio corpo do ser humano ou até mesmo do silêncio. Esta teoria serve para trabalhar questões pessoais, sociais e psíquicas de pessoas de todas as idades de forma preventiva ou para controle dos sintomas da ansiedade e de outras doenças da mente. (ROCHA E BOGGIO 2013)

Sabendo que a música influencia o sujeito em vários aspectos, pode-se encontrar a aplicação da mesma como ferramenta de promoção de saúde na Musicoterapia, que resulta na promoção e facilitação da expressão, conservação, relações, organização cognitiva, física, mental, social, gerando assim o aumento da qualidade de vida do sujeito (PANACIONI, 2012 apud FILHO, 2019 p. 899)

A música é uma arte milenar capaz de promover efeitos dos mais diversos tipos e de grande magnitude na mente humana. É improvável tratar sobre elementos que interferem no comportamento humano sem que haja, em algum momento, uma relação, por menor que seja, com a música. Pesquisas tem sugerido que as melodias podem ser um aliado em tratamento de sintomas de ansiedade. (ASSUNÇÃO et.al 2000)

Segundo Junior (2018), a música é uma modalidade de tratamento eficiente não invasivo e não doloroso, ao contrário de outras técnicas médicas. Ao ser aplicada de forma correta, sua utilização tem poucos ou quase nenhum efeito secundário; a terapia está facilmente ao dispor do doente, tanto no hospital como em sua residência, permitindo que até sua família (acompanhantes do paciente) tenha uma participação ativa no seu tratamento. Isso tudo sem comentar da economia de recursos com terapias e com a internação, ao atuar de forma preventiva e imediata.

Rocha e Boggio (2013) apontam aspectos importantes da música, a partir de uma percepção quanto à forma que é produzida e a capacidade de “gerar interações auditivo-motoras no cérebro de quem a executa e, também, no de quem ouve”. Os autores afirmam que é necessário compreender dois conceitos importantes para que se identifique essas interações. São eles: Feedforward e Feedback.

O primeiro está relacionado à capacidade do indivíduo de prever eventos, como bater os pés no ritmo de uma música. Já o segundo, trata da capacidade de realizar alterações no processo motor a partir da audição de estímulo sonoro, como um instrumentista afina seu instrumento musical para que as notas soem perfeitamente.

A relação dessas teorias com os tratamentos dos transtornos de ansiedade está ligada no sentido de que o indivíduo se concentre nessas ações referentes ao som preliminarmente, em momentos de meditação ou em momentos de crise, para que este consiga se controlar sem que haja a necessidade de intervenção clínica ou para diminuir a possibilidade de danos a si mesmo e a terceiros.

O uso da música, a partir do entendimento músico terapêutico, apresenta-se também como um trabalho preventivo, pois tende ao “esvaziamento” e canalização das energias de ansiedade e tensão, evitando que estas se ampliem e produzam bloqueios psicossomáticos que provocam, por exemplo, o estresse e a depressão. A música então favorece: a integração de pessoas, reconstrução de identidades, redução de ansiedade e construção de autoestima, principalmente para o tratamento de pacientes com problemas mentais (BARRETO, 2011 apud FILHO, 2019 p. 899).

A musicoterapia atua de forma multidisciplinar, ou seja, onde vários profissionais podem estar trabalhando em conjunto de forma dinamizada, a fim de promover uma melhora no quadro do paciente com transtorno de ansiedade. Através dela são

utilizados sons que podem despertar sensações que muitas vezes os pacientes nem sabem podem sentir.

Utilizar-se de músicas que o paciente não goste, ou que cause irritação ao mesmo, pode prejudicar o tratamento ao invés de ajudar. Pode-se entender que não existe um tipo padrão de música. Músicas escolhidas para diferentes finalidades específicas dizem respeito a áreas e profissionais específicos, por exemplo, a musicoterapia (ANDRADE; JORGE PEDRÃO, 2005 apud JÚNIOR, 2008 p. 20)

Não existe restrição relacionada aos gêneros musicais que podem ser usados em procedimentos terapêuticos, mas pesquisadores concordam sobre o uso de música com som ambiente (sons da natureza) ou música erudita instrumental. Esses estilos aumentam níveis de concentração, uma vez que a ausência de vozes humanas supostamente não influenciaria ou evocaria lembranças ou pensamentos, quesitos estes que ficam comprometidos em pessoas com sintomas de ansiedade.

Contudo, a musicoterapia tem objetivos e técnicas específicas para cada tipo de tratamento. Nela o paciente é visto como um todo, e a partir do seu diagnóstico são trabalhadas músicas através da memória musical que remetem ao algum momento pacífico, ou seja, sem grandes turbulências em sua vida.

A Musicoterapia utiliza harmonias, sons, ritmos, instrumentos musicais como uma forma de tratamento adicional para várias disfunções psicológicas, auxiliando, assim, o sujeito a enfrentar várias patologias que circundam o desenvolvimento, as relações, a comunicação, a aprendizagem, a mobilização, etc. Além disso, apresenta características que desenvolvem potenciais e recupera papéis do sujeito de maneira que ele possa atingir inserção pessoal e social (BARRETO, 2011 apud FILHO, 2019 p. 899).

Antes do início do tratamento é feito o processo de anamnese onde toda a vida do sujeito é estudada a fundo para que, assim, a partir de então possa se compreender quais tipos de música ou melodias podem ser eficazes em seu tratamento.

De acordo com Filho (2019) a prática de mindfulness, que se trata de uma técnica de meditação que potencializa o uso da música como um recurso de suporte no tratamento dos transtornos de ansiedade. Esta, “visa proporcionar maior nível de atenção para contemplar as experiências e aceitá-las, livre das concepções que apareçam na consciência”. (p. 899)

Quando a meditação é aliada a música o processo de concentração é aprimorado e fica livre das preocupações presentes no subconsciente. É proporcionada ainda ao paciente modificações nos aspectos psicofisiológicos e uma agilidade superior durante uma provocação negativa reduzindo a ansiedade e aumentando afeto positivo

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível perceber que a música possui um longo histórico de influência na vida do ser humano perpassando por todos os âmbitos e momentos de nossa vida. A música remete a memórias de bons e maus momentos o que a torna uma ferramenta essencial no processo terapêutico.

A música está presente desde o nosso nascimento, passando pela nossa infância e chegando a nossa vida adulta nos trazendo todo tipo de memória. Seja através de uma música que nos marcou na infância, ou alguma música que esteve presente num momento marcante dos nossos relacionamentos da adolescência ou as músicas que representam a nossa personalidade, etc. A música é uma arte que faz parte do ser humano e por isso é uma grande ferramenta no processo terapêutico.

Conseguiu-se evidenciar bastante as características dos transtornos de ansiedade. Os sentimentos de medo, de desconfiança ou de dúvida, de frustração podem desencadear no indivíduo respostas quase que irremediáveis se não forem identificadas e tratadas.

Descobrimos que alguns transtornos ocorrem mesmo quando ainda somos bebês, outros são desencadeados ao longo da vida por situações traumáticas. Infelizmente, existem os transtornos que nascem com o indivíduo e se tornam mais evidentes no decorrer de sua vida.

Diante deste estudo, percebeu-se que é importante que ao se identificar o transtorno, se busque o tratamento para estes de forma adequada. Através de uma abordagem multidisciplinar a musicoterapia é um recurso para todo tipo de terapia em saúde mental, não só nos casos de ansiedade.

Nem todos os transtornos se curam, mas todos têm tratamento. É necessário se compreender que cada indivíduo pode ter uma vida mais saudável quando buscar

ajuda dos profissionais da psicologia para lidar com transtornos de ansiedade outras patologias.

Por fim, foi esclarecido que a música devido ao fácil acesso de qualquer lugar e a influência positiva das boas memórias e dos estímulos cerebrais que ela produz pode ser uma grande aliada no processo terapêutico. Afinal, essa facilidade permite que as crises sejam controladas mais rapidamente evitando maiores prejuízos ao indivíduo.

Este estudo é uma porta para muitos outros que poderão vir futuramente. Assim como o conhecimento é macro, ou seja, é para a vida, a musicoterapia também é. Apesar de pouco disseminada é um caminho acessível para o tratamento de patologias relacionadas ou não com a ansiedade.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Wildson Cardoso. et al. O Tratamento de Sintomas de Ansiedade Baseado na Música e Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. Educação Psicologia e Interfaces**. V. 4, n. 1, p. 127-143. 2020

CASTILLO ARGL, Recondo R, Asbahr FR, Manfro GG. Transtornos de ansiedade. **Rev Bras Psiquiatr**, v.22, 20-23, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006>> Acesso em 21 out. 2021.

CARVALHO, Jullya Anne Sá de. et al. Os Efeitos Neuropsicológicos da Musicoterapia na Qualidade de Vida de Pacientes em Idade Senil. **Rev. COSMOS ACADÊMICO**, vol. 4, nº 2 – Ago.a Dez. 2019. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6286>> Acesso em 11 out. 2021.

FILHO, Eduardo Ferreira do Amaral. et al. A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE EM CASOS DE ANSIEDADE. **Revista Transformar**, v. 13, n. 7, p. 822-904, jul. 2019. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/313>> acesso em 23 de set. 2021

JÚNIOR H. Eficácia terapêutica da música: um olhar transdisciplinar de saúde para equipes, pacientes e acompanhantes. **Rev. enferm. UERJ.**; 26-29, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.29155>> Acesso em 05 out. 2021.

MARTINS, Israel Casas Novas. **A música como instrumento de socialização: um estudo de caso sobre os benefícios da musicoterapia para a saúde e integração do idoso**. 2017. 38 f. TCC (Bacharelado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/19311>> Acesso em 26 set. 2021.

RAMOS, T. R. Transtorno de ansiedade. **Rev. Bras Med**, Ed. Jr, v. 11, n. 66, nov. 2009. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id\\_materia=4131&f\\_ase=imprime](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=4131&f_ase=imprime)> Acesso em 26 set. 2021.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.27, 2013, p.132-140. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-75992013000100012>> Acesso em 11 out. 2021.

JÚNIOR, José Davison da; SÁ, Leomara Craveiro de; BACHION, Maria Márcia. Interfaces entre a musicoterapia e bioética. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Brasília, DF, v. 11, n. 9, p. 28-41, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/17876>> acesso em 10 de set. 2021

TODRES ID. Music is medicine for the heart. **J Pediatr**2006;32:166-168. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0021-75572006000300002>>. acesso em 07 out. 2021.

ZAMIGNANI, DR; BANACO, Roberto Alves. Um panorama analítico-comportamental sobre os transtornos de ansiedade. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 7, n. 1, p. 77-92, jun. 2005 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15175452005000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15175452005000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 15 out. 2021.